

DR. JAGUARIBE

HOMENS E IDÉAS

NO

BRASIL

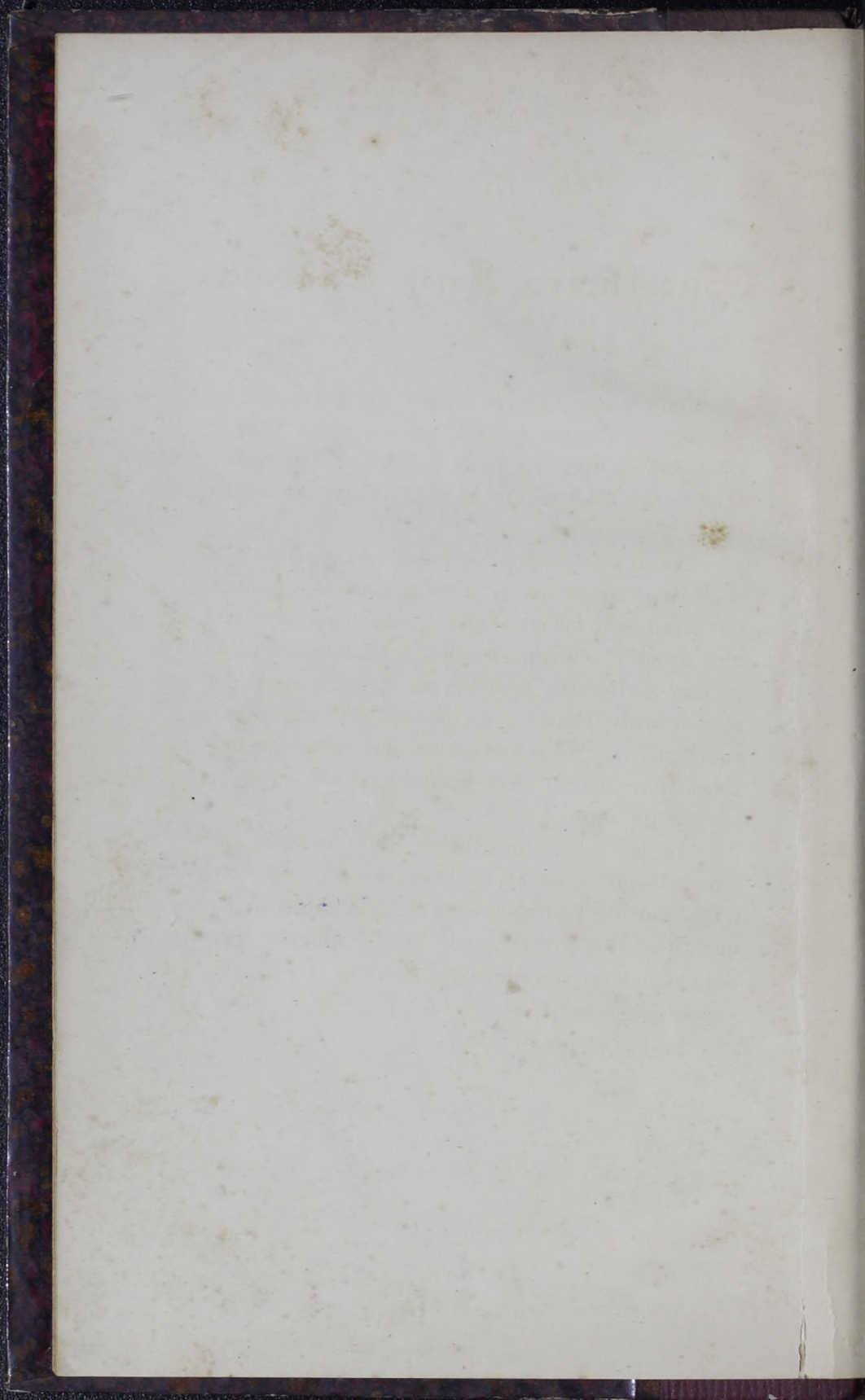
2^a EDIÇÃO

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"
Tombo N.º 27.477
MUSEU LITERÁRIO

RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rua do Ouvidor 31.

1889



Ao Ex.^{mo} Sr.

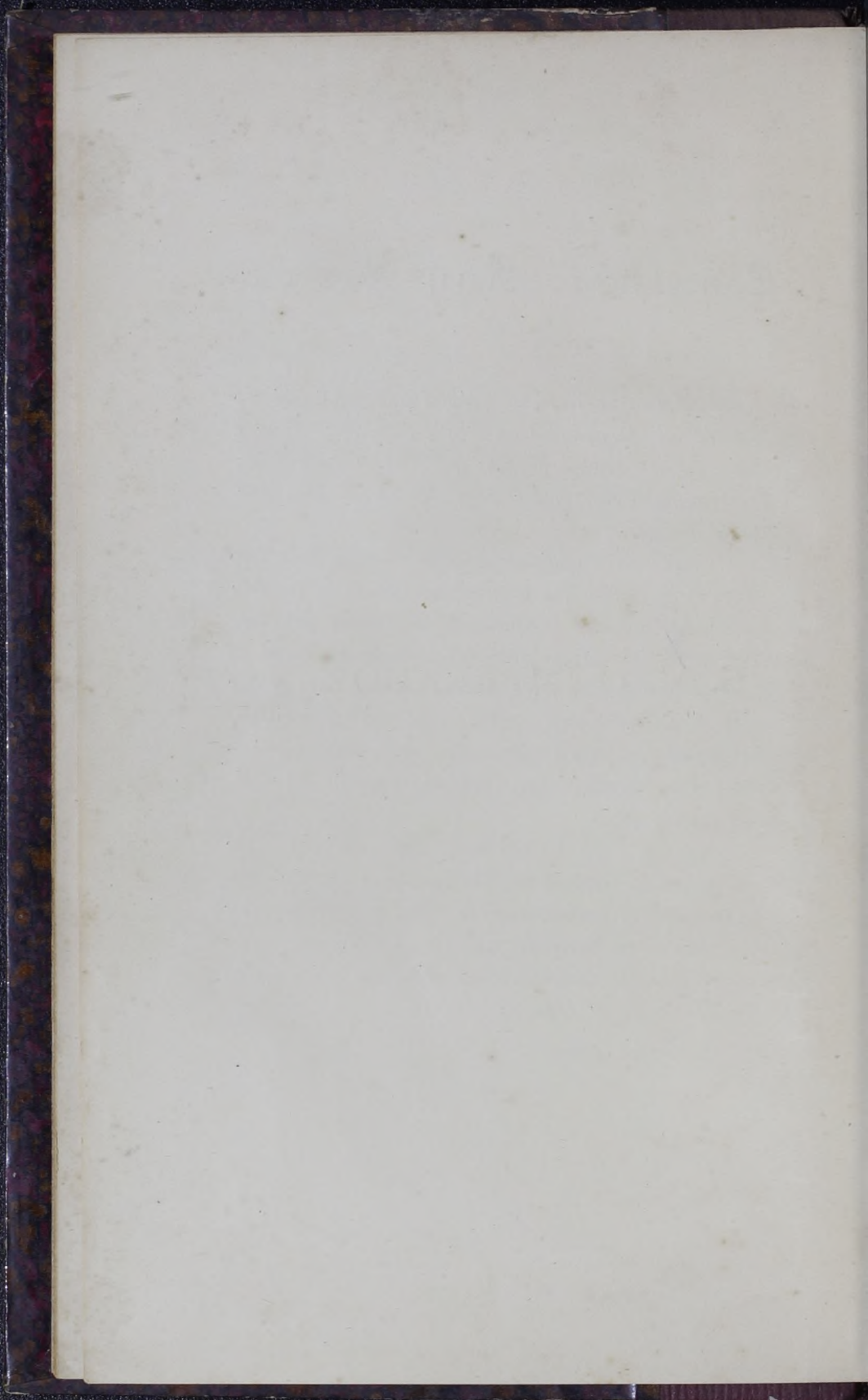
Conselheiro Ruy Barbosa

Contem este livro os artigos que publiquei no *Fornal do Commercio* da Côrte em 1885, 1887 e 1888, sob os titulos *Cartas a S. M. o Imperador. O Partido Conservador e a Regencia. O Conselheiro Belisario.*

Tendo visto realizados todos os conceitos que enunciei e vendo que o presente estado da politica no Brazil, produz confusão e azedumes pelo habito de só se cultivar entre os homens politicos as paixões partidarias, que devem morrer para poder medrar mais intenso o sentimento do patriotismo, eu julguei que devia apresentar este estudo aos leitores, que poderão aferir tambem por elle os sentimentos do autor.

Ao Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Ruy Barbosa, que tem pela sua coherencia, abnegação e grande erudição influido poderosamente para a evolução por que passam os partidos no Brazil, offereço estas despretenciosas considerações reunidas neste livro com o titulo — *Homens e Ideas.*

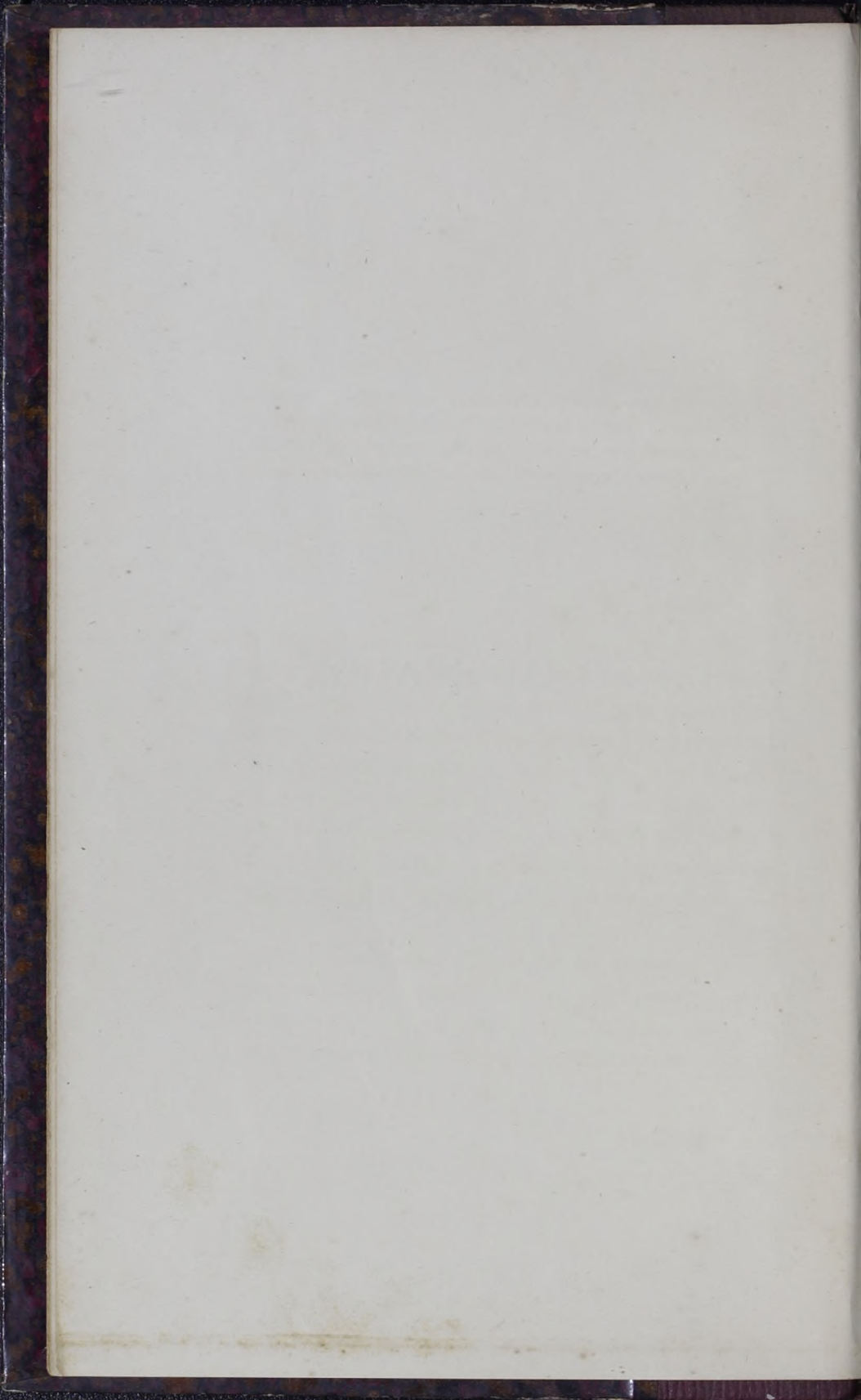
Junho de 1889.



CARTAS

A

S. M. O IMPERADOR



I

Razões d'estas cartas. Eleições e divisões dos districtos. O que se fez em S. Paulo. Tatica Imperial. Mudanças que se tem operado. Porque as Provincias hão de eleger republicanos. Moral d'esta epistola.

Senhor!

É natural que vossos subditos procurem V. M. Imperial e com o respeito e acatamento que vos votam, manifestem os sentimentos que n'elles dominam; pois não ignora Vossa Magestade quanto as idéas e o espirito que animam os homens, podem desviar as virtudes e felicidade da patria, se a ellas não presidirem os sagrados principios do patriotismo e da verdade, a qual, como ensina Seneca, deve fallar uma linguagem simples e sem arte.

A incerteza do futuro faz com que o homem tenha seu espirito preso ao corpo, que cahe na valla commum, ao mesmo tempo que a outra parte incita constantemente a pensar na immortalidade

da alma e no amor á gloria. V. M. Imperial, que tem dado tantas provas do apego que tem á fama sentir-se-ha porventura menos preocupado das atenções, que deve á parte mundana, que diz respeito ás relações pessoaes dos homens, uns para com os outros?

Tal é, senhor, o ponto de partida das considerações que vos dirige um grande desconhecido, certo do interesse e responsabilidade que toma a si.

O assumpto que prende actualmente o espirito publico é o resultado das eleições que se procederam no paiz, as quaes pela nova reforma eleitoral deram um resultado, que só não deve ter surpreendido a V. M. Imperial; pois é conhecido o esforço que Vossa Magestade empregou para que o vosso ministro Sinimbú não consentisse que se retirasse o direito politico do povo, consagrado na Constituição, ⁽¹⁾ para crear-se uma lei aristocratica, que, sem a reforma da Constituição, foi, depois, posta em pratica pelo conselheiro Saraiva, o homem que exprobrou V. M. Imperial pelo seu poder pessoal.

O resultado da eleição provou exuberantemente que não se podem violar impunemente os

(1) A reforma eleitoral violou completamente o artigo 91 da Constituição, que dava o direito do voto ao povo.

direitos de um povo, e, se nas reformas sociaes os artificios dos homens entram como complementares d'ellas, depressa se vê a grande reforma cobrir-se de likens, parasitas, e amarellecer sem dar fructos sazonados, de modo que o germen da liberdade não pôde brotar, para reverdecer na superficie do rico solo da patria, em toda a parte onde a natureza é uberrima e sem rival no mundo, como acontece ao nosso paiz, que na phrase de Humboldt « é destinado a ser o emporio das nações futuras. »

As divisões dos districtos em todo o Imperio, foram feitas por homens da politica liberal, que só cogitavam de escolher os lugares, onde havia maioria de eleitores de seu partido, de modo a tornar impossivel a entrada de seus adversarios no parlamento.

Nesta grande e gloriosa provincia de S. Paulo, no 1.º, 6.º, 7.º e 8.º districtos, ha verdadeiras *ilhas politicas*, collegios entranhados á força na circumscripção territorial do districto ; entretanto, Senhor! V. M. Imperial sabe que poucos annos são passados, e o artificio dos politicos foi castigado com o soberano desprezo dos homens, que guiando-se pela opinião creada pelos verdadeiros amigos da patria, não pôdem prestar este culto que se rende ao governo nos lugares atrasados, onde a

iniciativa é uma planta exotica e a independencia é desconhecida. (1)

Que gloria, Senhor, para V. M. Imperial ter em tão curto periodo enchido de uma confiança desusada aquelles chefes liberaes que vos accusaram.

Vossa Magestade fez mais: durante cinco annos escolheu vinte e quatro senadores, não achando nas listas em que entravam os liberaes com os conservadores, um de entre estes que fosse digno da escolha!

Tendo um ministro de Vossa Magestade sido expellido do ministerio com um diploma de incapacidade, passado pelo presidente do Conselho, Conselheiro Lafayette, Vossa Magestade disse: « De certo tempo para cá, entendi dar inteira liberdade aos presidentes de conselho na escolha dos ministros.»

A Constituição vos garante a livre escolha dos senadores, prerogativa da qual jamais soberano algum se mostrou, até á escolha do saudoso Inhomirim, tão ciumento; entretanto, Vossa Magestade enchendo de honras descommunaes o eterno critico Martinho Campos, consentio que elle fizesse sua propria escolha e outra, sem mesmo ter chegado

(1) Sempre for nossa opinião que a reforma eleitoral sustentada com tanta força pelos mais notaveis escravocratas teve por fim preparar uma classe interessada na manutenção da escravidão. As ideias e o sentimento do dever arruinaram felizmente este tropeço politico.

a lista, usando d'esta graciosa satyra pungente com que Vossa Magestade tantas vezes tem esmagado aquelles que vos ferem:

« Senhor! vos fallou o Dr. Martinho quando vós o encarregastes de organizar ministerio: ministro eu não sou senador, e tenho receio de ir procurar os meus superiores no Senado... « Sim, sim, interrompeu Vossa Magestade, já sei, mas V. Ex. tem um senador em si. »

(O conselheiro Martinho estava na lista apresentada antes de ser o organisador do gabinete).

« Obrigado, Senhor, retorquiu o ministro, mas entre os companheiros que devo ter convém haver outros senadores e... » « Sim, sim, já sei, acrescentou Vossa Magestade; mas o Maranhão acaba de enviar uma lista e V. Ex. tem o companheiro a escolher. » « Oh! Senhor! tanta honra me confunde, o Sr. Franco de Sá é realmente muito digno. »

Como é sabio o vosso criterioso procedimento!

Este dialogo encerra toda a vossa politica, se a tanto póde a indagação humana esmerilhar.

Entretanto, senhor, Vossa Magestade que já havia recebido a retirada do Sr. Gaspar Martins, dizendo que elle era homem de character, recebeu com igual sangue-frio a retirada do homem que

foi o unico neste paiz, que em tão elevada posição declarou no parlamento, que tinha orgulho e não prazer em ser escravocrata.

Senhor! Quem vio a confiança que Vossa Magestade depositou no conselheiro Martinho, poderia algum dia suppôr que Vossa Magestade prodigalisaria outra igual ao abolicionista Dantas?

Quem vio Vossa Magestade oppôr-se á eleição directa sem reformar-se a Constituição, apoiando assim o Sr. Sinimbú, poderia suppôr que Vossa Magestade se entregaria á direcção do conselheiro Saraiva, que teve a rara gloria de, qual moderno Josué, fazer parar, por alguns dias, o curso do sol do vosso governo no paiz?!

Eis, senhor, a razão porque as Provincias, em seis annos de governo liberal, nos districtos onde não haviam eleitores republicanos senão contados ás dezenas, mandam já ao parlamento representantes da republica, eleitos por centenas de votos, sobre os candidatos liberaes, que haviam creado os districtos para si. (1)

Senhor! narra Montaigne que Scevola, grande pontifice, e Varron grande theologo, em seu tempo,

(1) As eleições feitas no dominio do ministerio 10 de Março produziram iguaes resultados, o nosso conceito applica-se a politica dos dous partidos e ao systema eleitoral que condemnamos, porque desde que foi violada a Constituição, os vícios da eleição não se faziam esperar, tornando-se urgente a necessidade de alargar o direito do voto.

diziam : « Ha necessidade que o povo ignore muitas cousas verdadeiras e creia em muitas cousas falsas. »

Santo Agostinho explica isso de modo que, parece-nos, póde-se applicar á Vossa Magestade :

« Como Vossa Magestade não procura a verdade senão para se livrar do jugo dos politicos, é vantajoso para Vossa Magestade ser enganado por elles. »

II

Apraz a Vossa Magestade a doce vingança. Conceitos e verdades enunciados. Sentimento da liberdade e desconfiança dos falsos apóstolos. Necessidade de forçar os dois partidos a actuarem na reforma servil. O que ha de acontecer aos liberaes. Consequencia da evolução dos actos e idéas em politica.

Senhor!

Admiravel exemplo de prudencia haveis revelado na sustentação do governo liberal, e apraz a Vossa Magestade a doce vingança que é fonte fecunda de ensinamento dos homens.

O velho Horacio tinha razão em escrever:

« *Cui sit conditio dulcis sine pulvere palmæ* » (1)

Que condição póde haver mais doce do que aquella de vencer sem ser combatido.

Tal tem sido o vosso programma, que haveis tornado popular pela vossa bondade, e é sabido que

(1) Epist., I, 1,51.

a bondade dos homens torna-os sabios, e a sabedoria delles, torna-os bons.

Mas, Senhor, vossa magnanimidade parece não ser filiada á escola de Aristoteles, que fazia ella consistir em aborrecer e amar a descoberto, julgar, fallar com toda a franqueza, dar todo o valor á verdade, não se importando que disso resulte a approvação ou reprovação de outrem.

Entretanto, Senhor, se pertence aos servos o mentir, é justo que os homens livres saibam dizer a verdade; ella é o doce encanto da virtude, e fórma a sua roupagem mais bella, com a qual veste-se sempre que tem de combater em prol da civilisação da patria.

Quem ha que desconheça os dotes moraes de Vossa Magestade, e ponha em duvida o desprendimento que Vossa Magestade tem dos homens, para poder ignorar a responsabilidade de Vossa Magestade em circumstancias criticas como são as que rodeiam a Nação Brasileira?

Em taes casos, cumpre lembrar a Vossa Magestade, que quando o espirito está em duvida, o menor pezo póde inclinal-o para outro lado.

É o que suppõe o humilde autor destas linhas que vos acontecerá.

Enthusiasta sincero do desenvolvimento material, moral e intellectual dos brasileiros, desde os

mais verdes annos, que me anima a esperança de não morrer sem ver illuminar minha existencia o sol bemfasejo da liberdade e igualdade dos homens a qual tem sido frustrada pelas cadêas que retêm os escravos em sua posição.

Mas o sentimento que provém da liberdade, não pôde ser explosivo no animo de seus defensores; como tudo que é perfeito, elle deve nascer, crescer, desenvolver-se pela cultura continua dos actos e acções humanas, pois se o desvia deste caminho o amor e o entusiasmo dos que da noite para o dia, se apresentam grandes apologistas delle, dever é dos que observam a marcha da idéa, desconfiar dos autores e propugnadores de taes commettimentos.

Eis porque anima-se o vosso subdito a louvar a sabedoria de V. M., que tendo prodigalisado tantas garantias de poderio aos liberaes, teve entretanto, V. M. o desgosto de ver durante seis annos, não só ser condemnado pelo partido liberal, o chefe do movimento abolicionista Joaquim Nabuco, como tambem em diversas legislaturas, não se cogitou da questão servil, e pelo contrario, pela voz dos chefes, se garantio á Nação, que não se faria sobre a questão servil a menor reforma!

Mas este «engano da alma lêdo e cêgo que a fortuna não deixa durar muito», foi despertado

pela oppinião publica, e Vossa Magestade quando a situação liberal estava a cahir por si, como um fructo amadurecido na arvore, que tinha de despregar-se de sua propria obra, reflectio sabiamente, sobre esta questão do elemento servil, vendo que não era uma questão de partido; ella é altamente social. A historia de vosso reinado, tendo permitido, pela força dos acontecimentos, que os conservadores houvessem sido os collaboradores das reformas, pelas quaes tem passado a escravidão, e ella tendo chegado ao ultimo termo do seu declinio, era por isso opportuna a occasião de não dar o golpe mortal no nervo motor dos interesses individuaes, sem que este golpe e esta operação irritante, tivesse compromettido os dous partidos do vosso paiz.

Senhor, pôde haver quem censure Vossa Magestade por isso; ha mesmo imprensa fundada para sustentar a necessidade de não se permittir que se façam reformas sobre estado servil; mas nunca assaz vos tecerão louvores, no dia em que o artificio que Vossa Magestade empregou houver sortido exito.

O dia está proximo; o paiz espera ancioso o desenlace deste grande commettimento, e não tarda o momento em que Vossa Magestade, tendo conseguido, para tranquillidade do Brazil, que os

liberaes se tornassem abolicionistas, e havendo creado uma oppinião, com um director conhecido, possa então dizer ao vosso ministro :

« Eu vos sou reconhecido Senhor, vós creastes no partido liberal, pela força motora do governo e das idéas, uma situação, que junta á oppinião já manifestada pelo partido conservador, quando fez a lei de 28 de Setembro, pôde agora ser posta em pratica pelos conservadores, visto que, a missão do partido liberal tem sido preparar a oppinião, e a do partido conservador, realizar as reformas de utilidade conhecida. » (1)

Senhor, si ha alguma cousa digna e honrosa, é sem duvida uma conducta uniforme e consequente em todos os actos da vida, e isso só pôde acontecer aos homens de bem, e não a aquelles que mudaram de character e limitam-se a imitar os outros.

Não está, portanto longe o dia em que V. M. provará aos que observam a verdade, que esta justificará amanhã a sem razão dos commentarios, que a paixão tem creado pelas apreciações com que o paiz, por intermedio de seus homens mais notaveis, tem arguido de injusto o soberano, que

(1) Realisou-se tudo quanto escrevemos em 1884. Os liberaes só se envolveram na questão servil para se comprometterem.

não duvidou pôr-se a descoberto, forçando, a todo o transe, os liberaes a ficarem no poder, a despeito das escusas dos chefes. Uma tal situação encontra um complemento tardio, mas necessario no tempo, sem o qual o plano de Vossa Magestade, não poderia ser conhecido, nem ser apreciado com aquella imparcialidade, que só o historiador calmo, julgará, apoz o resultado de Vossa politica. (1)

Senhor, não é sacar sobre o futuro, o pregar a evolução dos actos e das idéas; ellas partindo dos principios simples para os compostos, hão de ter fatalmente um termo, e embora pareça que a logica do absurdo, predomina, é entretanto certo que para se chegar a uma victoria verdadeira, jámais se poderão desprezar a boa fé e a honra, que presidem os actos dos homens justos; é por isso que nossos conceitos hão de ser verdadeiros, assim como vossa politica ha de dar os resultados previstos.

(1) A guerra e a opposição que está soffrendo o gabinete 10 de Março foi prevista por nós, e esta campanha contra os governos que tiverem idéas a realizar ha de perdurar enquanto os partidos estiverem constituídos sem programmas e sem idéas, confundidos como se acham actualmente no Brazil. Urge a organização de outros partidos novos porque os velhos estragam a monarchia.

III

Cada qual é arbitro de sua propria fortuna. Estatística do Brazil. Vantagens em favor do governo. O povo perdeu o direito politico. Gradação da virtude e dos vicios. Oposição do povo. Erros praticados pelos liberaes. Previsão que se ha de realizar.

Senhor.

Não se póde negar que cada um é artista de sua propria fortuna; e esta proposição póde se applicar tanto aos individuos, como á sociedade; porque, como muito bem diz J. S. Mill: « A valia de um Estado provém da valia de seus concidadãos... »

Ora, sendo certo que é pelo numero de nossos patricios distinctos, que Vossa Magestade avaliará o merecimento de nosso paiz, este calculo só será exacto se as estatisticas forem bem feitas.

Infelizmente, Vossa Magestade sabe que apenas se ensaiou arrolar a população, industrias e profissões; logo se verificou o atrazo em que se acha o Brazil e sem se conhecer a causa, suppressio-se a repartição de estatística.

Entretanto, Senhor, o relatorio do benemerito senador Correia, que tem sido um dos maiores servidores que o Brazil tem o orgulho de possuir,

deu um quadro sombrio, que realmente não devia ser muito conhecido, para não nos envergonhar, como Nação.

Por um estudo que o humilde autor d'estas cartas fez em 1877 do importante relatorio do distincto senador Correia, publicado em 1876, se vê o seguinte:

Havia no Brazil:

Juizes	968
Empregados publicos.. .. .	10,710
Escrivães ou notarios.. .. .	1,493
Militares.. .. .	27,716
Maritimos	22,142
Officiaes de justiça.. .. .	1,618
Advogados.. .. .	1,674
Medicos.. .. .	1,732
Professores e homens de letras.. .. .	6,659
Commerciantes, guarda-livros e caixeiros.. .. .	102,343
Sem profissão.. .. .	4,174,406

Da população livre recenseada

vê-se, conforme o relatorio:

Sabem ler e escrever.. .. .	1,563,078
São analphabetos.. .. .	6,855,594

Senhor, uma tal estatística é realmente eloquente, e a reforma eleitoral havendo promovido à eleitores todo elemento official, apenas augmen-

tado pelos jurados de 1878 e pelos homens ricos, formou o corpo eleitoral da *eleição directa*.

O numero dos eleitores chamados a escolher os representantes do Brazil, fórma uma tão pequena proporção em relação á população do Imperio, que prefere vosso subdito não apresental-a.

O pensamento do legislador foi digno de encomios, mas o resultado da obra, digno de lastima !

Senhor, quem poderia ignorar que, devendo o eleitorado da eleição directa sahir do pessoal recenseado, seria em sua maioria de empregados publicos, todos incluidos na lei, e cuja preferencia evidencia a vantagem que assiste ao governo que presidir a eleição ?

É, pois, de justiça avaliar o resultado das eleições, não pelo numero dos candidatos governistas, mas pelos opposicionistas, toda vez que se quizer saber se a opinião do paiz é favoravel á um outro partido politico.

Deste modo, senhor, a nova reforma, feita com o fim de evitar que Vossa Magestade não pudesse ser o factor dos ministerios; collocou Vossa Magestade na posição ingrata de arbitro das situações, sendo este resultado, aliás o espelho da nossa Constituição, que reflecte fielmente a conveniencia de ser Vossa Magestade o supremo guia da felicidade da patria.

O voto popular desapareceu para dar lugar ao voto *independente*, e os escandalos, em vez de serem feitos pelo povo, passaram a ser realizados pelos homens de gravata limpa e casaca.

Mas, senhor, o vicio, como a virtude, tem sua gradação ; quanto mais elle penetra nas classes elevadas, mais elle arruina o edificio social que as mantém, e as duplicatas de diplomas, a certeza de que as maiorias só votarão nos candidatos officiaes que as engrossam, faz eliminar a justiça dos julgamentos, e dar ao povo, que não julga senão pelo que vê e a quem poucas vezes engana o bom senso, um triste e doloroso pensamento. Diz elle :

Nós precisamos é de educação na familia, não é possivel viver reformando-se a sociedade, sendo a grande população ignorante, e o espirito do povo sem cultura...

O espirito, assim como os campos fertes, deve ser cultivado, pois nelles vegetam toda especie de sementes, e só cultivando as boas se acabam as ruins...

O espirito na ociosidade degenera em pensamentos ruins, tal como o campo que se abandona á natureza...

Eis, senhor, a reflexão que fazem vossos subditos, vendo tanta gente só se occupar de politica, só cuidar em discutir as *reformas*, sem ver que ellas devem começar pelos homens do governo.

Senhor, para se medir a constancia, é preciso avaliar o soffrimento ; nós estamos em vespervas de grandes acontecimentos. O crescimento do partido republicano ha de tornar-se notavel depois que se fizer a abolição dos escravos ; não tarda muito que Vossa Magestade avalie a lealdade dos vossos subditos, vendo se aquelles que tanto hão trabalhado pelo proprio desmantellamento, são ou não capazes de resignação.

O immortal Cicero em suas cartas de Amicitia cap. 19, ensina que : « Nós nunca gozamos tanto os fructos do genio, da virtude e de todas as especies de superioridades, como quando as partilhámos com aquelles que nos tocam de mais perto.»

Talvez seja por isso, senhor, que Vossa Magestade está tão satisfeito em distribuir tantos favores, por aquelles que tanto vos censuraram, principalmente quando Vossa Magestade sabe que a desconfiança autorisa sempre a infidelidade.

Entretanto, senhor, esta desconfiança nasceu desde o dia em que Vossa Magestade desprezando os conselhos dos vossos conselheiros, entendeu que devia sustentar a todo transe a situação liberal, pois caso ha em que se deve desconfiar da esmola.

O bondoso Sr. conselheiro Dantas é digno de muitos encomios, nós os fariamos em qualquer lugar ; mas, senhor, se afigura a vosso subdito que, na marcha em que vosso ministro vai, não tardará

a acontecer a elle, o mesmo que aconteceu ao grande sabio Thales que, encarregado por um soberano de estudos astronómicos, de tal modo distrahiu-se, que, sem olhar senão para o céo, cahiu em um grande buraco. (1)

Quando acharam o grande philosopho e o tiraram muito extenuado, seu primeiro cuidado foi sentar-se no chão e exclamar :

« Ah! Thales! pois se tu não enxergas nem ao menos os buracos do chão em que pizas, como é que queres vêr o que se passa nos astros! ? »

Senhor, quando um governo fica muito avarento do poder a que se agarra, parece que Vossa Magestade deve fazer o mesmo que o imperador Dionysio fez a um syracusano que, já muito rico, enterrou um grande thesouro.

Obrigado a entregar toda a fortuna, o imperador concedeu ao seu subdito apenas uma pequena parte; mas sabendo, tempos depois, que elle vivia liberalmente e com frugalidade, mandou-o chamar, e entregou-lhe toda a fortuna dizendo :

« Pois que já sabeis vos utilizar da riqueza, voluntariamente eu vos restituo vosso thesouro. »

E' tempo, senhor, de encarregar vosso ministro de olhar os buracos que o vosso chão tem.

(1) Nossa previsão realisou-se. O chefe politico e grande abolicionista foi trahido pelos seus e cahiu quando devia ser sustentado.

IV

Diferença entre os reis e os outros homens. Proloquio de Sua Magestade. Mudança de idéas. Duvida sobre a sinceridade dos homens. Só conhecendo as necessidades se póde avaliar os soffrimentos. O Conselheiro João Alfredo. Necessidade de subirem os conservadores. Oppinião do autor.

Senhor. — O que torna os reis differentes dos outros homens, são os habitos, e os vossos crearam a natureza privilegiada que Vossa Magestade possui, sendo por isso Vossa Magestade um homem superior.

A idade tambem concorre como um dos factores do ensinamento, enriquecido pela experiencia, cujas lições são sempre as mais proveitosas.

Um velho proverbio diz :

« O fructo da riqueza está na abundancia, e a prova da abundancia está no contentamento. »

Permitti, Senhor, que vosso subdito vos pergunte se tendes tirado a prova deste conceituoso

proloquio, e se tendes achado constantes os vossos conselheiros e o vosso povo.

Suppondo, Senhor, que vossas vistas jámais tenham se fixado sobre o espectáculo da dôr e dos espinhos, que ferem a ingrata humanidade, não duvida vosso subdito chamar vossa attenção para os amargos commentarios, que grande numero de nossos concidadãos fazem. sobre a selecção artificial com que Vossa Magestade approuve crear uma situação, que tem dado productos genuinos de um poder, que outr'ora o conselheiro Saraiva chamava pessoal.

Senhor. Vossa Magestade sabe bem que o progresso arrasta os homens para o ponto culminante da perfectibilidade moral.

Mas se o progresso é, como o define H. Spencer : « a passagem da não variedade, para a variedade unida, da unidade sem variedade para a variedade unida »; parece que ha sua razão para esperar-se que Vossa Magestade, que procura encaminhar nossa patria para o lugar de honra que natureza lhe destinou, deve ver que, onde havia mais trabalho e plano de resolução sobre a questão servil, era entre os conservadores.

Que importa que entre seus homens mais eminentes hajam divergencias, se o passado mostrou,

duas vezes, quão gloriosa foi a victoria deste partido sobre as resistencias inuteis, que o interesse individual suggerio ! ?

Vossa Magestade perguntou ao ministro Dantas:

Vossa Magestade — Quantos abolicionistas haverá na camara ?

Ministro (rindo-se) — Por hora ha quatro conhecidos.

Vossa Magestade — V. Ex.^a tem idéas a este respeito ?

Ministro — Oh ! Senhor quem é que as não tem.

Vossa Magestade — Mas o apoio decidido da maioria liberal aos gabinetes esclavagistas, poderá ser igual ao que possam prestar à um ministerio abolicionista ?

Ministro — Senhor, o geito e as vantagens do poder, mudam a face da terra, quanto mais a dos homens.

Vossa Magestade — Mas então não deixe o partido liberal cahir, sem chamar para si tão grande gloria.

Ministro — Oh ! se eu tivesse o poder para isso.

Vossa Magestade — Mas eu lh'o dou.

Ministro — Oh ! Senhor, eu não mereço ; mas não haverá duvida, vou consultar os amigos.

Vossa Magestade — Pois sim, Senhor. V. Ex. é digno desta gloria.

Passam-se os dias, agita-se a questão e surgem na camara, entre os liberaes que nunca quizeram mais do que o imposto de 500 réis por escravo, um selecto batalhão, que só não venceu por causa dos deputados traidores do Ceará, que abandonaram a bagagem das idéas que elles tinham trazido da provincia, do mesmo modo que os outros pegaram nellas, da noite para o dia.

Senhor, bem hajam aquelles, que em nome das idéas, (sol benefico do progresso, que não morre, mas desloca-se muitas vezes), sabem morrer ou vencer com ellas, podendo, como um vosso collega, dizer: Tudo está perdido, excepto a honra.

Mas vosso subdito vai entrando em duvida, se aquelles que têm a eloquencia no coração e o poder na barriga, são tão perfeitos, como os herões que a historia tem celebrado.

Senhor, não ha duvida que são os homens e não as idéas que nelles dominam, que estragam os partidos. Infelizmente esta bagagem de idéas com que antigamente tantos supportavam os crueis martyrios, sem abandonal-a, hoje é leviana, e ao menor embaraço se a atira ao largo.

Senhor, para se avaliar os soffrimentos, é preciso conhecer as necessidades, e que nosso paiz

não tem necessidade do escravo, basta considerar a provincia de S. Paulo, onde os dous districtos agricolas, que têm uma população escrava superior a 60,000 almas, deixou os candidatos liberaes que exploravam a mina e adoptou as candidaturas dos dous republicanos, que querem a extincção do captiveiro. (1)

Ora é notorio que, entre os homens que se têm tornado conhecidos por suas idéas sãs, a este respeito, figura o Sr. conselheiro João Alfredo, chefe distincto do partido conservador. (2)

A oppinião publica se manifesta imponente para forçar qualquer governo a dar uma solução que ponha termo, dentro de poucos annos, á escravidão, e se a lei de 28 de Setembro marcou prazo, não permittindo contratos além de sete annos, o legislador não poderá ir além da lei, que rege a materia.

Nestas condições, Senhor, Vossa Magestade, que já fez com que os liberaes se declarassem abolicionistas, deve contar que elles serão obrigados a prestarem todo apoio ao projecto que o partido conservador deve apresentar, visto ser inevitavel a

(1) Foram eleitos Campos Salles e Prudente de Moraes. Este facto que nós commentavamos com esta linguagem em 1885, veio realissr-se agora em Minas e no Rio de Janeiro. O despeito e o odio podem distrahir ou arruinar as nossas instituições, jamais, porem, edificarão monumento perduravel.

(2) Nossa previsão realisou se.

quéda da situação, que só Vossa Magestade amparou. (1)

Senhor, a arte de saber viver foi considerada por Cicero, como a arte das artes, e Vossa Magestade, em tão longo reinado, tem dado sobejas provas de que, mais pelos costumes e qualidades moraes, do que pelos estudos, é que se consegue tão grande *desideratum*.

É, pois, chegado o termo das aspirações do partido liberal, elle tem consciencia, e tanto assim é, que trata de organizar-se nas provincias, para evitar que, cahindo, seja maior o seu desmantellamento. (2)

Que soberano, Senhor, mais do que Vossa Magestade, tem sabido executar o preceito do velho Horacio :

« *Quem duplici panno patientia velat,*
« *Mirabor, vitæ via si conversa decebit,*
« *Personam que feret non inconcinnus utranque.* »

« Eu admirarei aquelle que não sente os seus enfados e muda de fortuna sem se assustar, e representa os dous papeis com graça. »

(1) Nossa previsão realizou-se.

(2) Nossa previsão realizou-se.

Ora, haverá quem negue que Vossa Magestade tanto com os liberaes, como com os conservadores, é o mesmo homem, o mesmo rei?

O que vosso subdito não garante, Senhor, é que os dous partidos, quando cahem do poder, sejam iguaes para com Vossa Magestade, apezar do vosso grande ministro Alves Branco já ter dito, que nada ha mais parecido com um conservador, do que um liberal do Brazil. (1)

(1) Nossa previsão realisou-se. Sempre que cahe uma situação, engrossa-se o partido republicano.

V

O espirito dos homens. Productos da politica do «gato podre». Os remedios da escravidão. Necessidade de dar o poder aos abolicionistas. O Sr. Saraiva-Paranaguá. Convém aproveitar as medidas boas em qualquer reforma. Termo de vosso governo.

O espirito, Senhor, deve ter a mesma côr da alma dos homens. Esta observação provém dos proprios individuos, que vós tendes elevado, e reflecte igualmente vossa grandeza.

Um Sr. José Pompêo é tão generoso producto da politica-do Ceará, como um Sr. Moreira de Barros foi o grande heróe da camara, seu presidente, enquanto foi preciso a politica do gato podre. Igual producto desta politica está reservado ao Sr. Rodrigues Junior, o digno diplomado desta situação. (1)

Tambem, Senhor, reflectem aquelle conceito os vossos ministros, pois aquelles que na avançada

(1) Os conservadores o fizeram candidato á presidencia da Camara.

idade da madureza, passam-se de soldados de um partido para chefes do outro, são dignos de admiração pelas suas virtudes, mas hão de reflectir sempre a modulação do seu temperamento, fazendo politica com os seus antigos companheiros, em nome dos novos.

Tudo isso pôde ser fonte do ensinamento: mas Senhor, os remedios com que curaes a escravidão encarregando do tratamento aos medicos que têm escravos, fazem mais mal do que bem á instituição dos escravos.

Se os deputados não querem reformas, apezar de encarregades da reforma os ministros senhores de escravos, só vos resta um alvitre:

Executar a fabula da rã: chamai para o governo os que não têm escravos e vereis como os deputados concederão logo tudo que fôr mister, não ao interesse dos individuos; mas sim aos da patria. (1)

É pela occupação, diz Seneca, que se pôde escapar aos vicios da ociosidade; daí pois aos abolicionistas a occupação de legislar sobre a escravidão.

Os Srs. Saraiva e Paranaguá têm o espirito tão flexivel, que se pôde dizer delles o que Tito

(1) Quando vieram ultimamente os ministros sem escravos, a abolição foi acceita como sendo uma imposição do paiz.

Livio dizia de Catão : *Huic versatili ingenium sic pariter ad omnia fuit, ut natum ad id usum diceres, quodcumque, ageret.*

Tem o espirito tão flexivel e proprio para tudo, que qualquer cousa que faz, se pôde dizer que nasceu para ella.

Por isso, Senhor, vosso subdito volta com suas cartas pois vio confirmados os conceitos que emittio, e julga que vindo em auxilio da reforma Saraiva, no que ella tem de bom, cumpre um dever, pois o que os *políticos* querem é adiar a questão, nunca fazer reforma alguma. Como abolicionista, devo alegrar-me em vêr que os abolicionistas que cream embaraços ás reformas, começam a comprehender que são coniventes com os que não a querem.

Esta razão ha de explicar-se melhor, quando os intransigentes escravocratas tiverem, mais tarde, de votar, dizendo sim, juntamente com os abolicionistas liberaes, que por conveniencia politica, querem a permanencia do poder.

Mas só este facto desvirtua a idéa, que passa a ser de partido, quando devia ser social.

Senhor, mãos á obra, pois todo o trabalho acompanhado de gloria é facil de supportar.

Senhor, convém vencer os escravocratas e esmagal-os com vossa ironia. Confiai o governo,

depois do Sr. Saraiva, á quem liberte sem indemnisação em dinheiro, pois nosso paiz precisa de serviço, mais do que de capital, e quando estiver acabada a escravidão, podereis passar á vossa filha o governo, dizendo como Epaminondas, que sendo informado de que a victoria estava de seu lado, antes de morrer, exclamou: *Hæc sunt solatia, hæc fomenta summarum dolorum.* (1)

É isso o que consola e adoça as maiores dôres.

(1) Foi justamente o que veio a realizar-se mais tarde; porém o ministerio 10 de Março que devia ter inaugurado a situação, foi preterido pelo ministerio 20 de Agosto porque o plano dos escravocatas tinha o apoio do Imperador, tornando-se uma farça durante o governo de 20 de Agosto a celebre phrase do fallecido barão de Cotegipe: O partido conservador quer, pôde e deve realizar a abolição da escravidão.

VI

O Sr. Saraiva, autor da reforma que creou os eleitores ricos, chamado para fazer a reforma com os deputados feitos por elles. Os 5 % e a questão aberta. O iniciador das despezas da guerra prepara-se para agitar o paiz. Os conservadores podem e devem fazer a reforma servil. O cambio e a escravidão. Força da opinião. A vaidade e a preguiça. Descrença.

Depois de haverdes cedido ao Sr. conselheiro Saraiva o poder de fazer a reforma eleitoral, sem reformar a constituição, excluindo do direito sagrado do voto, quasi a totalidade dos Brasileiros, o eleitorado aristocratisado e rico, em grande parte de senhores de escravos, ficou esperando pela volta d'el-rei D. Sebastião; mas V. Magestade, que excluiu os mordomos daquela dynastia, voltou a chamar o autor da reforma; pois elle, que escolheu a gente que devia fazer os deputados, melhor podia, como senhor de escravos e como factor de seus eleitores, fazer a reforma.

Mas Vossa Magestade, Senhor, que só a contragosto consentio na violação da constituição para

se fazer um eleitorado de senhores, não terá receio de ser julgado no futuro, como o guia do homem que tem tudo iniciado com Vossa Magestade, mas que se mostra sobranceiro, procurando arrastar Vossa Magestade, que não parece seguir as doutrinas de Goethe, e sim as de Kant, nesta philosophia pratica, que faz do homem uma parte do nosso planeta, deixando-se arrastar por elle, na opinião de Goethe; ou que o torna guia das acções moraes e intellectuaes da vida na direcção que o homem dá ao mesmo planeta, conforme Kant.

Senhor, o conselheiro Saraiva, que é o Solon de vosso governo, deve lembrar-se do que aconteceu a Thalís, quando, absorvido pela contemplação dos astros, cahio no buraco; Vossa Magestade que ama verdadeiramente o Brazil, como o Cesar da tragedia de Voltaire, deve dizer a elle, como á vossos subditos: « Si je n'etais le maître des Romains, je serais leur vengeur. » Se eu não fosse Cesar, eu teria sido Brutus.

O paiz, Senhor, quer esclarecer-se nesta questão!

Permitti tambem, Senhor, que vosso subdito, que vê na imposição do tributo de 5 % o escarneo da ironia com que se trata o povo, venha protestar, pois semelhante modo de resolver a libertação é até criminoso, visto que sabeis, que a lavoura e os abolicionistas sinceros chegariam a um accordo

a este respeito, se não presidisse aos chefes políticos o pensamento de aniquilar e guerrear os co-religionarios mais adiantados, que têm estudado esta questão com mais interesse para a patria e a lavoura, do que aquelles que por conveniencias politicas, durante esta situação, a exploram.

Sim, Senhor, um projecto marcando um prazo para a libertação dos escravos feita com o pagamento em serviço, por determinado numero de annos, resolveria a questão de accôrdo com as opiniões do paiz. Se não se fizer isso já, a abolição immediata será imposta pelo paiz. (1) Sentimos que ao começar a discussão do projecto o Sr. Saraiva, respondendo ao Sr. Ottoni, talvez para dar provas de que a questão servil era questão aberta, preconisasse como a parte mais util do seu projecto o imposto de 5 %.

Isso, Senhor, junto á emissão dos 25,000:000\$, quando o paiz já deve 840,000:000\$, dos quaes S. Ex.^a tem grande parte, pois foi S. Ex.^a quem iniciou a guerra do Paraguay e as despezas, prova que S. Ex.^a trabalha em silencio para mais tarde, ser *arrastado* a presidir alguma republica. (2)

(1) Quanto previamos veiu a realizar-se.

(2) Os acontecimentos vão se precipitando para este desenlace patriótico, porque S. M. em 20 legisturas já dissolveu 11 vezes as Camaras, provando que só a sua opinião é a que convem triumphar.

Os actos revelam o homem assim como a manhã mostra o dia.

Não se diga, Senhor, que os conservadores não querem a reforma, pois Vossa Magestade bem sabe que este partido, guarda das instituições da patria, não póde recuar ante a responsabilidade do poder; a grande divergencia consiste em os liberaes quererem a reforma, tributando o povo com impostos, e os conservadores tributando a liberdade dos escravos em serviço por alguns annos.

O plano de Vossa Magestade póde ser sabio e o vosso subdito o admira, visto que Vossa Magestade fez com que no fim de seis annos os liberaes se declarassem abolicionistas; pois bem, conseguido isso, vós deveis voltar ao partido que com Eusebio acabou o trafico; com Cotegipe, em 1856, quiz acabar, por seu projecto, o trafico inter-provincial; com Rio Branco, estancou a fonte do captiveiro, e ainda agora declarou pela voz de seus chefes, que quer, póde e deve resolver a questão. (1)

Senhor, vossos ministros só fallam aos vossos ouvidos a linguagem seductora dos impostos e emissão de papel-moeda para libertar os negros. Mas, Senhor, porventura novas dividas melhorarão as finanças, novos impostos salvarão os fazendeiros

(1) Veiu a realizar-se a nossa previsão.

de suas dividas? Não é isto prolongar a agonia com impertinente medicação? Em que aproveita o addiamento?

O cambio, Senhor, e a escravidão se deram as mãos e já não é permittido aos ricos senhores ignorar que carregam a fortuna, de mistura com escravos, como quem carrega uma cruz.

O cambio reflectindo as finanças, é uma especie de corôa de espinhos na cabeça dos senhores, que ricos não podem gozar da fortuna no paiz, sem os espinhos e os espectros que o rodeam na escravidão, e fóra da patria sem a depreciação da fortuna que o cambio devora.

Seja permittido, Senhor, narrar aqui uma historia : « Quando Malherbe estava no leito da morte, seu confessor para fazer augmentar o zelo religioso lhe descrevia as alegrias do paraizo ; mas se servio de uma linguagem baixa e pessima. Feita a descripção, está bom, diz elle ao doente, sentis vós agora um grande desejo de gozar destes prazeres celestes? — Ah! senhor, respondeu Malherbe, não me falleis mais disso, vosso máo estylo me desgosta. »

Assim tambem, Senhor, na alegria dos liberaes, só ouvindo vós a linguagem dos impostos, é justo que vos acheis na situação de Malherbe : fazei, pois, o mesmo aos vossos conselheiros.

Póde vossa Magestade deixar de ser complice na reforma que se fizer com impostos, sabendo que ha um partido, ou que a opinião geral de um paiz é favoravel á reforma fazendo-se a abolição immediata, sem tributos para o povo ?

Senhor, sendo o trabalho tão natural e conveniente ao corpo, quanto o exercicio regular de todos os órgãos deste é para a saude, comprehende-se que não póde repugnar ao legislador a obrigatoriedade do trabalho para o liberto, o qual com o mesmo trabalho se liberta do captivo em que vivia, pagando assim em poucos annos sua liberdade, preciosa conquista que será para os abolicionistas o incentivo á cuidadosa elevação do nivel moral desta raça infeliz, subjugada á prepotencia das leis humanas.

Os libertos pelo fundo de emancipação têm provado quanto a liberdade nobilita o homem, e quando se fizer a libertação dos escravos, os ex-senhores ficarão admirados da prudencia, frugalidade e perseverança no trabalho, que deve de elevar os libertos no conceito de seus concidadãos. Não está longe o dia em que os beneficios da liberdade hão de oprimir o espirito d'estes eternos maldisentes, que só querem viver á custa dos escravos, e terão de vêr que estes têm de servir de modello ficando muitos ainda mais ricos do que os ex-se-

nhores que, acostumados na indolencia, hão de ser devorados por ella.

A opinião arrasta certas necessidades logicas ; nos tempos coloniaes, nós eramos dominados pelo regimen da tutela e monopolio ; mas a nossa independencia nos educou com o regimen de tutela e liberdade, e o partido conservador tem sido o executor leal e fiel desta tarefa, acreditando vosso subdito que elle realizará a reforma a contento da Nação.

Senhor, duas causas poderosas nos animam na vida : a vaidade e a preguiça ; e tanto vós como vossos ministros e subditos hão de participar dellas. Convém por isto evitar que o interesse individual, fonte fecunda de paixões, seja o movel desta reforma, que infelizmente foi declarada aberta para favorecêl-as. O interesse, diz Helvetius, é como a saúde, enquanto gozamos della não nos apercebemos do valor que tem. E' por isso que os ministros fazendeiros são improprios para fazer esta reforma.

A seriedade e o character dos vossos ministros merecem os affectos de todos nós ; mas, Senhor, os homens que vivem taciturnos e calados nem sempre são os mais sabios ; seu prestigio é como o ferro, que a ferrugem e o atricto do povo e da imprensa destroem se não fôr de boa tempera. A

gravidade, diz M.^{llo} Scudery, não é mais que um segredo do corpo para occultar os defeitos do espirito.

Senhor, é sempre com riso que me lembro de uma viagem que um amigo vosso fez ao Norte, onde achou o costume entre os partidarios do Sr. Rodrigues Junior de nunca se fallar da palavra burro, nos circulos dos amigos, sem se dizer, tirando o chapéo, « com licença dos senhores ». Ora, Montaigne, o grande mestre, diz que este pobre animal é o mais serio dos animaes ; e isto, Senhor, me faz crer que realmente a questão dos negros, que são os *burros de carga*, não póde ser tratada com seriedade, pois os que a estudam e procuram servir á consciencia e ao paiz, são tidos pelos senhores como dignos do conceito de Montaigne. Mas Vossa Magestade, Senhor, astro de real grandeza, será da mesma opinião ?

VII

Regimen especulativo. A semente dos Malborough. Versatilidades dos ministros. A suprema felicidade. O que aconteceu a Racine. Como se fazem os ministros. Sem acabar a escravidão, não se libertam os homens. O Interesse na politica e religião. Os fidalgos balofos. Testemunho da historia.

Senhor, aquelles que olham os interesses do futuro, com mais animação e enthusiasmo, do que os interesses do presente, em um paiz como o nosso, onde o regimen especulativo domina a moral e a politica dos homens, são tratados por estes como se realmente ainda não houvesse chegado o tempo para taes individuos florecerem.

V. M. acompanhando a moda, escolhe a contento dos politicos os personagens que mais traduzem a conveniencia dos interesses; e assim procedendo, vão ficando á margem os homens de character; porque estes escapam á acção da politica pela razão de nada favorecerem as conveniencias dos partidos, que fazem dos homens o juguete dos chefes. V. M. não procura alterar este meio, porque a experiencia demonstra, que a permanencia

e a manutenção do meio em que se vive, garantem vida longa a quem não os altera.

Assim como a historia registra o nome do general Malborough, que não duvidou favorecer os amores de sua irmã com o duque de York, dapois Jacques II, com a mesma facilidade com que depois de protegido deste, o abandonou apenas o vio na desgraça, para seguir o rei Guilherme, tambem vós encontrareis entre os vossos ministros typos que reproduzem a semente dos Malborough. (1)

Mesmo os grandes homens, que illuminam o mundo com suas obras, tiveram que adaptar se ao meio em que viviam. Voltaire, o grande critico, não duvidou de fazer uma communhão e ouvir missa para provar em Genova, seu espirito religioso, pois elle era mal visto alli, e deste modo, com um requinte de hypocrisia conseguiu ser bem recebido.

Mas uma tal politica entibia os homens, elles sendo a feição della, dão á patria a expressão genuina de si, e como seria possivel ao observador deixar de exclamar, vendo os homens dominados da paixão e do interesse : Neste paiz rico de todos os elementos da grandeza e uberdade, só os homens hão de ser pequenos !

(1) Cumpre-nos lembrar que S. M. o Imperador, apenas os partidarios da maioridade conseguiram isso, seu primeiro acto foi apeal-os do poder.

Entretanto que J. S. Mill assegura que « se bem reflectirmos, reconheceremos que a valia de um paiz será proporciõnal á valia dos homens que o compõem », em nossa patria as provincias amarradas a um leito de Procusto, não têm autonomia, e o trabalho servil, sendo a origem da preguiça, é igualmente a lepra terrivel que se adhire ao governo, como ás conveniencias dos homens, prolongando o atrazo, estimulando a inacção e sendo a causa unica da marcha rotineira dos lavradores, que sabem como se deve *mandar*, mas não sabem como se deve *obedecer* ás leis do trabalho, sem as quaes as nações do mesmo modo que os homens, não chegariam jamais á perfectibilidade.

Vivemos em pleno dominio de exploração. O fazendeiro explora o negro, o commissario explora o fazendeiro, os ministros exploram os deputados, estes aos eleitores e V. M. só por sua bondade, é quem se conserva como o fóco de luz que illumina o quadro lugubre de nossa atrazada politica !

A culpa, Senhor, não é só vossa, mas d'estes defeitos dos dois partidos, que tem uma linguagem junto dos amigos e outra quando são ministros.

Póde-se dizer que a vida dos politicos no Brazil tem dois periodos: um até serem senadores, outro depois d'esta honra os attingir.

Que mudança na moral, na conducta, na vida e relações !

E' o senador vitalicio uma excrecencia junto das leis liberaes do Brazil.

E' preciso não esquecer que foi por um voto só que o senado ficou vitalicio, em vez de ser temporario!

V. M. deve convocar uma constituinte que dê nova feição á nossa Constituição, porque se o não fizer, o poder legislativo irá reformando as leis sem a constituinte, e acabará por suprimir a monarchia.

A versatilidade de vossos ministros, sempre reformando tudo em um paiz novo, onde é preciso dar ás leis o cunho de estabilidade, e ás refôrmas o tempo de amadurecerem, tem feito com que os mais ricos e os mais astutos, sejam logo os obreiros melhores da vossa politica, e é por isso que em cada decennio se reforma dez vezes a instrucção publica, a lei das eleições, a guarda nacional, a legislação ; mas quanto aos costumes cada vez mais se os entorpece com o veneno do ocio e da imitação, o que é, em ultima analyse, o mesmo que dizer — servir ao vicio por amor aos prazeres ; como se a moral dos prazeres desse outros productos, que não sejam a innervação e o captiveiro.

A suprema felicidade não consiste em subir muito pelas escadas dos palacios ; mas em concorrer muito para que o povo seja feliz e dê, pela multiplicidade de suas applicações nas artes e na in-

dustria á marcha progressiva da sua patria, um futuro grandioso.

Certamente, Senhor, que não quereis ser da escola de Luiz XIV, que tanto engrandeceu a França ; mas tanto aviltou, como elevou seus homens.

Póde ser que alguma Mme. de Maintenon tenha entrada em vossa côrte, e vós façais a vossos ministros o que Luiz XIV fez a Racine, que tendo por pedido daquella gentil escriptora, offerecido a ella um livro em que elle se compadecia da miseria do povo, fosse por esta razão, despedido pelo rei que, não podendo admittir que esse historiador aprofundasse os vícios de seu povo, prohibio que fosse jamais á sua presença, allegando : « Porque Racine é bom poeta, segue-se que seja bom ministro ? » (1)

Mas esta hypothese não será ainda verdadeira em nosso governo, ella é sustentada apenas pelos vossos admiradores, que têm visto o effeito da varinha de condão, que o poder sabe dar.

São ministros os que podem ser reeleitos, e reeleitos os velhos ou moços que têm familias poderosas nos districtos aristocratisados pelo voto directo, de eleitores privilegiados, ou os politicos

(1) E' allusão que eu fiz a J. Alencar.

que entram em transacções vergonhosas, prestando-se a todos os papeis, comtanto que o odio e a paixão que exploram, alimentem os processos electoraes.

A instrucção é rara, como raro é o direito de votar, e não sendo o candidato o producto da opinião, bem pode-se aqui dizer como Hume : « Não é senão aperfeiçoando a razão humana que as nações podem se vangloriar de aperfeiçoar o seu governo, suas leis e a policia. O espirito é como o fogo, actúa por todos os lados. »

Um paiz em que não ha muitos homens notaveis, não póde haver grandes ministros.

Se V. M. não se resolver a acabar com a escravidão, não libertará os homens, pois ha uma cousa peor do que ser escravo, é escravisar-se ao mesquinho interesse em uma sociedade atrazada, que mede a capacidade dos homens pelo numero de fazendas e de escravos que elle possue.

Os romanos com acerto ensinavam a seus filhos os effeitos perniciosos da politica especulativa, desde que ella fazia parte da educação da familia. « Dai vosso filho a um escravo para ser educado por elle, e vereis se no fim, em vez de um não tereis dous escravos. » Este quadro tem applicação no Brazil.

O interesse está pois mostrando que elle, embora latente, está em toda a politica do Brazil, e

como as peias que elle tem, prendem o physico e o moral dos homens, só com hypocrisia se pôde garantir carreira feliz, actualmente.

A roupa usual dos politicos é uma especie de capa chamada hypocrisia, com a qual se vestem para occultar seus defeitos.

Que terrivel apostrophe foi atirada por Aris-typo, ao vêr os soffrimentos por que passavam os sabios quando procuravam a verdade !

« Pensar, dizia elle, é attrahir o odio irreconciliavel dos ignorantes, dos fracos, dos supersticiosos e dos homens corrompidos, que se declaram sempre contra todos aquelles que querem procurar o que ha de verdadeiro e essencial nas cousas . »

Quereis vós me seguir? Tal foi sempre a maneira suasoria de convidar os povos à religião catholica, e foi com esta pergunta e com as suas virtudes que o martyr do Golgotha fez a reforma.

Entretanto o interesse tem por toda a parte dado aos ministros da religião na terra, um movel diverso da persuasão, e tanto na religião como mesmo em politica, o interesse, mal interpretado, tem arruinado o paiz.

Quando sóbe um ministerio novo, o primeiro cuidado que tem é dar titulos e honras a certos adversarios com o fim de *tapar a bocca*, mas esta

que é insaciavel, logo se abre para fazer opposição e são sempre victimas os que se entregão nas mãos dos inimigos.

O Sr. Martinho Campos ha de vir a dar combate ao Sr. Dantas, e a lição nunca aproveitará por que a politica do Brazil é pessoal, não tem idéas, nem se escolhem os homens sérios para as administrações. (1)

Trabalhar para acabar com este interesse, que seduz aos ricos, que os arrasta ao poder com o sequito escandaloso da protecção ao filhotismo, da manutenção dos erros, dos escravos e da ignorancia de seus amigos politicos, é o dever de todo o homem justo e amante da sua patria.

Não animar os proprietarios de escravos, ou os que os exploram no successo de seus preconceitos, sempre respeitados, devia ter sido desde muitos annos vossa norma de conducta, porque é da identidade dos interesses vitaes da patria, que póde resultar a organização estavel, prudente e cautelosa de sua grandeza. Nunca se poderia curar repentinamente a molestia chronica do doente, mas sim pacientemente, destruindo os germens do mal; pois, assim como é certo que as doenças longas

(1) A verdade dos nossos acertos está hoje na consciencia de todos.

não se curam senão com lentidão, é também certo que a impaciencia se oppõe á cura.

V. M. tem consentido no mal, tem tributado aos senhores toda especie de fidalguias, e como nosso paiz precisa mais de homens justos, instruidos, capazes de conhecer seus deveres, do que de titulares balofos, por isso é que se tem dado o de-sequilibrio.

A historia, porém, que é o archivo onde se registram os factos memoraveis, que fazem a vida dos povos, ensina que mesmo nos paizes mais antigos como a China, o dever foi sempre cultivado pelos homens, que sabem antepôr ás vanglorias mundanas, o bem da consciencia.

Narra Helvetius que nos annos da dynastia dos Tong se encontra a seguinte instructiva lição:

« Ta-i-l-song, segundo imperador da dynastia dos Tong, pediu um dia ao presidente do tribunal que tem por fim escrever a historia, que lhe fizesse ver as memorias que diziam respeito ao seu governo. Senhor, disse o ministro, pensai que nós temos de dar uma narrativa exacta dos defeitos e virtudes de nossos soberanos; que nós deixariamos de ser livres se persistissemos em vosso pedido... Ah! exclama o rei, pois vós que deveis, tudo que sois, a mim, quererieis instruir a posteridade a respeito de minhas faltas, se porventura eu as tenho pra-

ticado?... Não estaria, replicou o presidente, em mim occultal-as; seria com pezar que as escreveria; mas tal é o dever do meu emprego, que elle me obriga mesmo de instruir a posteridade da conversação que vós hoje tivestes commigo. »

Teremos nós, Senhor, homens capazes de ponderar a V. M. taes verdades, ou será erro de vosso subdito pensar que haveis jámais conversado sobre taes assumptos com vossos ministros?... (1)

(1) Consideramos como um dos fermentos que mais têm concorrido para inocular no espirito do povo idéas anti-monarchicas, a circumstancia dos ministros apeados do poder informarem aos seus amigos de factos reservados que occultam e até mesmo explicam de modo contrario perante o parlamento. Fica-se assim informado de que a verdade faz mal á monarchia!

VIII

O medo e amor. Como os antigos inocularam a virtude no povo. Virtude e vicio. Em como a virtude e a covardia arrastam aos mesmos logares os homens. Juizo de Richelieu. A politica do Brazil e os homens de caracter. A inveja. O que fez uma mãe, o que se espera de Vós. Autonomia de Vossa Magestade na questão servil.

Senhor, ainda que o medo faça mais homenagens do que o amor, ambos os motivos movem vosso subdito nestas cartas, pois sendo elle um grande desconhecido, tem entretanto amor e medo ao presente e ao futuro do paiz.

Não é possivel que se possa esperar mais da obediencia do escravo, do que do reconhecimento dos homens livres.

Isso, Senhor, é a grande mola de vosso governo. Tendes enchido de honras os senhores, agora, Senhor, quer vosso subdito, que experimenteis a gratidão dos homens livres. (1)

(1) A gratidão com que os abolicionistas mesmo os republicanos têm se portado para com a Princeza, attesta o nosso conceito temos certeza porém que não tardará a ingratição imperial.

Em todos os paizes em que as virtudes foram animadas pela certeza de recompensa, que trouxessem gosos aos sentidos, ellas tiveram grande aceitação, produziram herões.

Ora, Vossa Magestade não póde abrir os cofres das graças aos pobres, não póde dar aos que não têm, pingues posições? Haverá neste acto de Vossa Magestade sombra do poder pessoal?..

Foi assim, Senhor, que o proprio amor animou a victoria dos Thebanos, tornando seu batalhão invencivel, por que Epaminondas, na batalha de Leuctres, collocou o amante junto da amada.

A virtude da coragem foi por Lycurgo inoculada no coração dos Lacedemonienses com exemplos, elle fazia o povo insultar na praça publica os covardes, ao passo que aqui se ridicularisa os abolicionistas por terem a coragem de se declararem como taes. (1)

Senhor, inculai no coração do vosso povo o amor pela liberdade, e acreditai, que mais de metade da população, sendo oriunda do negro, não é á minoria de falsos commissarios, que compete a escolha de vossos deputados, pois não é crível que o desejo das homenagens que vós e vossos mi-

(1) Quando publiquei os *Herdeiros de Caramurú* em 1880, o senador Octaviano e outros me felicitaram pela coragem de publicar um livro que é a historia das miserias da escravidão.

nistros rendem aos que têm escravos, seja o movel dos vicios e das virtudes no futuro.

O grande Helvetius, avaliando o gráo das qualidades que ornarn um homem, disse: « Para se conhecer o que faz dar a um homem, o nome de virtuoso, ou vicioso, é preciso observar que entre as paixões de que cada homem é animado, ha sempre uma que preside principalmente a sua conducta, que em sua alma, excede todas as outras. »

« Ora, conforme esta ultima, mais ou menos imperiosa, guia as outras, e é por essa natureza, ou por suas circumstancias, util ou prejudicial ao Estado, assim, o homem que a pratica, recebe o nome de virtuoso ou vicioso. »

Só vós, Senhor, podeis ser o juiz a respeito da conducta dos vossos subditos, em referencia á permanencia, ou á abolição dos escravos.

Assim pois, Senhor, não faltará quem prefira como Socrates a morte, ou o desprezo e perseguição dos vossos ministros e dos chefes de partido, defendendo a liberdade; do que pedir covardemente perdão por sustentar a verdade contra a conveniencia dos interesses individuaes. (1)

(1) Nada foi mais doloroso para o meu espirito do que ver o Presidente do Conselho barão de Cotegipe em pleno senado gabar-se de haver tomado providencias para evitar a minha eleição, por ser eu, como elle disse, um grande abolicionista! São estes os motivos que encham de desgostos os homens que têm idéas no Brazil; porque só se cogia de corromper os caracteres e tapar a bocca aos que trabalham pelo advento das idéas uteis.

A respeito dos escravos, os vossos ministros têm feito o mesmo que Sylla fazia aos proscriptos Romanos.

As paixões, amordaçadas pela educação e pelo interesse que move a nossa sociedade, não têm permitido que se levantasse um homem para ser o Catão da liberdade dos escravos.

Catão ainda moço, subindo as escadas do palacio de Sylla, e vendo as cabeças ensanguentadas dos proscriptos, perguntou qual o nome do monstro que tinha assassinado tantos Romanos: Sylla, disseram os ouvintes.

« Oh! Sylla os mata e Sylla vive ainda? » Só o nome de Sylla desarma o braço de nossos concidadãos, responderam. « Oh! Roma! exclamou elle, quanto teu destino é deploravel, se no vasto circulo de teus muros, tú não encerras um homem virtuoso e se tú não podes armar contra a tyrannia, senão o braço de uma fraca creança. A estas palavras, voltando-se para seu educador, exclamou: Dai-me, disse elle, tua espada: eu a occultarei e approximando-me de Sylla eu o degolarei. »

Convém, Senhor, que nossa patria não seja ninho da preguiça, nem as suas leis animem os homens a confiar só no trabalho alheio.

A virtude, como uma força, colloca os homens de coragem e patriotismo, em posições honrosas, a

fraqueza, a covardia, arrasta-os tambem a taes logares, mas o povo que não julga, senão pelo que vê, e a quem poucas vezes engana o bom senso, sabe render homenagem aos que o dirigem com gloria, e aos que o guiam como carneiros de rebanho.

É por isso que o cardeal Richelieu disse: A alma fraca acha impossibilidade no projecto o mais simples, ao passo que o mais difficil parece facil á alma forte: deante desta as montanhas se abaixam, ao passo que na presença daquella, os valles se levantam metamorphoseando-se em montanhas. »

Os homens de bom senso sabem avaliar o merecimento das emprezas, se a ellas preside o verdadeiro amor da patria, os timoratos vêm perigo na felicidade da patria, se não os animar o trabalho de escravos.

Senhor, os homens de verdadeiro merecimento não têm encontrado na politica do Brazil a recompensa de seus talentos, em geral, por que zelando muito o seu character, não podem se subordinar a retratações que exige se para se o pôr em prova.

A este respeito parece vir a proposito narrar o que se passou tambem com Montesquieu, entre os litteratos francezes:

« Entrando no mundo, dizia elle, se me an-

nunciou como um homem de espirito, e eu recebi um acolhimento bastante favoravel, mas quando pelo successo das *Cartas Persas*, eu havia talvez provado o meu merecimento, e que o publico me havia acolhido bem, os homens do tom esfriaram commigo, eu experimentei mil desgostos. Ficai certo, que interiormente feridos pela reputação de um homem celebre, é justamente para se vingarem delle que elles o humilham, e que é preciso merecer muitos elogios, para supportar pacientemente o elogio que se faz dos outros. »

Esta inveja, Senhor, é padrão dos homens politicos da terra, e brilha tanto entre os litteratos, como entre os ambiciosos de posições.

Foi para chegar mais depressa a posições certas e elevadas, que alguns politicos têm passado de soldados de um partido para chefes do outro, e tanto assim é certo, que a vangloria de uma tal conquista, que devia ser justo motivo de humilhação, é titulo nobiliario da hierarchia dos medalhões.

Senhor, quando appellamos para vós, o motivo de nossa esperança, é porque sabemos que a credulidade dos homens tem origem em sua preguiça, e Vossa Magestade, cujo espirito activo, como é o vosso physico, tem sabido avaliar por si a verdade, sem aquelle inconveniente.

Ide vos informar o que é o regimen escravo, procurai a cansada defeza do mesmo regimen, e reconhecereis, Senhor, quanto injustos são os homens, quando não os anima o amor da patria e do genero humano.

Senhor, hoje, depois de tantos seculos de um captiveiro sem nuvens, é licito esperar que tudo envidareis para a completa extincção dos escravos. Vosso nome não se ligará bem a uma instituição, que terá no futuro o estigma do seu passado; nem ao receberdes a corôa que vos orna a cabeça, juraste manter um regimen de cousa que envergonharia até a Constituição, que della não cogitou.

É pois tempo de fazerdes o que fez a mãe de Abdallah, quando seu filho, abandonado de seus amigos, preso em um castello e obrigado a capitular, foi consultar a ella o que devia fazer, e recebeu esta resposta: « Meu filho, quando tú tomastes as armas contra a casa de Ommiah, acreditavas sustentar o partido da virtude e da justiça? Sim, respondeu elle... Pois bem, o que ha a delibear? Não sabes tú que capitular com medo é uma covardia? Queres tú ser o desprezo dos Ommiahs, e que tendo de escolher entre a vida e o teu dever, é a vida que tú preferistes?

Tal é, Senhor, o termo a que têm de chegar as coïsas.

Os proprios ministros dizem que se o governo não resolver, a Nação resolverá a questão. Vossa Magestade é pois a mãe dos Abdallahs que são os opprimidos pelos esclavagistas. Fazei, Senhor, o que fôr digno de vós.

IX

Tributo do luxo. As finanças e os impostos. Efeitos da educação pela preguiça. Só os poderosos têm razão. O que aconteceu a Themistocles. Erro em fazer o interesse pessoal juiz dos homens. Consequencias. Os chefes de familia como devem educar os filhos para a politica. Luiz XIV e Molière.

Felizmente, Senhor, o luxo, companheiro da riqueza, seduz os que enthesouram suas fortunas, e serve para nivellar, pelas despezas a que elle obriga, os ricos senhores, e tanto os grandes como os pequenos se confundem nos grandes centros da vida, onde as individualides desaparecem.

Os efeitos do luxo, como os efeitos da escravidão, são em geral notaveis por causa dos pontos de contacto que os une, ambos exigem na sociedade grande policiamento, e este systema concorre sempre para fazer com que um grande numero de homens trabalhem para a felicidade de poucos.

Se o luxo consistisse no augmento do commercio das manufacturas, artes e artigos do paiz, sem

duvida que elle seria o factor de uma moral economica e reproductiva, auxiliar da fortuna particular, ao mesmo tempo seu melhor incentivo; mas consistindo na exhibição de tudo que é estrangeiro, não só atrophia-se o trabalho nacional, como se o amesquinha aos olhos do unico juiz que elle póde ter, que é o consumidor brasileiro.

Como si o luxo dos ricos, devesse ser o espelho da fortuna e da natureza dos gostos individuaes, tambem as finanças e os impostos do Estado, dão a medida exacta do mechanismo do systema financeiro do paiz.

Um dos erros que provém destes habitos, consiste no gozo dos sentidos, que é a aspiração suprema dos homens preguiçosos, de modo a tornarem repugnante o habito do trabalho, que o mechanismo da riqueza do paiz aniquilla, pelo desprezo que se vota a elle. (1)

Os senhores ricos, vivem do trabalho dos outros nas fazendas, as rendas do Estado são dirigidas por uma nuvem de funcionarios publicos, cobrindo as repartições de verdadeiros enxames de pretendentes a accessos de logares, o que origina uma eterna intriga, e um respeito hypocrita, ás autori-

(1) Só a liberdade sabe levantar o nivel moral do homem e com ella advem todas as conquistas e riquezas, tornando-se cada um o autor de sua propria fortuna.

dades que podem nomeiar, ou preferir os candidatos, que tambem sabem ser uma burla as leis de promoção, só feitas para serem violadas.

Um grande observador fez notar que um dos effeitos mais terriveis da educação pela preguiça, consiste em os seus protogonistas só conceberem idéas analogas ás suas, só a correlação das idéas, ligadas pela identidade de interesse, póde mover os homens; o que dá a suas opiniões uma especie de verdade preconcebida, que é o orgulho.

O saudoso M. de Maricá castigava esta theoria de conhecimentos creados na propria imaginação de cada um, com sua maxima: « Não admira que os nescios se julguem muitos sabedores, elles têm a vantagem de desconhecer que ignoram. »

Madame de Stael em suas Memorias, diz que a Duqueza de Ferté dizia tambem: « Não encontro senão eu que sempre tenho razão. » Como esta senhora, ha innumerous typos daquella maxima.

Senhor, chegamos ao tempo em que só os poderosos têm razão, só elles são patriotas, só elles conhecem o que convém a patria; parece que depois de acabada a campanha abolicionista V. M., podia pedir a todos os lavradores, a todos os propagandistas que escrevessem cada um em um papel assignalado por vós, qual teria sido o mais denodado trabalhador da emancipação, e verieis, Senhor,

que cada um fazendeiro, cada ministro, destes que acompanham a moda e a oportunidade, daria a si o primeiro logar. Como nós hoje estamos em um seculo semelhante a aquelle em que floresceu Themistocles, é bom recordar que depois da batalha de Salamina, tendo sido os capitães obrigados a declarar, por escripto, qual havia sido o primeiro na lucta, todos, dando a si a primeira parte da victoria, collocaram o nome de Themistocles em segundo logar; o povo julgou porém que devia prestar suas homenagens a aquelle que os capitães tinham considerado em primeiro logar, depois d'elles. (1)

E' certo, Senhor, que convém obrigar a vossos subditos a pensarem menos de si, e mais na patria, pois a tendencia das idéas subordinadas a este amor proprio, trará a certeza de que cada homem é um heróe, cada personagem, assim julgando-se por si mesmo, acima da lei e do povo, terá concorrido para este atrazo em que vivemos, pois como já o disse um sabio: « E' certo que cada um tem necessariamente de si a mais alta idéa; e em consequencia, não se estima nos outros senão a sua imagem, ou a sua semelhança »

Desde que o interesse pessoal é o unico juiz

(1) Como é verdadeiro este nosso conceito! No proprio ministerio que fez a lei está a prova em alguns de seus membros. Quantos chefes se vêem hoje que eram tyrannos escravocratas!

do merecimento dos homens, a bitola da avaliação do merito é erronea.

V. M. sempre seguindo o caminho da virtude, não tendo outro ideal senão o bem publico, ha de ser forçosamente um homem virtuoso, pois todo aquelle que assim proceder o será, e é por isso que nestas cartas, vosso subdito se preocupa com a educação dos homens politicos.

Os chefes politicos de ambos os partidos, na protecção que dispensam aos seus correligionarios, têm se guiado pela certeza que adquirem de ser ou não um tal protegido, um instrumento cego de seus caprichos, resultando dahi a nullificação dos partidos, que se revesam no poder, á porfia, e sempre animados das mesmas idéas.

Ora, como raramente se concorda com o merito, que é uma qualidade secundaria na politica do Brazil, os chefes sentem que elles alcançarão mais reconhecimento dos seus protegidos, quanto menos dignos forem taes individuos de sua protecção.

Politica bastarda é essa, Senhor, que mede as suas conquistas pela incapacidade dos homens, resultando sempre uma injustiça na distribuição das graças, que póde apagar o amor da gloria e o entusiasmo no coração dos moços e dos homens justos!

Certo é que raros homens excepcionaes, á força de lutar, têm se levantado, porque o merecimento é como a agua e abre o caminho por si mesmo; mas não ha educação, sem objecto, e o unico que daria a nossa patria os alicerces de sua grandeza, consistiria em crear homens fortes, amigos da patria, virtuosos, de espirito altivo e sério, e principalmente de character elevado, o que não é, Senhor, para se adquirir na escola politica do paiz, (*) entretanto, com justo desvanecimento, vosso subdito reconhece a vosso respeito, não haveria embaraço para chegar-se a um tal desideratum, porque não tem havido de vossa parte a menor opposição ás reformas, que os vossos ministros, fazem sem nexo, talvez por isso, não permitindo um systema de accôrdo com a utilidade publica.

Ora, se os chefes de familia adquirirem a certeza de que não será pela virtude, nem pelos talentos, que seus filhos abrirão o caminho da fortuna politica, sem duvida, que a despeito das maximas moraes que elles lhes ensinam, sempre dirão, a meia voz, que as altas virtudes prejudicam

(*) Haverá quem desconheça que a causa dos males dos partidos no Brazil provem desta educação na qual os adulares e os homens de má conducta, quando têm grande talento, são os mais aproveitados na politica, e são os intimos e confidentes dos ministros!!

os homens, e pelo que os proprios moços aprendem, não será difficil que ainda hoje Molière tenha razão, quando disse: « que é preciso só para se ser bem succedido, que se tenha prudencia e timidez na pratica dos delictos, e que só se tenha honestidade, quanta seja precisa para se não ir á forca. »

Ha um proposito firme de castigar os homens coherentes, a lealdade e o dever que se tem ás idéas, não são garantia nem reflectem bem o merecimento daquelles que o têm; os obreiros das reformas do elemento servil, sentem prazer em tirar do partido conservador as glorias que elle conseguiu desde Eusebio. Dos ex-ministros do ministerio 7 de Março só o Conselheiro Jaguaribe manifestou-se abolicionista, tendo no ultimo discurso pronunciado em 1884 mostrado que a abolição não se fazia porque os chefes politicos estavam mancomunados para não executarem a lei de 28 de Setembro de 1871. Este discurso, cheio de conceitos e criterio, desagradou; talvez por que a coherencia e as virtudes daquelle ancião, não dão a elle autoridade.

Entretanto, Senhor, temos certeza de que iguaes sentimentos tem o Conselheiro João Alfredo e os seus collegas; mas o que elles não querem é fazer com o seu apoio a glorificação da politica

aboliconista, que vós forçastes os liberaes a adoptar. (*)

Recordando, ao terminar esta carta, a passagem historica entre Luiz XIV e Molière, pensamos avocar factos do passados, sempre promptos para vigorar a logica da linguagem escripta entre homens que só dão apreço a manifestação do pensamento feita por este meio.

Quando Molière apresentou ao publico o seu immortal Tartufo, cujo unico fim era ridicularisar os hypocritas, e castigar os aduladores, a côrte do rei assistindo á representação, indignou-se contra uma peça *tão indigna de um homem notavel*, e a critica fez com que fosse prohibida a representação.

Oito dias depois a côrte em companhia de seu rei applaudia a representação da *Scaramouche Ermite*, peça immoral.

O rei sahindo do theatro disse ao Grande Condé: « Eu quereria bem saber porque razão os homens que se escandalisam tanto com a comedia de Molière, nada dizem da Scaramouche? »

« Os comediantes italianos, respondeu o principe, não têm escandalisado senão a Deus, ao passo que os francezes, têm trazido o escandalo aos devotos. »

(*) Fomos prophetas, porque estas palavras escriptas em 1885 foram plenamente justificadas em 1889.

Luiz XIV a pedido de Molière, fez levantar a proibição e o Tartufo fez reputação e teve applausos de muita gente!

Infelizmente, Senhor, V. M. conhece os homens, e fez com que os novos abolicionistas liberaes deixassem os velhos abolicionistas conservadores fóra da lei e da opinião.

X

Os falsos ministros. A ambição. O que convém para se subir muito. Desprezo pelos artistas. Exemplos de nobre lição. Honra á sciencia. Os desgostos e os criticos. Correlação entre os deffeitos e as virtudes do povo. Uma boa lei da China. Como se explica a importancia dos commissarios. Receio de que não se realizem os conceitos notados no livro de Montesquieu. O regimen da propriedade e do commercio. Amor ás posições partidarias.

Senhor, têm subido a vosso governo alguns falsos ministros, pretensos Richelieu, que por serem elevados ás altas posições, ainda moços, como aquelle grande homem, julgam animar e lisongear V. M. aceitando tudo que dizeis, e promovendo tudo que elles pensam que agradará a V. M. Entretanto, falta a estes a coragem daquelle, que antes da idade de 24 annos, tendo conseguido illudir o Papa, assegurando que já tinha aquella idade para ser nomeado bispo, logo após a sua nomeação, foi pedir ao Papa perdão por tel-o enganado.

« Eis ahí um homem de espirito, disse o Papa admirado de tanta audacia; mas que um dia virá a ser um grande intrigante. »

A ambição que devora os homens, faz tambem devorar muitas reputações, e vê-se no Brazil homens temporões na politica e nos ministerios; uns tendo o sobrenome *junior*, apesar de velhos, são diplomados por causa de sua ignorancia; outros, com suas fardas, apesar de moços attestam o quanto póde a ambição elevar os homens. Parece que a phrase do marquez de Maricá já tinha applicação desde o primeiro reinado no Brazil, pois dizia aquelle velho: « Ha homens que são como os balões, elevam-se por serem leves de mais. »

Mas no nosso paiz só se póde ser alguma cousa sendo politico, o merito dos artistas é desprezado, as familias brazileiras têm por elles um ar de desconfiança, e o ideal das moças é ter por esposo um doutor, como o ideal de todo o moço é chegar o mais depressa possivel a tal posição.

As leis correndo atraz de tão vãos desejos, facilitam o ensino ao ponto de abolir o estudo, e os grãos scientificos reflectindo a sciencia, cream as capacidades taes como são.

E preciso ter desembaraço, fallar muito, não viver no interior, chamar a vida da periferia para o centro; emfim submetter o homem á mesma lei

que guia a materia bruta, que é attrahida sempre para os centros.

A vida das provincias vae perdendo os attractivos, as tendencias emancipadoras, são castigadas pelos chefes, e toda tentativa de emancipação é um acto de insubordinação.

Só vós, Senhor, com vosso dinheiro, haveis reagido, e por mais de uma vez, tendes mandado ao velho mundo homens de merecimento provado, que assignalam nas artes o genio e a capacidade, que muitas vezes volta a ennegrecer-se na sua patria.

O pó do indifferentismo, é pois, uma atmospheria que rodeia o paiz e os que têm pulmões largos para respiral-a, acham tambem protecção em V. M., que pela bondade é inexcedível, porque sabe que a bondade dos homens torna-os sabios e a sabedoria delles torna-os bons.

Felizmente, Senhor, esta predilecção que V. M. tem mostrado pelos artistas era digna do amor que Carlos V votava tambem a elles.

Sempre que fôr possivel, Senhor, deveis imitar aquelle mestre e se alguma vez houver ministro assás ciumento deste zelo que procure desviar V. M., convem que V. M. applique a elle a lição que aquelle soberano deu aos seus cortezaões, quando um dia, estando a admirar um quadro precioso

que o Ticiano pintava, aconteceu cahir o pincel deste, que o rei logo apanhou. O Ticiano confuso de tantas honras, desfazia-se em desculpas, quando o rei disse: « Ticiano é digno de ser servido por Cesar. » Como os ministros o criticassem por este elogio, o rei lhes respondeu: « Duques e Condes como vós, eu posso fazel-os tantos quantos eu quizer, mas só Deus póde crear um homem como o Ticiano. »

Tal é o modo de castigar dos bons monarchas que em infinitas occasiões, podem, variando o texto, applicar a receita ao tratamento e ensinamento dos homens.

Por toda a parte, Senhor, tanto vós como vossos agentes, devem honrar a sciencia, quer ella seja representada pelo pobre, como pelo rico, certo como deveis estar da verdade que Carlos V, tão digno de ser sempre imitado, dizia: « Nunca é demais a honra que se presta áquelles que cultivam a sciencia; emquanto ella existir no reino, elle prosperará, mas cahirá em decadencia, quando ella se sumir ou desaparecer. »

É mesmo natural, que as lições de experiencia, que são sempre as mais positivas, tenham feito convencer aos homens de letras, que só aquelles que ligam seu nome a ellas, podem esperar que perdue sua memoria na estima publica; pois é

certo que o reconhecimento deve subsistir emquanto os beneficios perdurarem, e forem uteis á patria.

Esta consolação animadora de verdadeira estima, compensa os desgostos que alguns homens eminentes nas letras têm saboreado, para fazerem suas criticas á V. M.

Este facto, porém, que deu a Alencar tão profundos desgostos, parece não accentuar ainda uma apostrophe justa lançada a V. M., pois, novos como são os habitos da monarchia no paiz, da divergencia de interpretação delles, mais do que das idéas dos homens, deve resultar a origem da duvida.

Taes defeitos são inherentes aos nossos habitos; as virtudes e os vicios do povo têm uma correlação intima com as suas leis, que são o temperamento dos cidadãos; por ellas se avalia de um povo, por ellas se sabe a capacidade do mesmo para soffrer ou para se atirar a grandes commettimentos. A lei está para o povo, assim como o sangue está para o corpo.

E' por amor desta verdade que podemos explicar a organização da lei chineza, que para fazer fecundar os germens de virtudes, quer que as mandarins participem da gloria e da vergonha das acções virtuosas ou infames commettidas em seu

governo, e conforme as acções boas ou más que os subditos praticam, assim elles sobem, ou são apeiados de suas posições.

Fazei, Senhor, que a moral desta boa lei, seja conhecida por todos os pais de familia, pois não ha duvida que é honrando cada um o character e o dignidade, que estas virtudes se inocularão nos filhos, e a colligação dos sentimentos, perpetuando a tradição do bem, garantirá a permanencia da felicidade da patria, pelo concurso generoso da educação de seus filhos.

A administração, Senhor, deve pois se identificar com os homens de bem; pois a escolha de um presidente immoral, só póde deixar nas provincias o uso dos mexericos, dos bailes, onde se endeusa o amor, e a moralidade quebrada na acção dos prazeres, exercita-se perniciosamente nas finanças, traduzindo a improbidade, que fica a descoberto.

Vosso governo, Senhor, tem chegado a condecorar individuos que tendo exaurido os cofres das provincias em concessões duvidosas, produzem o desanimo e a especulação, que é a irmã gêmea da improbidade.

Tanto por algumas más escolhas, como tambem pelo espirito de malversação de muitos de vossos subditos, se tem feito aos homens publicos fortes

censuras pela improbidade; mas, Senhor, por honra nossa, é justo assignalar que V. M. tem sabido sempre abrigar os cofres publicos das mãos dos advogados administrativos, muitos dos quaes se têm tornado uma especie de heróes, mas somente depois de vós os haverdes elevado a honras grandes, e actuam atraz dos reposteiros apezar da fiscalisação que vós exerceis.

O tempo, porém, que é o melhor vehiculo da critica, tem mostrado o valor das arguições que se fazem e, Senhor, convem que vós conserveis o vosso poder moderador para corrigir as falsas accusações, fazendo desta augusta attribuição que as leis vos deram, a encarnação da justiça para que possais fazer como Timoleão, que accusado de malversação, quando o povo estava prestes a estrangular os accusadores, elle dominou o furor da plebe, dizendo: « Siracusanos, que ides vós fazer? Reflecti, que todo o cidadão tem o direito de me accusar. Abstende-vos em consentir que se viole esta mesma liberdade, que me é tão gloriosa, de havel-a alcançado. »

Nossa patria, Senhor, sancionando a importancia dos homens pelas fortunas que elles têm, merece profundas cogitações dos moralistas, para ver até que ponto, o commercio, que dá taes fortunas, tem concorrido para entibiar o amor da pa-

tria, que não serve de orgulho aos ricos de nosso paiz, sempre promptos a concorrer para enfraquecer a monarchia que pelo modo porque vae sendo guiada, será em pouco tempo repellida pelos cidadãos patriotas.

A este respeito, factos tirados do passado colonial e seguidos ainda hoje pelos commissarios, que formam a potencia do commercio, offerecem provas evidentes da necessidade que têm os povos de nivelarem as fontes de fortuna, quanto seja possível, afim de evitar os monopolios, fontes fecundas de interesses, de paixões, que por cegas, como dizia Montesquieu, fazem sentir mas nunca vêr.

Tal foi a origem assignalada por este grande homem em seu livro *Grandeza e Decadencia dos Romanos*, e tal será, muito breve, Senhor, a causa que ha de enfraquecer a força da monarchia neste grande gigante, terra feliz de nosso berço.

Nas republicas onde o commercio floresceu, mostra a historia que seus heróes apresentaram-se para destruir a tyrannia, mas sempre elles desapareceram com ella.

Balzac dizia da Hollanda, nos primeiros momentos de sua liberdade, que os hollandezes, tinham merecido ter Deus por seu rei, pois que elles não tinham podido supportar ter um rei por Deus.

Helvetius diz que « O sol proprio para a reproducção dos grandes homens, em breve ficou esgotado nestas republicas: É a gloria de Carthago desapparecendo com Annibal. O espirito de commercio ali destruiu necessariamente o espirito de força e de coragem. »

O regimen da grande propriedade reflectindo a escravidão, corre parelha com o regimen dos commissarios, explorando os senhores dos captivos, e ambos se equilibram porque a natureza humana é toda de compensações; sem elles os senhores não teriam encontrado nos grandes centros de vida os baluartes de defeza na exploração dos negros; sem a lavoura não se criariam os monopolios tradicionaes dos tempos coloniaes e que constituem a grande propriedade.

Senhor, em escriptos nossos, que são tão desconhecidos como o autor desta carta, já provamos que na producção ha duas classes distinctas, ou o capital domina o trabalho, sendo o capital que o determina e recolhe quasi tudo que elle produz; ou póde o trabalho ser a fonte e o movel principal da producção, e neste caso pertence aos que trabalham o fructo desta producção.

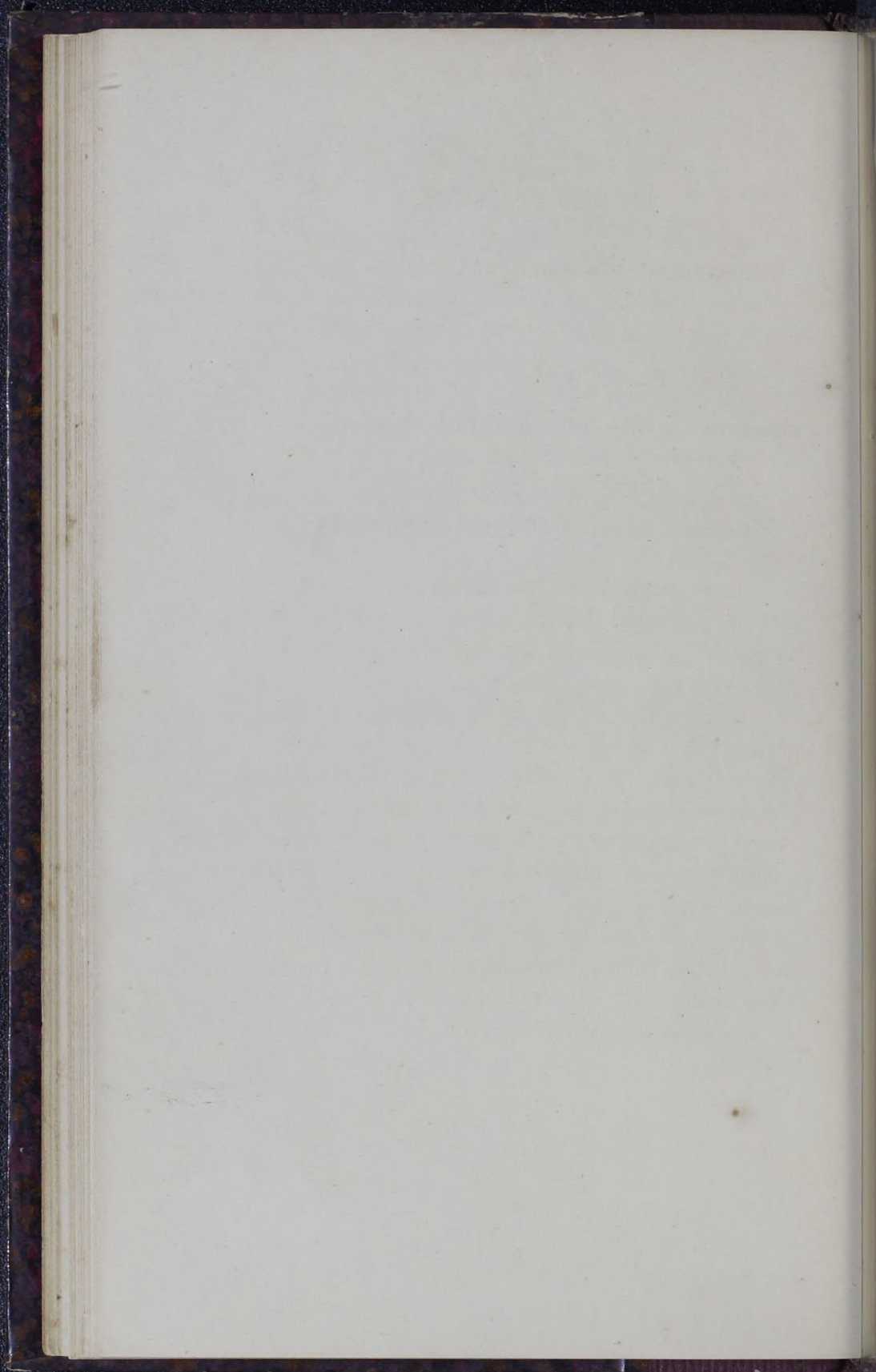
O regimen commercial como o temos no paiz, com o captiveiro, é todo da primeira hypothese, e só vós, Senhor, podereis acabar de uma vez com

elle, sem conceder aos homens que o exploram o poder de serem os ministros.

Os proprios abolicionistas, apenas se vêm eleitos deputados, esquecem o dever de se accommodarem com a opinião, querem fazer politica, querem ser ministros, e a cegueira das posições, os torna uns eternos utopistas, ora arrastando a opinião publica, em nome da qual se elevaram, para o campo partidario com o qual se identificam, ora embaraçando qualquer reforma, como se fosse possivel legislar em opposição, sem fazer concessões, em uma questão em que o interesse é o motor da resistencia.

Côrte 16 de Julho de 1885.

Plutarco.



OBSERVAÇÕES

A RESPEITO DOS COSTUMES E DAS LEIS

I

Elementos da burguesia. O segredo das pequenas industrias. Os preconceitos dos homens de côr. Valor da educação no lar domestico. A identidade de ideias não liga os homens no Brasil, sim a identidade de interesses. Politica especulativa.

Uma questão social, muito importante, e desprezada, é aquella que representa o elemento da burguesia, na influencia que deve exercer sobre as outras classes.

Realmente, o estado servil, reflecte a grande propriedade e os senhores feudaes, e desde os tempos coloniaes se sabe bem, quanto as leis que mantinham o escravo, como o agente unico do trabalho, concorreram para arraigar no espirito do povo, a crença de que o trabalho braçal era indigno do homem livre.

Vê-se, na verdade, que o trabalhador brasileiro, só de poucos annos a esta parte, trabalha no eito, e não sente agora o vexame que lhe causava o nivellamento com o infeliz escravo.

Como consequencia do regimen autoritario, o trabalhador e o proprietario, deixam uma tão grande differença entre si, que merece o maior cuidado dos legisladores e dos homens que influirem no animo de seus concidadãos, o estudo dos meios que tendam a suavisar esta differença, que, emquanto fôr repulsiva, entre estes dous agentes da riqueza, será tambem prejudicial a ambas as classes.

O Dr. Lerroy Beaulieu, em seu livro *La Question ouvrière*, diz com muito acerto, á pag. 242 :

« A classe burgueza ou média, tem duas qualidades, que fazem della o eixo da sociedade ; tem o espirito de tradição e o espirito de iniciativa, une um ao outro em proporções as mais perfectas. Ella é tambem um guia e um moderador.

« Graças a estas faculdades preciosas, que parecem se excluir, mas que se concilião, ella é o agente do progresso regular, e a alma da producção. »

A opinião desta autoridade serve muito para mostrar a importancia que ella liga ao trabalhador ; nós no Brazil, não temos ainda o espirito de classe, e a tradição que os operarios representam, resente-se do aviltamento que o trabalho causava, porque o individuo que trabalhava de enxada, não tendo a noção do valor do trabalho e do valor do operario,

envergonhava-se, pensando que os transeuntes o tomassem por um escravo !

Ora, é isso um mal, nós devemos todos os membros dos diferentes partidos politicos fazer a mais franca propaganda para que as relações entre os operarios e os patrões se estreitem, não devemos fugir das reuniões da burguezia, e sim aconselhar, por todos os modos, o desenvolvimento das associações dos operarios.

Cada leitor, que honrar com sua atenção estas despretenciosas considerações, reflecta sobre a verdade que ellas encerram, sendo benevolo para o modo pelo qual estão por nós traçadas.

A França, um paiz modelo de proveito para o estudo das questões sociaes, mostra-nos o modo pelo qual a importancia do operario, jornaleiro ou artista, concorreu para a sua grandeza, e principalmente para facilitar o incremento da renda publica, afim de ser pago com rapidez incrível, o grande compromisso que resultou da guerra franco-prussiana.

Este segredo reside nas pequenas industrias, no espirito de associação dos operarios, na previdencia que elle gera no animo do individuo, no respeito e consciencia da necessidade de disciplina, o que, tudo junto, concorre para o poderío das classes operarias, que elevadas sob a influencia da con-

sciencia dos seus proprios deveres, constituem a grandeza da poderosa republica dos Estados Unidos.

É certo que ha desvios, se as leis não regulam os sentimentos individuaes, faceis em extraviar-se para as paixões, que por cegas, não vêm os proprios males; mas as leis, serão uteis, quando tiverem o assentimento dos homens, e se acharem enraizadas nos costumes.

Pascal dizia, com muita verdade :

« Quando o homem se abaixa, eu o elevo, quando elle se eleva, eu o abaixo. »

Se fosse possivel gravar bem na consciencia do operario esta verdade, cada um, conhecendo sua força e até onde deve alimentar suas pretensões, seria o regulador do meio em que vivesse; o conhecimento desta verdade, é tambem a fonte do bem individual.

Mas a consciencia que o actual jornaleiro tem, de ser a escravidão indigna do homem, faz com que elle fuja do trabalho, e o modo porque as leis vão collocando o liberto na sociedade, sem a obrigatoriedade do trabalho, ha de concorrer para aggravar, ainda mais, esta crença; pois o liberto, enquanto não se fizera abolição da escravidão, além de pensar que ser livre, é não fazer nada, tem um grande interesse em mostrar a todo o mundo, que elle é livre, e foge por isso das occupações, em

que elle possa ser tomado, por quem quer que seja, como escravo, e principalmente tem repugnancia a convivencia dos seus ex-senhores.

Mesmo entre os homens de côr, muitos se envergonham de carregar fardos, outros, de servirem como creados, porque só se preoccupam com a idéa da sua personalidade.

Para se acabar com estes preconceitos, era preciso, antes de tudo, acabar com a escravidão; é tambem indispensavel, que se faça nascer a consciencia da sua propria posição, sentimento este, que não se vê no Brazil; porque, é um dos males maiores que causa o captiveiro, aquelle que provém da suppressão da igualdade humana, nas suas differentes escalas sociaes.

Realmente, ou se é escravo, ou homem livre, os que deixam o captiveiro, julgam-se de facto na outra classe, e tambem, por erronea comprehensão da liberdade, querem fazer tudo que fazem os grandes e poderosos, resultando d'ahi um odio nascente, que ha de repercutir no futuro; tudo porque em vez de se tratar da questão de classe, que é a questão social, só se procura resolver a questão servil com a suppressão do escravo, e aos poucos. O resultado é o que se vê: o liberto quer ser mais do que o ex-senhor, e não só o odeia, como se consome no proprio prejuizo e miseria, a que os

vícios, que não dormem, o reduzem em pouco tempo, encontrando, como encontram no liberto, um terreno preparado, pelo seu passado e pelo presente estado das cousas do nosso paiz.

Que importa que hajam homens que estão convencidos da necessidade de crear as classes operarias no nosso paiz?

Quem é que não sente, que só depois da vinda do colono jornaleiro, os nossos *camaradas* começaram a ser aproveitados no serviço do eito, visto que os europeus não se preocupavam com a idéa de serem tomados por escravos.

Não é senão no lar domestico, que o amor do trabalho se robustece; convém que os filhos dos camponeses trabalhem, que os orphãos desvalidos sejam empregados na cultura do sólo, que se estabeleçam os arrendamentos das propriedades subdivididas, onde o concurso de muitos, identificado pela igualdade do trabalho e da esperança, a respeito da sorte dos operarios, faça prova evidente do auxilio que este presta á fortuna particular e á saúde, que em muitos individuos é fraca, porque ainda mesmo que elles sejam de um organismo robusto, não agitam as suas forças, que por falta de exercicio regular definham.

O trabalho é tão natural e conveniente ao corpo, quanto o exercicio regular de todos os órgãos deste, é para a saúde.

A identidade de idéas, não liga no Brazil os homens, mas sim a identidade de interesses, donde resulta, que a moral que predomina é a especulativa.

Como consequencia destes principios, apparece a politica especulativa, e até a religião toma uma feição característica, como se pôde ver, pela criação do partido catholico que gorou nos logares mais civilisados.

É por isso tambem que a questão servil, que é de interesse particular, ha mais de 12 annos, é o thema de todas as discussões, e como que nasce, a cada eleição, sendo eleitos deputados, que contrariam hoje o que amanhã applaudem, e como preside as intenções o interesse particular, aquelles que o sacrificam pelo interesse geral, que defendem, são sempre julgados muito bons homens, mas não servindo para candidatos, porque fallam a verdade inteira, e convém dizel-a sómente na intimidade.

Agora mesmo conhecemos candidatos com circulares que se prestam a ser interpretadas de um ou outro modo, a respeito da questão servil. (*) Os fazendeiros, o que querem é ser illudidos, porque enquanto estiverem assim, não vêm de perto as questões que os aterram, justamente por não quererem encaral-as de frente.

(*) O Barão Homem de Mello e Dezembargador Bernardo Gavião. O Sr. Carlos Peixoto fez o mesma agora, de modo que as nossas observações feitas em 1885 a respeito daquelles illustres brasileiros, têm ainda applicação em 1889.

II

Oposição e enthusiasmo pela lei de 28 de Setembro.
Vantagens da abolição. Hypocrisia na lei. Desvios dos dinheiros destinados a liberdade. Necessidade da descentralisação. O que tem de vir a ser o trabalhador. O futuro do Brasil pertence a raça mestiça. Reformas eleitoraes. O melhor meio de provar que uma lei não presta é tornal-a bem conhecida

Cresce o enthusiasmo pela lei 28 de Setembro, havia pensamento em executar a lei, evidentemente despresada; hoje a contingencia das idéas, que dominam e que têm, como as aguas, o curso que a natureza indica pela declividade do sólo, vai obrigando a opinião dos chefes a ser manifestada, como aconteceu no dia 28 de Setembro.

As surpresas substituem as esperanças, e estas baixam com o cambio do dia.

O prestigioso chefe conservador barão de Cotegipe, o mesmo que em 1856 fez um projecto, prohibindo a sahida de lotes de escravos de umas provincias para outras, o não menos illustre conse-

lheiro João Alfredo, o braço forte do ministerio 7 de Março, serão forçados a encaminhar a questão a um termo definitivo, que não possa ser alterado por leis, ou modificado pela opinião, mas sim pelo desenvolvimento natural e ascendente da fortuna e felicidade individual dos ex-escravos.

Sustentamos que a abolição cêra uma classe; que ella garante aos libertos os elementos de sua reabilitação, dando permanencia ao trabalhador, e necessaria garantia ao lavrador, tornando obrigatorio o trabalho, que deve ser regulado por lei especial, como já a tivemos em tempo de guerra.

E' urgente a necessidade de descentralisação, devendo cada provincia legislar sobre contractos de locação de serviço, e bem assim sobre as terras devolutas que ellas tem, podendo conceder garantia de juro á grandes empresas colonisadoras que povoem e aproveitem o solo.

Os lavradores devem ter visto, e de sobejo estar convencidos, que nada adianta a opposição que elles fazem aos governos, quando se pretende fazer lei sobre qualquer ponto referente a questão servil; ha sempre meios de justificar o voto, e o eleitor fica sophismado, estando na consciencia publica o papel que representam os eleitores em época de eleição, e o modo pelo qual os liberaes têm conseguido illudir a questão, apresentando um projecto, que é

a reparação da lei de 1831 ; mas que nem della se falla, provando-se assim, que preside um pensamento occulto a uma lei, que devia ser clara e positivamente interpretada. (1)

Esta hypocrisia, que é a moral derramada na lei, ha de passar para a moral dos homens ; por que a nação reflectirá sempre o povo e a lei que a governam, uma não póde ser o contraste do outro ; a lei é a feição e o sangue do organismo do povo, por ella se avalia o seu temperamento, como se fosse ella o thermometro social ao alcance dos cidadãos.

Os partidos, deviam procurar eleger homens de talento e character, e não distrahir um só voto por causa das opiniões conhecidas do candidato ; devem procurar convencer a todos os brasileiros, que a questão servil deve ser resolvida, e que os chefes devem resolvel-a, não precisando os candidatos apresentar programmas, que a contingencia das situações destroem, obrigando os homens a humilhações conhecidas.

Uma tal doutrina, representaria a unidade de vista, e a disciplina que actúa na moral politica para a perfectibilidade dos partidos, devendo ella ser o elemento de cohesão indispensavel para os

(1) Nossa refferencia é feita ao projecto do benemerito senador Dantas, porque sempre estivemos convencidos que se fossem declarados livres os africanos e a sua descendencia, teria se acabado a escravidão logo depois da lei de 28 de Setembro de 1871.

homens se aggregarem e constituirem partidos fortes, com chefes conhecidos.

É preciso não esquecer estas palavras memoráveis do Sr. conselheiro Saraiva: « O Estado não deve fazer obra que não condiga a importancia de sua alta missão social, e os resultados alcançados pelo fundo de emancipação, são verdadeiramente mesquinhos ante o algarismo enorme da população escrava. »

O Sr. conselheiro Paulino, não desconhece a necessidade de substituir por elementos duradouros o trabalho, que foge do braço escravo, e anda errante, sem encontrar no braço livre, nacional ou libertado, o amor que devia inspirar, mas sim encontra odio e repulsa. (1)

O modo pelo qual o illustre chefe guia os fazendeiros, quando estes perdem os escravos, ha de fazer com que não possam mais remediar os males causados pelo regimem do trabalho servil.

Um paiz onde o trabalho é abominado, é um paiz em vespera da ruina.

Onde as leis não coagem os homens ao trabalho, e o clima incita a indolencia, não póde haver fortuna estavel para aquelles que viverem da lavoura.

A ociosidade, mãe geradora dos vicios, bate á

(1) É tão grande o progresso de nossa patria depois do abolição dos escravos, são tantos os beneficios e as vantagens do trabalho livre, que nossos conceitos estão plenamente justificados.

porta do paiz, para engrossar o vulto da indolencia, que como um novo Adamastor está nas Costas do Imperio. Urge organizar o trabalho creando a classe operaria, e fazendo desaparecer a escravidão.

A violação dos dinheiros do fundo de emancipação, está sendo cobrada com usura, pela crescente reacção no sentido de reivindicar tão grande injustiça.

O que se tem feito das quotas de 25 por cento, que retiraram do fundo de emancipação, desde 1881, mais de 1.400 contos?

Qual a influencia exercida pelo governo para fazer com que as avaliações dos libertandos fossem muito baixas?

Attendam os leitores para a enorme somma arrecadada, só no orçamento de 1881 a 1882 — 12.981:062\$040.

Compare-se o orçamento com as

	<i>Despezas</i>	
Porcentagem, aquisição de livros.....	673:934\$780	
Despeza de manumissões, liquidada	5.335:322\$598	
Despeza de manumissões, conhecida, mas não liquidada	2.298:573\$147	
Despeza de manumissões, distribuida, mas por empregar.....	2.768:256\$562	11.076:051\$087
Quota de 25 % que, na fórma das leis n.º 2.792 de 20 de Outubro de 1887, n.º 2.940 de 31 de Outubro de 1879 e n.º 3.017 de 5 de Novembro de 1880, tem de ser deduzida, a começar do exercicio de 1877-1878, para ser applicada á educação de ingenhos.....	1.410:305\$766	12.495:356\$853
Saldo sujeito á liquidação no fim de 1881-1882.....		<u>485:705\$187</u>

Até 1882 o Estado havia manumittido apenas 10.705 escravos, ao passo que a liberalidade particular elevava a cifra a mais de 65.000 !

Só nos ultimos dois annos, duas provincias acabaram a escravidão, libertando mais de 30,000 escravos, e o movimento de libertações até hoje, 1871 a 1884, conforme os calculos que fizemos, sóbe a mais de 100,000 escravos, manumittidos pela força do patriotismo e sentimentos humanitarios, independentes do fundo de emancipação.

Cégo é, não só o que não enxerga, como o que não quer vêr ; por isso asseguramos, que é util e conveniente para a lavoura tratar de resolver, com urgencia, a questão servil, por uma lei que regularise de uma vez o serviço.

As medidas parciaes, as concessões feitas, são apenas sancções á opinião que cresce com ellas.

Só a criação da classe agricola, regulada por lei especial feita pelas provincias, garantiriam o preço da propriedade, não consentindo na sua rapida e fatal depreciação. que o monopolio commercial do paiz explora, juntando a afflicção ao afflicto, e os centros commerciaes e milionarios da Europa e America, ap-

(1) Tivesse havido patriotismo para resolver as questões em tempo e não estaria o Brazil, trabalhado pela descrença, vendo-se os chefes dos partidos só se preocuparem com o poder, unica cousa que os move, e para isso illudem os deputados com promessas que não cumprem e programmas que não realisam.

plaudem, fazendo o preço do café baixar tanto, quanto elles querem que baixem o numero dos escravos.

Tornai impossivel esta baixa, associando o proprio trabalhador europeu a ella, e o sentimento da justiça, como um fogo mysterioso e insensivel, erguerá a temperatura pecuniaria do individuo e do paiz.

O malogro do syndicato, que foi a primeira tentativa da independencia commercial do Brazil, provou á evidencia, que não foi á superabundancia do café, mas sim á especulação do commercio, que se deve o baixo preço do nosso precioso producto.

Provou tambem quão pobre é o nosso commercio, para lutar com os milionarios do Havre, que por um jogo, bem combinado de especulação, além de desmoralisar a nossa tentativa, ficou de posse do segredo da baixa e da alta do café, que será um jogo divertido e lucrativo para os capitaes europeus, quanto perigoso e inutil para os nacionaes.

O cambio, reflectindo as finanças, é uma especie de corôa de espinhos na cabeça dos senhores, que, ricos, não podem gosar da fortuna no paiz, sem os espinhos e os espectros que o rodeiam, e fóra da patria, sem a depreciação da fortuna que o cambio devora.

Não exageramos, somos lavrador, sentimos o peso destas contingencias, que por causa de nossas idéas, nos fazem ficar condemnados da politica intransigente, e são ainda mais dolorosas. Expondo com sinceridade a causa dos males, só queremos, no nosso proprio interesse, que ella se transforme em causa de beneficios.

Olhar de frente os perigos, é de algum modo, indicar-lhe o termo até onde possam chegar.

Assim como um pai espartano, a um filho que pedia uma espada, porque a que tinha quebrara-se ao meio, respondeu: pois alonga-a, dando um passo para a frente; pensamos que o lavrador, que cogita do futuro de sua patria, que é o seu proprio, deverá dizer aos seus collegas: marchemos, associando a nossa intervenção á felicidade de nossa patria, porque assim garantimos a nossa propria sorte.

Enganam-se os que pensam que as idéas sociaes podem ser tomadas como politicas, ou possam ser tomadas como um phenomeno local, que deva ser regulado por leis que affectem o ensino, ou alterem as relações do trabalho.

O Sr. Leroy Beaulieu em seu livro, já citado, demonstra que o socialismo é um facto permanente, um « fermento que se encontra no fundo de toda civilisação humana. »

Se a ignorancia e o egoismo se dão as mãos

para a perpetuidade dos abusos, é também certo, que elles juntos têm destruido as suas proprias obras, porque o egoismo, mal entendido, é como a ignorancia pretenciosa, e os ignorantes se julgam muito sabios, porque têm a vantagem de não avaliarem o que ignoram.

Não ha quem tenha viajado pelos diversos logares do interior das provincias, que não perceba, um desejo grande de fazer desaparecer a escravidão e dar inteira autonomia as provincias; muitos que gozam entre os seus concidadãos de estima, usam de uma linguagem intima, e outra publica, ha nestas manifestações, uma verdade, que o observador apanha no germen puro das consciencias, é com ella que a opinião social se alimenta, de modo que explica-se perfeitamente o incremento e a rapidez com que as idéas sociaes, parecendo abafadas em uma athmosphera invencivel, fazem explosão, deixando perceber, por toda parte, a luz que ellas espalhão. (1)

Este phenomeno, que tem escapado aos incredulos, póde ser bem reputado, desde que se viu no fim de seis annos, uma assembléa de maioria liberal, que junta á opposição conservadora, só

(1) A ideia da federação tornou-se dominante em menos de 3 mezes. A prova do mal que o poder pessoal do Imperador produz, está em vêr como os partidos abandonam as ideias conforme os homens que são preferidos por S. M. são mais ou menos aulicos e patriotas.

deixava apparecer alguns abolicionistas, ficou de um dia para outro, quasi toda abolicionista, e talvez a maioria ficasse abolicionista, se houvesse mais demora no ataque parlamentar.

E' pois evidente, que esta tendencia para a perfectibilidade humana, é uma força de ordem psychologica, a que todos os homens se sentem arrastados, não se podendo duvidar d'ella, mesmo entre os ignorantes, quanto mais entre os homens esclarecidos.

E' sempre util lembrar que sendo tão extenso nosso paiz, tendo nelle, muitos annos antes da nossa independencia, havido uma população escrava, maior do que a livre, aquella vai desaparecendo, sem que se receie o menor abalo nas relações reciprocas de ambas.

E' verdade que as leis foram impotentes para fazer da grandiosa lei do immortal Rio Branco, uma fonte destruidora do mal, tanto na arvore como nos fructos, e as concessões de liberdade, como se tem feito, não dão solidas garantias, ao individuo e á sociedade, não havendo consciencia do valor do trabalho do operario, nem escola civilisadora do trabalho obrigatorio. Porque razão não se ha de dar toda importancia aos dizeres dos abolicionistas sinceros, ou ligar mais interesse á imprensa, em sua quasi totalidade, favoravel a

7

qualquer solução razoavel, mas permanente, a respeito da questão servil?

Antes da revolução franceza, o trabalhador estava tão opprimido, sua individualidade tão apagada, que ninguem poderia suppor, que onde não houvessem causas, pudessem haver effeitos a receber-se. E' que não se pensa jámais que a permanencia dos elementos, que sempre existiram e existem, se perturbem, sem alterar-se primeiro o modo de vida, entre estes elementos.

Isso parece verdadeiro, mas desde que ha caldeiras em ebulição, onde estes mesmos elementos são os combustiveis e ao mesmo tempo a materia aquecida, não se illuda ninguem, pensando que não ha perigo algum em conservar opprimido com muito interesse e permanencia, o elemento que constitue o objecto de milhares de pensamentos e cogitações. (1)

Em França dizia, um dos deputados que precederam a revolução, o Sr. Sieyès, uma phrase, que passou a ser a divisa dos opprimidos:

— O que é o trabalhador? Nada.

— O que deve elle vir a ser? Tudo.

(1) Querendo ligar o escravo ao senhor e o senhor a monarchia, S. M. o Imperador illudiu-se preferindo cuidar dos interesses da dinastia mais do que do progresso do paiz. E verdade que a falta de estadistas tem feito os partidos se desorganisarem, porque não tendo programma, realisam uns as ideias dos outros.

Devemos receiar que venha a acontecer o mesmo em nosso paiz.

Muito conviria discutir a questão de raças e nacionalidades, para se saber, até que ponto é dado suppor que a supremacia da raça branca, ou caucasica, possa dirigir os destinos do nosso paiz, onde a nacionalidade foi colorida desde o berço.

Nós não queremos, entretanto, agitar essa questão que em nossa these academica sobre o aclimamento das raças sob o ponto de vista de colonisação no Brazil, elucidamos com vantagem, a julgar pela nota que mereceu; mas asseguramos que a nossa humilde opinião é a do sabio Quatrefores: « O futuro do mundo pertence á raça mestiça. »

O illustrado e patriota senador Corrêa, em seu relatorio sobre a estatistica da população do Brazil, apresentado em 1877 ao ministro do imperio, prova com dados, o que avançamos.

De um estudo que fizemos sobre o relatorio do director da estatistica em 1877, extrahimos os seguintes dados :

Ha no Brazil.....	10,112.061	habitantes
Foram recenseados apenas..	9.930.478	»
São livres.....	8.419.672	»
São escravos	1.500.806	»

Pertencem á raça branca...	3.787.280 habitantes	
Pertencem á raça africana..	1.954.452	»
Pertencem á raça crusada, ou parda.....	3.801.782	»
Pertencem á raça indigena.	386.955	»

Encontra-se para cada mil habitantes: 381 brancos, 197 pretos, 383 pardos e 59 caboclos.

Estes dados são importantes, elles ficam estampados para meditarem sobre elle os leitores, crentes e incredulos.

Ha outro ponto que queremos tornar saliente, é o effeito da influencia do proprietario no interior.

Objecto de especulação politica, elle tem sido uma especie de manequim eleitoral, ou thermometro de descredito eleitoral em muitos logares no Brazil.

Quem é que não sabe o valor que tinha um homem rico, chefe politico e commandante da guarda nacional?

O que têm feito as leis do nosso paiz para transformarem este homem, todos sabem. Quando era moda fazer-se o deputado por circulos pequenos, convinha elevar o *homem do sertão*, elle era o manda chuva.

As eleições eram feitas a bico de penna, deixava-se um collegio para se fazer a apuração, e quando o resultado dos outros collegios era conhecido, apparecia aquelle, que fazia a conta de chegar.

Um tal systema arruinou muito os creditos da politica, e appareceu a reacção, vieram as eleições por provincia.

Eram ellas o meio efficaz de passar do interior para o centro a influencia, que escapava aos chefes; os partidos iam soffrendo uma influencia perniciososa, pelo predominio da influencia dos homens do interior, cidadãos muito honrados, mas nem sempre muito instruidos, que obedeciam mais aos chefes da côrte, do que aos da provincia, porque de lá vinham as recompensas mais reaes.

As eleições por provincia absorveram a influencia dos homens do interior. Foi um mal; as allianças, indisciplinas, os conchavos, eram uma consequencia do regimen eleitoral.

Sabe se da historia eleitoral, pela qual o paiz tem passado até agora, e a eleição directa, que elevou o censo eleitoral, foi talvez um meio de preparo para a escolha de candidatos, que tivessem de resolver a questão de interesse, a questão servil.

Entretanto o resultado terá provado os intuitos dos legisladores? E' cedo de mais, para apreciar até que ponto a influencia de uma lei apropriada para um pessoal, cuja mentalidade esteja bem educada, possa ter derramado nos partidos o elemento de uma cohesão e homogeneidade, que ella obriga por sua natureza.

Entretanto ha um facto caracteristico: A lei estabeleceu dois escrutinios; mas em S. Paulo ha tres partidos; logo a lei excluiu um; mas como não se faz impunemente uma injustiça, o resultado é que a lei, parecendo esquecer o partido republicano, ou desprezal-o, veiu dar lhe uma força enorme.

Os republicanos são eliminados do segundo escrutinio; mas como no segundo, seus votos são os que pezam, elles elegem, este ou aquelle candidato, justamente porque a lei, que não fez caso delles, é a mesma que lhe dá uma tal preponderancia!

O segundo escrutinio, em um paiz como o nosso, é o maior absurdo legislativo, que se podia crear, para pasto dos conchavos e immoralidades feitas á sombra da lei.

E' o caso de tornar a repetir o conceito do general Grant: « O melhor meio de provar que uma lei não presta, é tornal-a bem conhecida. »

III

Progresso e sua evolução. Necessidade de leis do trabalho. Regimen da liberdade e da tutella. Interesse publico e privado. O trabalho abre caminho á fortuna. Indolencia do governo. As provincias precisam legislar sobre contractos de locação. A corrupção do povo. Transformação do paiz.

Os nossos leitores não levem a mal se perdemos o tempo em demonstrar que S. Paulo, provincia rica, de clima ameno, sem igual no imperio, considerado por Liais, Sigaud, Saint Hilaire, como dos melhores do mundo, que tem terrenos de cultura, sendo no Oeste, terra roxa, em uma extensão de muitas dezenas de leguas, o que quer dizer terras senão inexgotaveis, pelo menos, inexgotadas por muitos seculos, que tem actualmente mais da terça parte das estradas de ferro do Brazil, não precisa, para seu desenvolvimento material, senão de immigrants laboriosos, bancos agricolas e leis protectoras das industrias.

Um paiz que progride, passa em geral por tres estados de transformação, que são o pastoril, o agricola e o industrial ou commercial.

Se nos perguntassem qual seria o meio de fazer com que os sertões de Araraquara e os campos da Faxina, aliás quasi todos de terra rôxa, ficassem mais povoados, visto que sendo, nestes logares, a industria pastoril a unica, pois alli nós vemos um só fazendeiro, occupar muitas leguas, nós responderíamos: tornai esses terrenos agricolas, pois, como já vimos, onde não podem caber mais de cem homens criadores de gado, póde-se fazer com que vivam da agricultura milhares de pessoas.

Mas, se os logares proprios de plantações estivessem tomados e occupados por fazendeiros, com seus colonos, como em Campinas, de modo que o territorio não chegue para outros que vêm? Nós responderíamos: transformai a vossa grande propriedade em pequena lavoura, que ella contará o decuplo de trabalhadores livres, que farão a lavoura intensiva e esta representará um resultado cem vezes maior.

Se os terrenos cultivados não permittissem maior numero de trabalhadores, uma só officina que se fundasse bastaria, conforme a capacidade de suas machinas para dar meios de vida a milhares de operarios.

Quanto mais uma população é consideravel, mais torna-se completa a economia do trabalho, e mais rapido se torna o accrescimo do capital.

Campinas, Taubaté, Pindamonhangaba, que são centros do trabalho escravizado, são os logares que mais salutaes effeitos vão colher do trabalho livre.

Os que o promovem e hoje são insultados, terão, no futuro, de ser saudados pelo povo, mais amigo do paiz do que do interesse individual.

Mas, se apesar da transformação da grande propriedade, o solo não chegar para a população agricola?

Então, aconselharemos que ella se torne industrial. Uma superficie de dez alqueires de terras que não possa conter mais de 100 trabalhadores, poderá ter 1000 operarios que viverão com largueza e com fartura.

O nosso paiz precisa que leis especiaes concedidas ás provincias, garantam para ellas a transformação destes diversos estados: pastoril, agricola e commercial.

O Ceará, por exemplo, opprimido por seccas periodicas, onde os creadores não podem accumular fortuna, deve se transformar em uma provincia industrial, e como ella o Rio-Grande.

S. Paulo, agricola e pastoril, deve ser tambem industrial, mas para isso é indispensavel que o governo geral conceda, por um decenio, a estas provincias, isenção de direitos para os industriaes que as quizerem pôr em pratica.

É intuitivo, que sendo os impostos cobrados egualmente em todas as provincias, sendo diversos os climas, producção e colheitas, em um paiz como o nosso, que tem 1200 leguas de costa e abrange o clima do equador e dos tropicos com as producções especiaes para estas zonas, não pôde o imposto, sendo invariavel, deixar de ser oppressivo ou prohibitivo em umas provincias, quando aliás, elle pôde ser supportado em outras.

Querer que a industria extractiva da borracha, possa supportar no Sul do imperio o mesmo onus que no Pará, é absurdo que só a incoherencia de nossas leis pôde permittir.

O imposto do café é o mesmo em todo o Brazil, assim como o do assucar, mas quem não sabe que a lavoura tem definhado em muitas provincias por ser este imposto, que é de 16 por cento, prohibitivo para as provincias onde o solo já é ingrato, ou esteril?

Ao passo que se apressa o dia da abolição do captiveiro, nenhuma lei complementar, nenhum estudo da producção, do clima e das industrias se

fez ainda, e assim como ha uma só bitola para os contractos de locação de serviços para todo o paiz, ha um só imposto taxativo, quando alias são diversas a producção, o solo e os meios de exportação, aggravados pela distancia dos mercados consumidores.

Qual o meio de acabar com este impecilio ao desenvolvimento do paiz, impecilio que é creado pela propria lei? Sem duvida que seria acabar-se com a lei para as alfandegas e as repartições do fisco, que além de crearem no paiz um corpo eleitoral calculado em perto de 30 mil funcionarios, que absorvem parte dos lucros do systema, ainda produz o effeito deleterio sobre as industrias e profissões, visto que o funcionalismo já é uma desgraça.

O trabalho nas repartições publicas não póde sustentar o operario, porque elle perde um dia atraz de receber o seu salario, ou atraz de encomenda que lhe chegou nas Estações.

Consonante com este systema, as estradas de ferro tambem adoptaram as tarifas maximas, que nos Estados-Unidos se adoptavam, como o ponto de partida para ficarem servindo como as minimas do Brazil, e assim é que nós vemos os fretes das estradas de ferro absorverem o custo do preço do gelo, dos livros, das bagagens, dos generos de lavoura, do sal, aguardente, dos cereaes e até mesmo

do café, tudo isso em desaccôrdo com as leis economicas, que provam, que para uma lavoura e industria prosperarem, exige-se que ellas estejam proximas dos portos de exportação.

Entretanto, pelo systema da cultura das derubadas, as fazendas já não têm mattas, vão sendo abandonadas, porque os fazendeiros querem só os sertões de mattas virgens, e as margens das estradas de ferro vão sendo despovoadas!

Erro ou calculo, induz a muitos lavradores, que têm suas fazendas nos confins da provincia, a empregarem seus esforços para as estradas lá irem, o que seria bom, se não fosse á custa da garantia das provincias, que já pagão annualmente milhares de contos por garantias de juros.

Nestas condições a organização do trabalho, depende de leis especiaes, o que não é innovação, visto que em uma crise como esta, estas leis são indispensaveis, e o governo já as fez no tempo da guerra do Paraguay, obrigando a guarda nacional ao serviço.

Os libertos não podem deixar de ser classificados como individuos, que deixando o triste estado da escravidão, sem educação, precisam de leis que regulem sua applicação ao trabalho, e aco-roçoem a economia deste, nos depositos das caixas economicas ruraes.

A missão da sociedade é complexa, o individuo deve ser livre no desenvolvimento della, pois a valia de um Estado provém da valia dos cidadãos que o compoem, mas não se segue dahi que se deva deixar a sociedade entregue aos caprichos individuaes.

Temos assás provado a desorganisação do trabalho pelas leis; cumpre-nos agora mostrar que é urgente a formação das associações para libertarem os captivos com a clausula da obrigatoriedade do trabalho, em contractos de locação de serviços, garantidos por lei especial. (1)

Os abolicionistas que quizerem cooperar para a obra pacifica da liberdade, seguramente hão de concordar, que para se chegar a ella, ha dois regimens: o regimen da liberdade que procura a tutela, e o regimen da tutela, que procura o dominio.

O 1º tende á emancipação, o 2º á governação, ao mando.

Nós nos manifestamos francamente pelo primeiro; pois elle admite a tutela, mas vai direito ao fim que pretendemos.

(1) O nosso folheto Organização do trabalho, publicado em 1884, compendiava todos os estudos e bases para a solução rapida e pacifica do desaparecimento da escravidão, e foi muito bem aceito, menos pelo governo Imperial, que só se preocupa de el ições e politicagem.

Coherente com estas doutrinas, é que marcha o abolicionismo historico.

S. Paulo, terra destinada a todos os grandes commettimentos, não applaudirá portanto, a fundação de clubs de lavoura que procurem reagir contra a sociedade, prejudicando a classe que querem proteger; porque nelles predomina o interesse individual. (1)

Sabe-se que os artistas e os industriaes nascem da liberdade; tutelada esta por beneficos contractos, que garantam na lavoura a sua transformação, os fazendeiros encontrarão todo o apoio, não só das leis, mas dos abolicionistas; urge pois que se fundem associações, nas quaes os fazendeiros façam as suas declarações de liberdade condicional por tantos annos, quantos possa a lei permittir. (2)

Uma vez que o liberto fique adstricto ao serviço, sem ter mais o stigma de escravo, não podendo perder entretanto seu estado de trabalhador, perguntamos: que medo podem ter os lavradores de ir cooperando sem luta, para a redempção dos captivos e das provincias?

A tutela, que guia a emancipação, é um campo de lutas, pois apparecem á porfia a liberdade, com

(1) As tentativas para esta propaganda abortaram, porque José do Patrocínio, o imortal abolicionista, e outros dedicados amigos levantaram as armas contra esta tirania que tinha por fim apertar as cadeias dos escravos.

(2) Adoptado este systema em S. Paulo a abolição fez-se logo.

sua concurrencia, e os privilegios com os seus monopolios.

Reconhecendo que não se acaba, de uma vez, com os preconceitos, os que conteporisarem com elles, não serão um impecilio á victoria, pois o que convém é não esmorecer, e é o que tem feito o abolicionismo sério, que terá de alcançar a abolição, quer queiram ou não os homens do governo do Brazil até o anno de 1889. (1)

Raro é o interesse privado, que não se veste com a apparencia de interesse publico, e em nome do futuro, ha muita gente que só advoga o regresso. Homens notaveis de ambos os partidos, estão actualmente pleiteando suas eleições, dando uma prova deste acerto.

A este respeito, a restauração do passado, ou a metamorphose do interesse, apparecem sempre envilecidas em theorias paradoxaes do direito á protecção e ao trabalho; são planos caducos, que não servem senão para illudir os eleitores, os quaes, a titulo de votarem em defensores dos interesses dos *senhores*, ou escolhem homens que são absor-

(1) O grande serviço prestado pelo illustrado conselheiro Dantas não consistiu só em fazer a causa abolicionista ser aceita no parlamento, mas principalmente em envolver os emancipadores com os abolicionistas, vindo desta mistura atenuar-se o odio que havia entre os fazendeiros e os propagandistas da abolição, serviço imenso que foi o germen fecundo da abolição.

vidos pelos chefes, ou especuladores, que insuflam, á sombra da lavoura, o veneno que a tem destruido, cujo germen estes mesmos deputados trazem em si, desde que não têm opiniões conhecidas.

As idéas crescem e carecem se desenvolver com a marcha progressiva da humanidade.

A opinião arrasta certas necessidades logicas. Nos tempos coloniaes, nós eramos dominados por um regimen de tutela e monopolio ; nossa independencia educou-nos com o regimen da tutela e liberdade.

A liberdade, comprehendida sómente pelos espiritos mais esclarecidos, foi ganhando terreno, até que Euzebio de Queiroz interpretou a lei, e reagiu, pondo a liberdade á sombra da lei, e desde esta data morreu o trafico.

Rio Branco estancou a fonte da escravidão, e Nabuco mostrou que se esta fonte estava livre, era logico que aquella que Euzebio havia extinto, não existia mais no Brazil. Desde estas datas, que estes tres homens assignalam, o paiz tomou a si a questão, e o governo, sempre contemporisando, até agora não quer se convencer que deve fazer uma lei, que garanta ao fazendeiro, que quizer compartilhar deste grande movimento social, o *dircito* de ter o serviço do liberto garantido tam-

bem, para que não cessem as suas colheitas nem as rendas publicas que elles vão produzir. (1)

Quem é que ignora que a liberdade não é a igualdade?

Por ventura, os abolicionistas de todas as profissões, que têm interesse na defeza de sua classe, quererão, que libertando-se o escravo se o deixe sem trabalho, sem lei que o obrigue a elle?

Nós applaudimos a igualdade, que abre caminho á liberdade, mas o esforço do liberto, que chega a ella, e que por meio della póde vir a ser um homem de bem, e honrar a sua patria, este sim, é o cunho da liberdade que amamos.

O trabalho é a unica manifestação do homem, que o nobilita para com a sua propria natureza. A nossa sociedade acostumada com a escravidão, se resente das suas dôres e males.

Muitas ordens de trabalhos eram especialmente dadas a certos homens; mas desde que se misturaram os trabalhos, desde que o escravo occupou todas as profissões dos artistas, não era possivel isental-o do natural desejo de liberdade, que caracteriza aquelles. A participação dos

(1) E' claro que quando escrevemos estas considerações nos jornaes de S. Paulo nosso fim era pedir leis que temos indicado em outros lugares, e que poderião permitir a obrigatoriedade do trabalho, por dois ou tres annos; mas desde que a abolição se impoz ao paiz, não havia mais razão alguma que aconselhasse semelhante procedimento.

mesmos trabalhos, entre escravos e operarios livres, basta para provar, que as duas classes eram formadas de grãos diversos, mas aproximados por semelhanças indestructiveis.

Nós em S. Paulo, cercados de colonos, de artistas, tinhamos, cedo ou tarde, de sentir os effeitos da lei da natureza, que guia esta terra rica de todos os elementos de grandeza.

Felizmente as sociedades fundadas com a escravidão, contam os seus progressos, pelos golpes de morte que esta soffre.

A proporção que cresce o bem estar, se vê a população mais intel'igente reagir. Vem das Capitães a idéa de grandeza individual, e o sentimento de personalidade humana cresce, com as conquistas da emancipação.

As sociedades, como os homens, crescem, melhorom e se fortificam, e isso tanto acontece com ellas, como com as classes que as reformam.

Qual poderia ser o aperfeiçoamento da classe escrava? Sem duvida que é a emancipação, amigavel, ou forçada.

Será porventura esta grande provincia, a que se mostre menos conhecedora das leis do trabalho e dos progressos que lhe são inatos, ella que collocou-se no primeiro pé de incremento em que está entre suas irmãs?

Acreditamos sinceramente que os dias do escravo estão contados, pois os fazendeiros se apressarão em garantir a sua propriedade concedendo a liberdade, ao menos por tantos annos, quantos a lei conceder-lhes o direito. (1)

A interrupção da circulação é tão funesta ao organismo humano, como á sociedade.

Não é possível negar, que a supressão repentina do trabalho servil na lavoura do Brazil, poderia produzir abalo igual aos que os corpos sociaes teriam, com o desaparecimento do braço livre.

Nestas condições, o dever dos abolicionistas, que tomaram a si o encargo da direcção do movimento, é aconselhar todo o respeito possível aos contractos de liberdade condicional.

Assim pois, consideramos que o meio em que se vive, deve forçosamente influir para modificar o plano de vida, de luta e de trabalho, e em S. Paulo, o pensamento dominante, é que este uberrimo elemento de prosperidade publica e particular, não sinta senão novos contingentes e incentivos ao seu maximo desenvolvimento.

Desde que o governo, sempre contradictorio, nada faz, e limita-se a tributar (2) em quinhentos

(1) A nossa propaganda neste sentido foi coroada do melhor exito e o chefe abolicionista Antonio Bento foi verdadeiramente digno da gloria.

(2) Projecto Lafayette.

réis o infeliz escravo, para que este, á sua custa, se liberte, e faz isso justamente quando S. Paulo tributa-o em cinco mil réis por cabeça, comprehende-se que o pensamento do legislador paulista é muito mais elevado. Os gloriosos exemplos dados pelo Ceará, Amazonas, Rio-Grande do Sul e S. Paulo, promovendo a imposição sobre o escravo, como auxilio á libertação da escravidão, deviam ter actuado no animo do governo para tomar uma medida geral em todo o Imperio, porque estas leis provinciaes hão de fazer com que a escravidão desapareça no fim de um a dous annos. (1)

Cada provincia, uma vez que possa, em sua egislação provincial, regular os compromissos e a penalidade para as infracções dos contractos, terá em si mesma os germens de uma providencia salvadora, que actuará junto da opinião publica, com o mesmo effeito do calor junto da cêra: ella se amalgamará ao espirito já manifestado pelos legisladores, e serão creadas em cada municipio as associações abolicionistas a cargo das quaes se lavrarão os contractos de locação de serviço, devendo o collecter e o escrivão do juizo de paz assistirem a estes actos, passando assim o escravo a ser um

(1) Assim teria acontecido se não fossem encarregados por S. M. o Imperador do governo do Brazil os Srs. Martinho Campos, Lafayette e Cote-gipe. Estas nossas observações foram escriptas e publicadas em Janeiro de 1884, e apezar de pedirmos tão pouco, nada se obteve em favor dos escravos.

operario do trabalho para a lavoura, e para a sua pacifica redempção.

Ora, isso não é um plano revolucionario, é a transformação do estado servil pelas leis abolicionistas, que são cheias de beneficios, ao passo que as leis casuisticas do governo geral, têm tido um cunho de esterilidade, que absorve a tranquillidade do lavrador e o bem estar do paiz.

A organização do trabalho precisa pois de lei energica, como a organização do homem precisa do sangue.

Nós tivemos a fortuna de indicar na Assembléa provincial, que se representasse á Assembléa Geral para que passasse ás provincias, a attribuição de legislar sobre contractos de locação de serviço. (1)

Sem força no parlamento, os abolicionistas são tidos por anarchistas, mas quando elles provarem que desejam a ordem, e o bem da lavoura, suas idéas ou os seus planos serão dispensados; porque os interessados na especulação da politica, vêm nelles um adversario, quando, na verdade, elles são victimas politicas de suas proprias idéas,

(1) Em 1886 apresentamos na Assembléa Geral este projecto nos seguintes termos:

A Assembléa Geral decreta:

Art. 1.º Entre as attribuições concedidas pelo Acto Adicional ás Assembléas Provinciaes, comprehende-se tambem o direito de legislar sobre contractos de locação de serviço.

mas victimas convencidas do bem que prestam ao paiz.

A negação dos salutaes destinos da raça humana, que faz crear nos homens de Estado o ciume na escolha dos que lhe obedecem, os faz cegos, e os torna improprios para collaborarem na grande obra do crescimento do paiz, e por isso os excessos dos abolicionistas se tornam perfeitamente justificados pelo desprezo que os homens de Estado lhes votam.

Quem é que não sabe que para se legislar sobre uma materia tão grave, ambas as partes interessadas devem ser ouvidas?

Que lei abolicionista sábia e previdente pôde sahir de uma assembléa de escravocratas?

Joaquim Nabuco, desterrado ou derrotado, influe mais na lei que se tenha de fazer, do que 10 ou 20 deputados; entretanto que isso acontece, não se o quer de fórma alguma, para auxiliar e para representante de seu paiz, sendo para notar que são os seus correligionarios os que mais o guerream!?

O humilde autor destas linhas foi derrotado pelo seu competidor na provincia abolicionista, justamente quando este se declarou escravocrata e por isso foi ministro, mas isso não impediu que a provincia insultada triumphasse na idéa, já que

não podia triumphar do governo, com seu cortejo de eleitores aristocratisados pelo voto ou pelas posições officiaes mercadejadas sendo o candidato official favorecido pelo Sr. barão de Cotegipe.

Depois do sacrificio de algumas dezenas de contos, e muito trabalho, as conveniencias politicas o condemnaram; mas o character que não muda, exaltando as qualidades moraes, anima o patriotismo que o move, e, applaudindo a attitude dos chefes politicos da Côrte, que reduziram o seu adversario a um instrumento, só achou motivos para resignar-se e continuar a dar provas da sua lealdade, como podem attestar os que o conhecem. (1)

O visconde de Nictheroy, teve uma phrase feliz, quando disse:

« Nasce pois de cima a corrupção do povo », e com ella vivem os erros, ou os illudidos por esperanças de emprego, no cortejo millionario dos cofres publicos.

Se pois os lavradores querem sinceramente regular o serviço das fazendas, reunam-se os que se sentem animados de idéas sans, e organisem por si o serviço, creando associações, com tanto que

(1) Os acontecimentos politicos que deram causa á dissolução da Camara em Julho de 89, hão de fazer os partidos se esphacelarem, e os homens que têm as mesmas afinidades de idéas hão de deixar os partidos para se organisarem com os elementos progressistas onde quer que elles estejam.

declarem que dão liberdade aos seus escravos e que estes só gozarão della na hypothese de trabalharem por tres annos ou por mais, se a lei permittir. O governo, porém, precisa rodear de garantias os actos dos lavradores.

Uma meia duzia de fazendeiros em um municipio, póde fazer isso, póde archivar seus contractos nas collectorias, e assim pondo-se á frente do movimento abolicionista, nada tem a receiar deste, porque o que querem os abolicionistas sinceros, são estas e outras medidas para a extincção do captivo, e não do trabalho, e gratos commemorão as festas de seus novos auxiliares.

Quem póde querer a desorganisação da sociedade?

A estabilidade da propriedade, constitue a sancção da independencia da vida individual; é a base ao redor da qual se collocam os calculos, as previsões, as esperanças da organisação da familia e da sociedade em geral.

Já se vê, que sem uma certeza de poder-se ter garantida a propriedade, não se poderia formar uma sociedade duradoura e estavel.

A escravidão era o impecilio para a estabilidade da propriedade, e desde que ella vai acabar-se, não se enganem os lavradores, pensando

que sem cooperarem com os seus proprios elementos em um paiz em que nada se pôde esperar do governo, elles hão de manter e transmittir a seus filhos as lavouras que hoje lhes dão tantos recursos.

É auxiliando e não impedindo a transformação, que elles garantirão o valor de seus bens ; e aquelle que quizer ser refractario ao progresso, nas mãos delle perecerá pela inercia a que tem de ficar reduzido. (1)

Ora, para se chegar a este ponto culminante do direito, cumpre confessar, é preciso que haja o respeito e o consentimento das duas partes, garantidas por leis especiaes.

Nós, pois, pedimos estas leis, e com ellas os contractos que ligam as nações como os individuos.

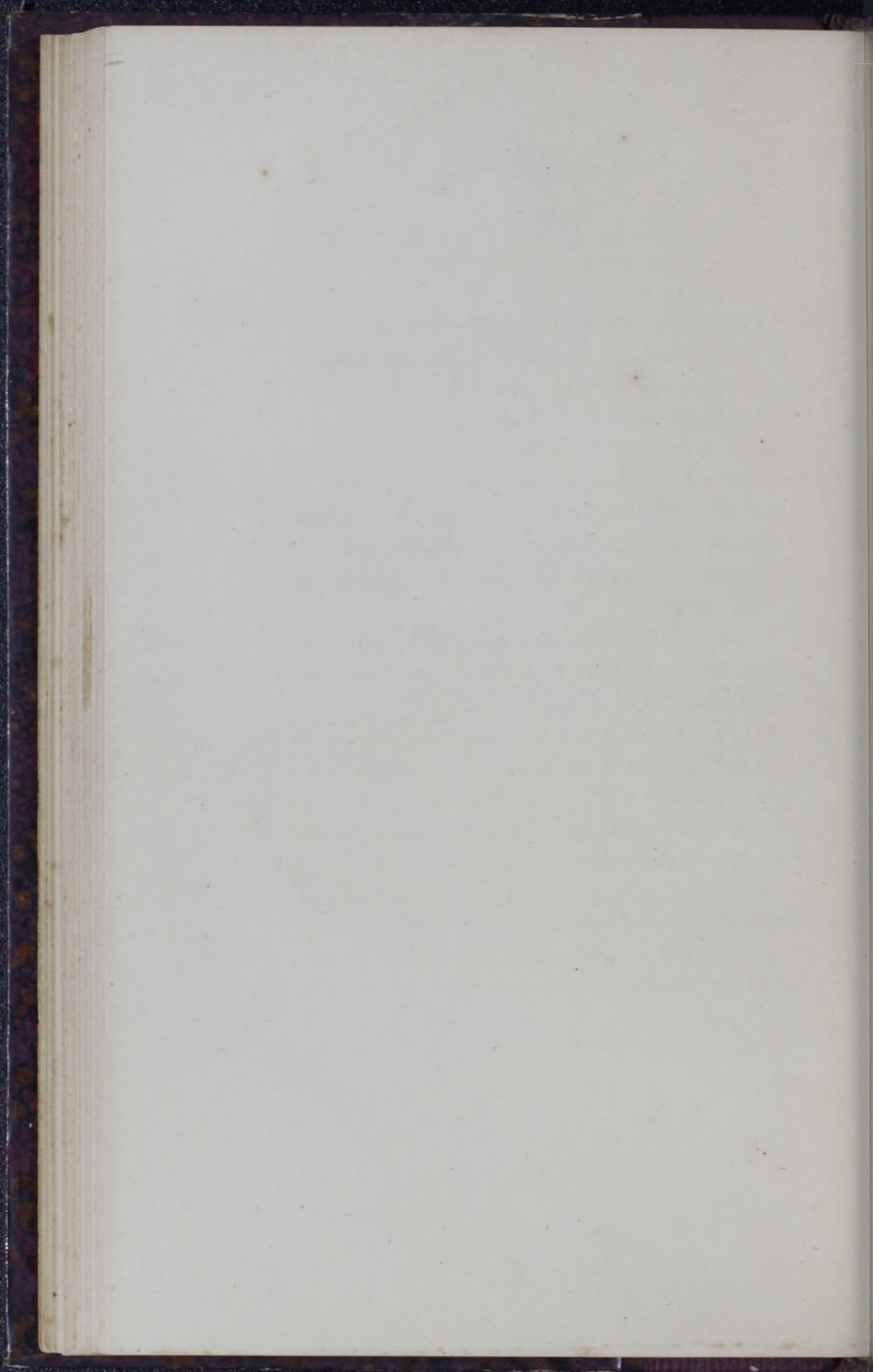
Estes contractos especiaes, constituirão o ponto de passagem de um estado inferior para outro mais elevado, e assim como o progresso da raça escrava, é passar á liberdade, tambem os que procuram este bem, não passariam nunca de

(1) Realmente, apezar de se haverem passado 7 annos depois que publicámos estes artigos no *Correio Paulistano* de S. Paulo, só temos motivos para lastimar que na provincia do Rio, os chefes politicos, aliás tão distinctos pelo seu character, se opuzessem a que a propaganda abolicionista fizesse o mesmo que aconteceu em S. Paulo e outras provincias. Afinal, nem propaganda nem leis !

agentes das idéas civilisadoras, para socios effectivos da civilisação, que já nos bate á porta. ha muito tempo, se não contassem, com a certeza de não serem vãos os esforços dos homens, quando preside a elles o engrandecimento de sua patria.

ERROS E DECADENCIA
DO PARTIDO CONSERVADOR
DURANTE A REGENCIA

(ARTIGOS PUBLICADOS NO *Jornal do Commercio* EM 1887
E ASSIGNADOS *Um descrente*)



A lei de 28 de Setembro de 1885 foi alcançada pelos liberaes, que não podendo nas vespéras da queda do seu partido conseguir uma lei no sentido de acabar com a escravidão, tiveram necessidade do apoio dos conservadores, sendo esta lei obtida por combinações e transacções indecorosas.

Mais tarde o autor da lei denunciou o ministerio como havendo falsificado o que ella tinha de mais santo, roubando um anno de liberdade na vida dos escravos !

O paiz vendo a sêde dos escravocratas, repelliu os seus desejos, fazendo a liberdade por suas mãos, o que é um principio revolucionario que terá de devorar as provincias escravocratas, ensinando o caminho pelo qual se ha de vir a fazer a republica. (1) A idéa vencedora no Ceará e Amazonas vem agora fazer explosão nos corações dos homens que estão desilludidos e descrentes do governo, que com a sua reluctancia é o principal auctor de todas estas expansões do espirito popular.

O exemplo e a experiencia, que são os grandes mestres da vida, estão demonstrando que o unico

(1) E' o que está acontecendo.

poder que embaraça a marcha da libertação, é o ministerio, porque elle está divorciado da quasi unanime vontade da nação (1).

Os mais distinctos chefes do partido conservador, como são os conselheiros João Alfredo, Antonio Prado e Teixeira Junior, não pensam como o ministerio a respeito deste seu emperamento, e a camara, por sua maioria, já fez publico o seu modo de pensar adoptando o projecto apresentado pelo Dr. Jaguaribe.

O partido liberal, unido, tem o seu programma para completa libertação em 31 de Dezembro de 1889.

O grande centenario da revolução franceza está a exigir dos povos cultos o dia de honra para a liberdade humana.

As liberdades concedidas pelos fazendeiros são em tão grande numero, que impoem aos altos poderes do Estado uma lei que deve reorganisar o trabalho.

O Brazil vai entrar no periodo de uma regencia que não póde ser a negação dos salutaes destinos da raça humana, que não póde ter outro progresso

(1) É digno de nota o modo pelo qual a Corôa sustentou o gabinete escravocrata, e o procedimento insidioso pelo qual collocou no logar do ministerio 10 de Março, o seu maior inimigo, vindo assim a descobrir as duas qualidades que caracterisam os actos do poder irresponsavel: Ingratidão e medo.

em um paiz que tem escravos, senão o da passagem da escravidão para a liberdade.

Legislar sobre o trabalho, que assim se transforma, é a suprema lei, e não é digno do poder quem não o emprega para encaminhar a marcha do seu paiz, mas usa d'elle para embaraçar a vida e a actividade da nação.

Nós fazemos um appello ao Sr. Barão de Cotegipe, que nas sessões de 11 de Agosto de 1854 apresentou dous projectos abolicionistas, e, entretanto, por uma ironia do destino, depois de 33 annos é o unico homem de estado do Brazil que faz opposição ás leis de liberdade, reclamadas pelos dous partidos e pelo paiz inteiro, principalmente pelos proprietarios de escravos, que não tendo leis, as fazem por suas proprias mãos.

Até quando o governo ha de ser o grande elemento da descrença e o germen fecundo da indifferença que rodeia todos os homens, fazendo crêr que ha um pensamento occulto no espirito dos que o dirigem, o qual tem por fim matar o Brazil por asphyxia, afim de ver se das suas ruínas nasce alguma nação mais digna da grandeza desta terra?!

Não tendo outra missão a realisar senão oppor-se a que se acabe a escravidão, o partido conservador representado pelo Sr. barão de Cotegipe,

não poderá ser digno de iniciar o governo da regencia. Seu programma, se não fôr feito no sentido das idéas aceitas e amadurecidas no espirito das classes ricas e preponderantes, não terá feito senão destruir os alicerces da sympathia e da estima dos brasileiros á causa da monarchia ⁽¹⁾.

O defeito da apreciação do honrado barão de Cotegipe provém de varias causas, entre ellas a mais poderosa é a transacção, em virtude da qual se fez a ultima lei servil, e para sustentação da qual S. Ex. de novo recorreu aos antigos alliados.

O Evangelho diz : *Quanto diutius ad resistendum tempuerit, tanto in se quotidie debilior fit et hostis contra eum potentior.*

A vontade será tanto mais fraca, quanto mais se fôr adiando a resistencia, e o inimigo ficará mais forte.

Já no tempo do grande general Pompeu, quando elle, perseguido por seus inimigos, foi convidado para entrar no navio de um certo Achilles, que o convidára para o proteger; em entrando no pareo, disse elle, despedindo-se de sua mulher : « Todo aquelle que cahe em poder de um tyranno, torna-se seu escravo, ainda que ahi tenha entrado livre.»

(1) É o que se está realizando, porque ficou evidente que para sustentar a escravidão o Imperador opunha-se á opinião do paiz, ao passo que para derrubar o partido conservador, Sua Magestade não duvidou de concordar com um plano de politicagem que afinal devorará o seu throno.

S. Ex. querendo manter a escravidão, escravizou-se aos liberaes, que são os que governam ; na camara e no senado. Depois da questão servil veio a questão militar, e quando um ou outro co-religionario vai dizer a S. Ex. que as provincias estão opprimidas, que os grupos *Zés* dominam e perseguem os co-religionarios que têm sempre um representante da liga com o titulo de conservador genuino, que não faz senão fomentar os proveitos dos ligueiros, o nobre barão exclama: «sim, mas isso são miudezas»; é verdade que são, mas se os deputados não procurarem ser o écho das queixas e das pretensões dos seus comprovincianos, que papel representarão na assembléa em nome dos principios que o levaram a ella? (1)

Miguel Angelo mostrando um dia uma estatua a um grande de Roma, quando estava a chamar sua attenção para as menores particularidades de sua obra prima, o poderoso ministro disse: — sim, isto são miudezas; ao que respondeu o mestre, é verdade, mas não vos esqueçais de que as miudezas fazem a perfeição, e entretanto a perfeição bem longe está de ser uma miudeza!

(1) Esta passagem deu-se com o autor, sendo a pergunta do Sr. barão de Cotegipe.

O paiz está anormalmente governado, tendo o preclaro Sr. barão concordado com o Imperador em não serem nomeados presidentes os deputados ou senadores; a politica ficou sendo feita por juizes que só levam instrucções occultas, de modo que a vida da politica das provincias tornou-se um todo desharmonico, e provincias ha onde os administradores tiveram ordem de não responder ás cartas ainda que fossem dos senadores e deputados!

Não ha um só conservador no Imperio que não respeite e acate o nobre presidente do conselho; mas é justo, é nobre que opprimido o partido, tirada a influencia e até tratados os deputados com um desprezo que o altivo conselheiro Belisario ostenta, procurem elles escrever a historia dos males que seguem parelha com as finanças do Brazil, que, sem reformas, sem idéas, governado pelo despotismo, faltando justiça aos homens que pensam e reflectem, inquiram estes das razões por que é assim tratado um partido immenso, que subiu depois do dismantelamento dos liberaes e está, entretanto, em vespervas de perder o poder, tudo isso só por que neste partido ha uma grande maioria que quer acabar com a escravidão, que é a causa da concentração do poder e da politica que decorre deste poderio, a qual tem por fim

dizer aos seus crentes : — cala-te, ou eu te esmago ! (1)

Não é um crime, antes uma virtude apparecerem as victimas em holocausto ao triumpho do governo, já que foi escolhida pelo Imperador a politica, que tem por fim preparar os liberaes para subirem ; só louvores deve advir aquelles que vêm em auxilio do ministerio para apressar este advento. (2)

Se o partido conservador não tem chefes que possam governar o Brazil, resolvendo a questão servil, de uma vez, não é honroso que se protele esta solução para entregar aos liberaes o governo, nas vespervas do dia por elles marcado para a libertação, e só com o intuito de fazer ainda uma vez as eleições, illudindo-se o eleitorado com os interesses de uma classe explorada e despresada.

O futuro ha de reconhecer, quando a lavoura estiver desorganizada e sobre suas ruinas se levantarem os modernos planos da agricultura intensiva, que os politicos do Brazil exploraram os lavradores

(1) Veio a realizar-se a nossa previsão, sendo a data 7 de Junho o inicio da decadencia dos partidos monarchicos assim como a regencia com o programma Cotegipe foi a causa da decadencia do partido conservador que logo depois veio a receber a morte das proprias mãos que o amparavão.

(2) Quanto previamos veio a realizar-se, descobrindo-se a fraqueza e culpabilidade dos chefes conservadores, de mistura com o plano que dois annos antes nós denunciavamos.

de modo mais deshumano, do que os lavradores exploraram os escravos. (1)

A illustrada redacção do *Jornal do Commercio* em sua importante revista das provincias, apreciou no dia 27 de Junho com muita verdade e justiça, a marcha do movimento abolicionista e declarou que era necessario uma lei para regular as condições do trabalho, que está sendo mal feito, á mercê dos varios moldes da philantropia de cada um.

Toda a imprensa da côrte e das provincias reclama sobre a conveniencia de uma lei que ponha termo á questão servil, e os dous partidos unidos reclamam esta providencia, aliás provada pela aceitação na camara, de um projecto, e no senado de outro, mas sobre os quaes só o governo se oppõe e procura alliados, antepondo todos os outros negocios do paiz, a esta consideração, isto é, evitar que a camara e o senado possam ter maioria para resolver a questão servil!

Desde que a politica esconde-se atrás das conveniencias de uma condemnada instituição, que não se pôde manter sem a acquiescencia da opinião da

(1) Não se faz eleição no Brazil sem que o governo faça emprestimo a lavoura, sem que levantem os chefes alguma balela, como a promessa da indemnisação, resultando desta conducta uma discrença geral.

maioria do paiz, que exige dos poderes publicos uma solução final, é inexplicavel a negação do governo, justamente quando o benemerito conselheiro Prado, um dos chefes mais prestigiosos do partido conservador do Imperio, a quem se deve o haver subido este partido, acaba de dar a liberdade a seus escravos. Este nobre exemplo, dissemos, é tão expressivo que dispensa commentario, porque foi o nobre conselheiro Prado o ministro da agricultura que imprimiu na lei um cunho mais liberal, e, certo como está da grande missão que tem o partido conservador a representar, não podia elle esquecer que a questão servil foi iniciada por Eusebio e teria sido levada a termo final pelo immortal Rio Branco, se as paixões e o sordido interesse não houvessem feito os liberaes se tornarem, de accôrdo com o grupo da resistencia conservadora, os inimigos de leis abolicionistas e das sabias e salutaes medidas que estas grandes leis encerrão.

S. M. o Imperador, comprehendendo a necessidade de tirar da questão servil o character politico, forçou o benemerito senador Dantas a aceitar o poder e o pacto para fazer a liberdade dos velhos, e mais tarde, quando os escravocratas pensavam que não podiam resistir e era preciso aceitar a idéa, modificada pelo conselheiro Saraiva, elles, entretanto, sem pensarem, tinham lançado, com a

iniquidade de uma resistencia immoral, a semente fecunda da liberdade.

Quando o distincto brasileiro conselheiro Saraiva foi presidente do conselho, na época em que a respeito da questão servil o seu programma era « Não cogito », em seu relatorio escreveu S. Ex. estas memoraveis palavras, que parece terem sido escriptas para sua propria condemnação: « O Estado só deve fazer obra que condiga a importancia de sua alta missão social, e os resultados alcançados pelo fundo de emancipação são verdadeiramente mesquinhos ante o algarismo enorme da população escrava. »

Apenas tres annos depois, o mesmo notavel homem de Estado, sendo chamado para fazer a lei servil, deu-nos a prova dos seus conceitos, e elle mesmo teve de denunciar ao paiz que o ministerio, (sabe-se que foi o Sr. Belisario) roubou um anno na vida dos pobres escravos !

Nós que vimos o modo brilhante pelo qual o herdeiro do grande Euzebio, hoje ministro da agricultura, se houve na assembléa provincial de S. Paulo, exclamando depois da festa do livro de honra abolicionista: « Tudo isso indica que a unica preocupação dos paulistas é a nobilitação do trabalho pelo desaparecimento da escravidão » confiamos que o partido conservador não será arrastado

pelo grupo escravista que quer dormir no gozo da lei que ambos os autores repudiaram, e será digno de Euzebio e Rio Branco aquelle que herdou as tradições do grande homem. « A justiça, diz Leroy Beaulieu, é o unico ideal que o Estado deve seguir, e nas sociedades modernas ella consiste em supprimir todas as causas artificiaes que favorecem certos individuos á custa dos outros e impedem todas as actividades de se desenvolverem livremente ».

A honra de nossa patria exige que o Brazil não encampe a escravidão, elevando o preço do escravo, mantendo este infeliz, quando todos os brasileiros e os proprios senhores querem acabar a escravidão.

Não pensamos que as seguintes palavras de Leroy Beaulieu em seu livro *Repartição das Riquezas* fossem escriptas para o Brazil :

« O Estado deixa pretendidos financeiros, com o auxilio de uma imprensa venal, roubarem audaciosa e publicamente as economias do povo ; e não faz esforço algum para evitar as espoliações das quaes é testemunha, e das quaes, é verdade que como particulares, muitos membros das assembléas legislativas são cúmplices e beneficiados... »

« A corrupção das sociedades anonymas é hoje a causa principal, quasi a unica das enormes fortunas. »

Tendo sido iniciado por Eusebio o movimento da libertação dos escravos, confiavamos que o digno conselheiro Rodrigo seria quem terminasse esta gloriosa obra da liberdade! (1)

Infelizmente as declarações de S. Ex. em nome do governo na commissão de legislação parecem provar que S. Ex. deixa-se arrastar pelo nobre Sr. barão de Cotegipe, e se assim fôr com este procedimento S. Ex. matará no espirito de seus verdadeiros amigos a crença que os homens têm naquelles que, como S. Ex., eram a nossa esperança!

Morrendo um dos protectores de Miguel Angelo disse este: « Começo a comprehender que as promessas do mundo são phantasmas e que não ha nada como cada qual contar só comsigo para vir a ser alguma cousa. »

A causa da liberdade dos escravos perseguida pelo ministerio terá por si a consciencia dos lavradores. Affecta á serenissima princeza a causa dos opprimidos, fica a espera que ella a proteja, porque o ministerio tendo deliberado gastar os dinheiros publicos com os entrelinhados e com a sua imprensa, tomará a si refinar a perseguição e a má vontade

(2) Não nos illudimos, o conselheiro Rodrigo Silva veio a ser o signatario da lei da abolição dos escravos.

contra aquelles que não se submeterem e não derem provas de que as suas idéas sobre libertação dos escravos acham-se á disposição do governo!

Em toda nossa existencia politica, só da dedicação e lealdade temos vivido, nada ambicionando senão ser util e dedicado á causa da nossa patria que nos educou nos moldes das idéas de Rio Branco.

A respeito da questão servil, suas idéas são as mesmas que ainda hoje têm os distinctos chefes conservadores conselheiros João Alfredo, Prado e Teixeira Junior.

Hoje, aquelles que tomaram parte no governo do immortal Rio Branco, são condemnados, os interesses particulares dos conservadores que *conservam-se* abolicionistas, são objecto dos cuidados do governo e de seus delegados, e ferir a bolsa, perseguir o merecimento e tirar a influencia dos chefes abolicionistas, é a mais doce das vinganças. (1)

Entretanto que assim se procede com um plano latente, mas intenso, a dedicação destes mesmos que são victimas imoladas, tem sido posta em prova, e a uma se exige outra, não chegando jámais a vez de se pôr termo ao plano do *aniquilamento*, porque este é afinal o objectivo.

(1) As perseguições feitas ao Barão de Paranâpiacaba, João Clap, e ás provincias abolicionistas, foram as unicas preoccupações do ministerio Cotegepe e Belisario.

Que os partidos se vão transformando, é facto visível, e aos antigos moderados e exaltados succederam-se os saquaremas e liberaes, mas depois que o marquez de Olinda, chefe daquelles, passou a ser chefe dos outros, os Srs. Saraiva, Paranaguá e Nabuco fizeram o mesmo, e ultimamente, apesar de fortalecido o espirito que dominou a politica do grande Rio Branco, o partido conservador, aliás mais forte, pelo numero dos deputados que apoiam aquella escola, tem sido o sustentaculo do ministerio que por duas vezes viu nas votações da camara, que sua sorte esteve só dependente do illustrado e distincto homem de estado conselheiro João Alfredo, chefe do partido conservador, que tem envidado todos os esforços para que o ministerio reconheça em S. Ex. a personificação da dedicação.

Não tendo sido ministro, foi S. Ex. presidente, e tendo idéas conhecidas sobre a questão servil, o sacrificio que fez, por occasião das emendas do benemerito José Bonifacio, foi a prova do quanto os seus deveres de chefe de partido impunham sacrificios.

O governo é surdo á voz da nação, é indifferente á voz da consciencia, só vê amigos onde ha escravocratas, e o homem politico que pensa na libertação dos escravos, desde este momento passa a ser suspeitado !

O conselheiro Thomaz Coelho diz que elle, como os fazendeiros mais distinctos que o ouvem, acham excellente o projecto do Dr. Jaguaribe, mas o que S. Ex. pensa, só pôde dizer aos amigos não ao proprio governo! (1).

Os bispos tomam a si a cruzada da liberdade, a Princeza Imperial vê este movimento emancipador em toda a parte, mas o ministerio que sitiou a liberdade, já declarou hoje que a interinidade da Princeza Imperial impõe-lhe o dever de *conservar* o ministerio!

O soberano poder já é assim limitado, como se o espectro da escravidão, tapando os seus olhos, não permittisse ver se não a escuridão do interesse que torna mais cego os que não querem vêr.

As influencias que desde o berço têm formado o character dos politicos, que não comprehendem o Brazil sem escravos, duram sempre. (2)

« O character da criança é nucleo do character do homem. »

A educação diz Richter, deve patentear o ideal do individuo.

(1) Antes de apresentar o projecto, fiz conhecer a diversos abolicionistas como a J. Capistrano, R. Pompeia, Major Piragipe e J. Patrocinio, que elle era apenas feito para conseguir-se fazer entrar no parlamento a idéa da abolição, convencidos como estavamos todos, de que só depois do parlamento aceitar qualquer idéa pôde ella vingar no Brazil. O nosso fim foi conseguido, porque apenas aceito o projecto, a abolição se impôz por causa das inumeras adhesões á esta idéa.

(2) A verdadeira interpretação do nosso pensamento está hem desenhada na marcha que os chefes conservadores têm dado ao partido.

O benemerito conselheiro João Alfredo comprehendendo que o partido que dirige não pôde ser a negação das idéas dos seus representantes, identificado com a opinião publica do seu paiz, acaba de dar liberdade aos seus escravos, sendo este acontecimento a prova eloquente da necessidade que têm os chefes politicos de serem os guias do progresso.

S. Ex. bem como o Sr. conselheiro Prado, não seriam interpretes dos sentimentos de seus concidadãos e de suas provincias, se não provassem ao paiz, que quando os seus adversarios têm um programma sobre uma questão social, o dever dos chefes dos partidos, longe de ser a mancommunicação de ligas de interesses para impedir o progresso da patria, deve ser a aceitação das idéas que só podem repugnar aos escravocratas, hoje representados por pequena colligação de influencias oppressoras.

O paiz admira e estremece aquelles estadistas de ambos os partidos que fazem de sua existencia um pharol de esperança e são os obreiros da grandeza de sua patria.

Quando o Sr. barão de Cotegipe sustentou a doutrina de que o chefe do partido era o presidente do conselho, houve impugnadores no seio

do partido conservador, mas a tradição deixada pelo grande Euzebio, foi que no Brazil só se podia ser ministro uma vez, e de facto nada obsteu a que elle fosse sempre considerado como o chefe genuino do grande partido (1).

A evolução das idéas, acompanhando o progresso, parece que fez a propria Magestade se compenetrar de que a chefia ~~assimnao~~ devia ser, e sabe-se que Sua Magestade, de certo tempo a esta parte, não teve mais escrupulos quanto á eliminação dos ministros, porque o nobre barão de Cotegipe foi quem leu as cartas de Sua Magestade para accentuar o inconveniente de chamar-se *resto* do ministerio aos ministros, que têm posição accentuada no seu partido e no governo, e S. Ex. tinha sido incluido neste numero.

Mas uma questão se agita: é saber se o partido conservador que póde, quer e deve resolver a questão servil, tendo recebido dos liberaes um plano que as conveniencias politicas do mesmo partido impunham o dever de acceitar, por esta circumstancia, ficou inhibido de tratar da solução final desta questão, que não é sómente necessaria pela tranquillidade da lavoura. Está reconhecido

(1) Rio Branco, pobre, vivendo de seu emprego, foi demittido pelo Imperador, a bem do serviço publico, quando estava com licença na Europa tratando-se do mal que o matou, e isso depois de haver feito a liberdade dos escravos!

ser ella o embaraço para a marcha dos partidos, que têm explorado de um modo indigno os fazendeiros. A questão servil tem desorganizado os partidos, porque em algumas provincias os grupos liberaes que haviam sido sustentados a troco dos votos e das traições que alguns dos seus representantes fizeram aos seus co-religionarios, continuam a ser o alvo das atenções do ministerio, sacrificando-se os interesses do partido conservador, que é até perseguido no Ceará e Rio Grande do Sul!

Se a politica do ministerio de 20 de Agosto tem por fim sustentar só a lei de 28 de Setembro, é um crime, que se illuda o grande partido conservador, fazendo-o arrastar uma vida ingloria, desde que estejam traçados os seus destinos, que parecem ligados á sorte de uma instituição condemnada, e a qual aliás teve sempre os seus dias contados pelos golpes que lhe deu este mesmo partido, que lónge de ser cúmplice da perpetuidade do escravo, tem levantado o nivel moral deste infeliz, que está recebendo dos seus verdadeiros chefes o beneficio que as leis procuraram evitar (1).

E' tempo do nobre barão de Cotegipe pensar sobre os destinos do seu partido, e o passado e a

(1) Ficou evidenciado pelos ultimos acontecimentos de 7 de Junho que se o partido conservador não se ligar com o Sr. Saraiva, Ruy Barbosa e outros chefes, fundindo-se em um grande partido monarchista, não terá salvação possivel, e depois dos liberaes virá a republica.

experiencia devem servir de lição para a grande responsabilidade que S. Ex. tomou, matando os impulsos generosos de uma situação cheia de vida, e fazendo-se crêr que a anarchia e a indisciplina aconselham uma tal politica, quando a verdade é que o governo que viesse dar-nos a liberdade, autonomia das provincias, creasse colonias e povoasse as terras devolutas por meio de grandes empresas colonisadoras, em logar desta indisciplina, acharia o correctivo pelo trabalho e pelo bem que daria ao paiz, e só receberia as acclamações dos brasileiros, dos militares e da opinião publica, que se agita e se amortece ao mesmo tempo, por vêr quanto estão rebaixadas as idéas e os intuitos que devem presidir aos governos que têm um paiz immensamente rico feito preza de uma politica immensamente pequena! (1).

Consulte o nobre presidente do conselho aos deputados, ouça-os, reuna-os ao menos uma vez, e verá o profundo desgosto que reina entre as deputações, e quando o sentimento da amizade e da dedicação se transformam assim em magoa, não é justo nem é digno que um chefe politico consinta na permanencia do infortunio.

(1) A nossa expectativa tendo falhado, nota-se a mais profunda descrença nos politicos do Brazil.

Attendendo á sorte do seu partido, mais do que ás conveniencias do seu orgulho ou amor proprio, S. Ex. não desmerece, antes cresce na estima dos seus co-religionarios.

Lembre-se S. Ex. que o grande Washington quando foi nomeado general em chefe do exercito americano, escreveu estas palavras :

« Se eu sobreviver a algum accntecimento que desdoure a minha reputação, lembrem-se que hoje declarei com a maior sinceridade, não julgar-me habilitado para o commando que me foi confiado » (1).

O partido conservador, depois que sentiu todo o peso da responsabilidade que assiste aos que o guiam, notando que a doença de Sua Magestade dera á direcção politica do presidente do conselho uma immediata responsabilidade na marcha dos partidos, não pôde deixar de reclamar dos seus representantes mais energia e uma comparticipação di-

(1) Se o Sr. barão de Cotegipe em vez de fazer a politica que fez, houvesse pedido sua demissão, outra teria sido a sorte do partido, mas os seus planos eram os mesmos dos conselheiros Paulino e Belisario, que cuidavão em conservar o escravo e o senhor como refens do seu poderio. O conselheiro João Alfredo devia ter feito o mesmo antes de preferir embriagar-se nas glorias da aurea lei de 13 Maio. Não nos admiraremos se S. M. o Imperador, guiado pelo medo e ameaças de republicanismo que faz o Sr. Belisario, que foi pessoalmente cabalar em favor dos candidatos republicanos, logo o promova a conselheiro de Estado e presidente do conselho. Com esta politica S. Magestade pensa corrigir os homens, quando não tem feito mais do que pôr em evidencia o valor dos mãos instrumentos da monarchia!

recta neste mesmo partido, que tem deveres, direitos e idéas a realizar (1).

« A educação politica, diz S. Mill, provém da convicção e da persuasão, bem como tambem do constrangimento: é sómente pelos dous primeiros meios que, uma vez acabada a educação, se póde inculcar as virtudes individuaes. »

« Os homens devem-se auxiliar a distinguir o melhor do peor e terem coragem de preferir o primeiro e evitar o peor. »

Eis ahí a verdadeira doutrina que serve de base ás organizações partidarias, não podendo os chefes se acastellarem por meio de colligações atraz dos interesses illegitimos, simulando uma defeza, onde o perigo é imaginario.

Ora, estas presumpções devem ser completamente falsas; o contrario seria admittir que a sociedade lucraria com a politica que tivesse por objectivo conservar seus membros em uma infancia prolongada, incapazes de serem influenciados pela razão. As consequencias desta politica conviriam aos partidarios da fé e dariam as bellezas da inquisição. (2)

(1) É escusado dizer que cansados de esperar nos declaramos em opposição ao ministerio eu e os companheiros da deputação cearense.

(2) O illustrado conselheiro Andrade Figueira, que passa como politico atrasado, classificou a politica Cotegipe com o nome de politica indigena. Pode-se portanto avaliar que ella arrastaria o partido conservador e a monarchia á ruina.

De accordo com as boas regras da justiça e da moralidade politica, a apreciação dos interesses do partido deve pertencer áquelles que devem supportar as consequencias delle.

O grande pensador S. Mill diz que nada ha que desacredite tanto e torne inuteis os meios de influenciar a conducta humana, como seja o recurso para o peor.

E' o que está a fazer o nobre barão de Cote-gipe, que a toda hora está a annunciar que passará o governo aos adversarios.

Condemnada assim a moral politica com que S. Ex. quer esmagar os seus co-religionarios, que ousam mostrar os perigos e a esterilidade do seu governo, só resta á S. Ex., ou realisar estes agouros, ou ceder o governo a outro chefe, que impulsione a vida, que assim como se esterilisa com a falta de iniciativa e de energia, torna-se incomparavelmente rica, quando animada pelos governos fortes.

Quando Colbert tomou conta do governo da França, este paiz estava em vespera de ruina, do mesmo modo que o Brazil com escravos, com suas immensas terras e grandes rios, é entretanto um impicilio á immigração. Este mesmo paiz nas mãos de outro homem de estado poderá achar nas terras ricas que possue, um meio poderoso de riqueza, sendo ellas vendidas e colonisadas, sendo os seus rios nave-

gados, e entregues ás emprezas estrangeiras os meios de desenvolvimento para as industrias, o governo auferirá dellas os tributos que ellas pagam para se transformarem em agentes da civilisação.

« Progredir para uma vida mais alta, é o mesmo que tornar-se capaz, diz H. Spencer, em sua *Moral Evolucionista*, de manter o equilibrio da balança em um periodo mais longo, graças ás addições successivas de forças organicas, cuja acção anniquilla cada vez mais as forças perturbadoras. »

Entre o governo no regimen dos grandes melhoramentos, procure desviar os embaraços de ordem administrativa e legislativa que se oppõem á maior desigualdade das riquezas, faça o Brazil encher-se de colonos, e os beneficios desta politica que foi iniciada pelo gabinete Rio Branco e tem sido destruida por varios ministerios, hão de assignalar para nossa patria um governo digno de Sua Alteza a Princeza Imperial Regente. (1)

E' natural que o nobre barão de Cotegipe depois de ter observado a triste vida que anima

(1) Tendo a Princeza Imperial feito a sabia lei de 13 de Maio, veio o Imperador assumir o governo do paiz. Foi o maior dos erros, porque S. M. o Imperador devia ter abdicado antes de voltar ao Brazil. Deste modo S. A. a Princeza Imperial teria tomado a si o governo, sem as resistencias e descontentamentos que a má politica dos ministros tem arrastado o Brazil. O ministerio João Alfredo devia ter se demittido logo depois da lei, porque só assim teria provado que seus intuitos eram mais patrioticos do que politicos.

aos representantes das provincias, procurasse ser logico, chamando a si a direcção das pastas que seus collegas carregam, renovando-se assim o feliz tempo dos corcundas, cuja existencia traz á lembrança a tradição historica das organizações partidarias actuaes.

A representação nacional se expandirá na razão directa da importancia que o governo prestar a ella, e na razão inversa do poder que o governo tiver sobre ella.

O presidente do conselho tendo lido as cartas de Sua Magestade ao saudoso Duque de Caxias, quiz ajustar contas com o Soberano, e procurando parodiar a phrase de Luiz XIV, S. Ex. proclamou nas camaras que o ministerio era elle.

Ora, a consequencia desta absorpção era naturalmente a nullificação dos seus companheiros, e o paiz e o parlamento notaram, desde logo, que sómente os ministros da agricultura e fazenda tinham vida propria, acontecendo que o conselheiro Prado não podendo viver atraz do seu tempo, resignou o posto de sacrificios para assumir o posto de honra que seu partido e a sua generosa provincia indicaram.

O nobre presidente do conselho, desprezando seus amigos, deputados e senadores, illudindo aos que tinham idéas adiantadas, não pôde deixar, por

fim, de chegar á conclusão de que um partido só se sustenta com idéas, e a disciplina é apenas o vehiculo pelo qual se chega aos fins, e sem o qual não é possível viver-se.

Quem é, pois, que rompe esta disciplina: aquelle que exclue do partido, ex-cathedra, aos operarios do engrandecimento da sua patria, forçando aos que pensam sobre a sorte do seu paiz a se accommodarem com a dignidade das posições adquiridas pelas idéas que têm sustentado, ou o professor das doutrinas que se fundam na encarnação do presidente do conselho, que só admitte como crentes aquelles que se callam e morrem sem retorquir? (1).

A fonte do poder progressivo de um povo reside na liberdade individual, porque, como diz J. S. Mill: « A liberdade do homem na sociedade está na razão directa do poder que elle exerce sobre si mesmo, do que exerce sobre a natureza, do conhecimento de si e das cousas, e na razão inversa do poder que têm sobre elle os outros homens, individual ou collectivamente. »

(1) A minha posição trouxe mais tarde referencias que S. Ex. fez á minha individualidade e que repelli com toda a energia « declarando que resignaria o mandato apenas S. Ex. provasse o que dissera, porque era completamente falso. » S. Ex., porém, calou-se. Transcrevo no fim deste livro o artigo que em resposta publicou o órgão do partido conservador do Ceará e deixo de publicar os outros documentos que tenho, porque já não vive aquelle illustre e grande brasileiro. Vide Nota n.º 1.

Um exagerado zelo pelas prerogativas da sua posição faz com que o nobre presidente do conselho julgue que a auctoridade que tem, provém do nenhum valor a que tem reduzido os outros, e é por isso que S. Ex. , tratando sem importancia aos representantes da nação, cercêa a independencia que elles têm, porque faz crêr, por força de uma politica em que elles não podem intervir, que se não se accommodarem com a posição secundaria que S. Ex. lhes marca, perderão o apoio para as suas reeleições (1).

O molde homogeneo do poder soberano exercido pelo nobre presidente do conselho, dá á vida do parlamento uma frieza sepulchral, cada um vendo o seu valor pelo desprezo que se lhe vota; deste modo o estimulo dos sentimentos fazendo explosão provoca as queixas amargas, não vivendo o ministerio senão á custa das condescendencias e do terror.

Uma tal situação é impropria do parlamento, não tendo os deputados um ponto de reunião onde se encontrem com o governo, a não ser na camara, onde se diz a elles que o maior serviço que se presta ao governo é votar !

(1) Esta politica miseravel abastarda os partidos e crêa os germens da evolução republicana, que encontra nos estadistas do Brazil o melhor preparo, pelos erros e desacertos que praticam.

Deste modo a doutrina parlamentar é consoante com a phrase do nobre barão de Cotegipe, e cahe em cheio nos conceitos do grande economista americano Carey, quando adoptou a seguinte proposição de Goethe :

« Quanto mais imperfeito é um ser, tanto mais se assemelham entre si as partes componentes, e mais estas partes se assemelham ao todo. Quanto mais perfeito é, tanto mais dissemelhantes são as partes componentes. »

Goethe acha que estas suas palavras são tão verdadeiras applicadas aos animaes, como ás sociedades.

Um partido, no qual os seus membros não se nobilitam pelo estudo, onde elles não podem escrever e indicar as necessidades que carecem ser removidas, seria um corporação rigida de carne humana, jámais um partido digno da grandeza do Brazil.

Hoje o nobre presidente do conselho deve indicar quaes são os conservadores que lhe servem e lembramos que talvez convenha um distinctivo, porque no estado primitivo do homem, segundo H. Spencer, o enfeite é a primeira das preoccupações do seu espirito.

O governo parece ficar indifferente aos conceitos que temos emittido, mas a verdade é como a agua, abre caminho por si mesma, e agitada a opinião do partido que vivia opprimido, estando o nobre presidente do conselho acastelado no poder, allegava a alguns dos amigos que a doença do Imperador obrigava-o a fazer a politica que tinha por fim o exterminio dos conservadores que têm idéas abolicionistas, e logo depois dtzia a outros amigos que a Serenissima Princeza assumindo a direcção do Estado, tinha o dever de manter o ministerio que o excelso soberano lhe transmittiu!

O que mais admira é que, ao passo que em nome das idéas nós levantamos o sentimento do dever dos chefes e dos politicos, que têm estado amarrados a uma politica de desprezo e perseguição a todos os que têm o *infortunio* de pensar que o Brazil póde resolver a questão servil, adoptando qualquer projecto abolicionista, venha o governo gastar os dinheiros publicos para demonstrar em entrelinhados, que os precedentes de Jorge III autorisam a Serenissima Princeza a conservar durante sua regencia o Sr. barão de Cotegipe.

O ultimo artigo entrelinhado publicado no *Jornal* á custa do governo insintua que nós temos parte nos indignos e perversos aleives com que se agitaram as paixões contra Sua Magestade, e accres-

centa o entrelinhado que até mesmo contra Sua Alteza, quando é certo que não houve ainda um só jornal que ousasse levantar uma accusação áquella que é ornamento de virtudes, e tem no autor destas linhas um amigo leal, de longa data.

E' uma maxima moral de Montaigne, que a desconfiança autoriza a infidelidade, e, pois, o ministerio que se sangra em saude, que procure outro modo de rebater a verdade de nossos conceitos, visto que nosso fim é outro muito mais elevado, qual seja o de procurar a vida que fugiu do grande partido conservador, amarrado nestes ultimos annos a uma politica negreira, não tendo em todos os actos manifestados pelo ministerio, senão o ideal de afastar do parlamento e dos empregos publicos os homens que têm convicções sinceras!

As humiliações a que são obrigados aquelles que por pobres precisam viver, e só alcançam emprego quando passam pelas mais duras provas, o facto de se chamar *doido* a todos os conservadores que não se rendem á politica deshumana do aniquilamento dos homens que têm character e convicções provadas, são circumstancias aggravantes que nós levamos á conta da historia, que sendo o registro dos acontecimentos, ha de opprimir a consciencia e a velhice do nobre barão de Cotegipe.

Quando o partido liberal adoptou um pro-

gramma, quando o passado garante ao partido conservador o direito de resolver de uma vez a questão servil, de modo victorioso como aconteceu a Euzebio e Rio Branco, o nobre barão, para desviar a presidencia do conselho dos homens que sinceramente resolveriam a questão servil, proclamou em um banquete que seu generoso partido queria, podia e devia resolver a questão; entretanto, fomentando a idéa dos liberaes sustentada pelo patriota Sr. senador Saraiva, apoiando-a, S. Ex. recebeu o commando da batalha depois de quasi terminada, e hoje pelos moldes escravocratas que deu á lei, os pro-autores a renegaram! Vencido pela opposição do paiz e do seu partido, S. Ex. esconde-se atraz da corôa, fazendo crer que é a Serenissima Princeza quem quer conservar a escravidão!

Esta injustiça, só, devia ser lembrada ao nobre barão de Cotegipe para deixar o poder.

Transcrevemos os topicos dos entrelinhados do governo, para que o paiz e a Excelsa Regente comparem a creatura e o creador.

« O ministerio actual, principalmente, se não tivesse a responsabilidade do poder e o encargo de manter a ordem social estabelecida, não hesitaria de pôr mãos á obra completa da redempção!! »

O ministerio, que é o reducto da escravidão, proclama assim a necessidade de um governo que seja a expressão do sentimento nacional!!

Não podíamos ter melhor defesa para a posição que os principios e idéas nos impuzeram.

Os chefes do partido não podem matar, a titulo de disciplina partidaria, as idéas que constituem o apanagio da grande maioria do paiz, nem sacrificar os individuos que sustentam as sans doutrinas que se baseiam na justiça e no direito; porque taes chefes se tornariam a negação do sentimento da verdade e da justiça, sem o qual nenhum partido se sustenta, resultando deste erro a divisão dos partidos.

Infelizmente assim irá acontecer se a oppor-tunidade de uma reforma que acabe com a escravidão e crêe a organização do trabalho, apesar de ser reclamada por todo o paiz, não encontrar da parte do nobre presidente do conselho o apoio que devem ter as causas justas. (1)

Os homens que por suas idéas e seus actos, bem como pelo seu passado, são apontados pelos

(1) O resultado dos erros foi o previsto por nós, vindo os chefes a sacrificar a vida do partido conservador, e augmentar a descrença dos deputados, que ficaram conhecendo o modo pelo qual os odios e paixões arrastam os politicos e o paiz até a revolução que os aniquillará. O Sr. conselheiro Paulino tem por lema: Indemnisação ou republica. O Sr. conselheiro Prado; Federação ou republica. Os liberaes que já tinham o seu programma baseado na *Reforma ou revolução*, mudaram o rotulo, querendo a autonomia das provincias, sem repellir a federação. Nós quizeramos bem saber como é possível dar desenvolvimento a estes programmas sem ir direito á republica.

adversarios, como sendo os mais aptos para resolver as questões sociaes que são reclamadas e acham-se de sobejo amadurecidas no espirito das classes preponderantes, são logo cercados de uma maledicencia insidiosa e que acaba por solapar as reputações provadas; tudo isso com o evidente intuito de evitar que o governo possa vir as mãos daquelles que se identificam com as necessidades reclamadas, e são os obreiros indispensaveis para a grandesa do paiz.

O immortal B. de Humboldt, em seu livro *De la sphère et du devoir du gouvernement*, precisa bem os termos pelos quaes os homens da mesma politica podem reclamar e exigir o cumprimento do dever a que são obrigados os chefes de partidos.

« O fim do homem, não como o suggerem os vãos e fugitivos desejos; mas tal como o prescrevem os decretos eternos, ou immutaveis da razão, é o desenvolvimento o mais extenso e o mais harmonioso de todas as faculdades em um todo completo e consistente, cujo fim, para o qual deve sempre marchar todo o ser humano, e em particular aquelles que querem influir sobre seus semelhantes, é a individualidade do poder e do desenvolvimento. »

O notavel escriptor J. S. Mill, compartilhando estas doutrinas, como as unicas que podem dar direito ás posições adquiridas, concorda com o

B. de Humboldt em que para se chegar áquelle fim são necessarias duas cousas: « A liberdade e uma variedade de situação », sem as quaes não pôde haver individualidade, os partidos se tornarão uma empreza de homens com o fim de desfructar os outros, e a tendencia que anima os mais poderosos a subordinarem e a annullarem os homens, em proveito uns dos outros, acaba por achar que a permanencia da escravidão dos negros e até dos politicos é a cousa mais natural deste mundo.

E' triste que se levante uma politica só baseada na sustentação dos escravos; não é justo nem nobre que quando um partido faz do desaparecimento da escravidão o seu programma, o outro faça da sua manutenção o seu unico ideal.

Em nome da verdade e da justiça que deve presidir ao paiz, urge que seja liquidado este ponto, não podendo aquelles que como nós têm idéas conhecidas, conservarem-se silenciosos, desde que o nobre b̃arão de Cotegipe solemnemente declarou que jámais consentirá que se altere a lei de 28 de Setembro, ficando assim a politica do gabinete caracterisada pelo immobilismo!

Tendo consagrado lealmente os nossos esforços para promover leis que organisem o trabalho e façam desaparecer a escravidão sem o odio das provincias, umas para com as outras, não podemos

vêr sem muita tristeza, o modo pelo qual o distincto barão de Cotegipe quer evitar a solução da questão servil, e o sacrificio que fazemos, se amesquinha o nosso procedimento no animo do governo, compensa os nossos esforços induzindo os leitores a comparar os males do futuro pelas necessidades a que os homens que dirigem seriamente a opinião e aquelles que vivem da lavoura, sempre explorada, hão de ser obrigados a lançar mão, uma vez que os reclames da lavoura, das provincias e dos partidos, só podem achar da parte do governo—o desprezo e a perseguição, ou, o que é peor, o conselho que se dá: podeis ficar certo que nada se fará.

Propiter vitam vivendi perdere causas

Este verso tão antigo, é sempre novo, porque elle encerra a verdade do conceito a que se agarram aquelles que julgam que a defesa dos interesses da escravidão, é a defesa da sociedade a que pertencem !

Exclamar que toda a lei que pretender diminuir o prazo da escravidão é uma lei de desorganisação do trabalho, e dizer que a grande lei do trabalho consiste em «deixar-se trabalhar», é absurdo que repugnaria ao bom senso, se elle não fosse por si inaceitavel, desde que, sendo uma proposição

certa para os povos livres, se a quer applicar aos escravos!

Todavia, a indolencia e a inercia, que caracterisam a vida daquelles que se habituam a viver só do serviço do escravo, acabam por dar á sociedade, onde o numero dos que assim pensam é numeroso, um cunho de decadencia caracterisada pelo luxo e pelas dividas, que são amparados pelas leis casuisticas do credito e hypothecas, de modo que o resultado da fortuna particular, dá um excesso de despeza que arrasta á ruina aquelles que julgavam-se mergulhados na fortuna, provando-se assim, que nem sempre a felicidade consiste em gozar as vantagens e os lucros do trabalho, se este trabalho só tem por base a escravidão.

Mais prudentes e conhecedores do futuro, os fazendeiros de S. Paulo resolveram transformar-se em agentes de sua propria fortuna, accommodando-se com as condições do progresso de sua patria, e com os principios da sciencia moderna, e em vez de odiarem e desprezarem aquelles que iniciam o trabalho livre, o proclamam, estabelecendo em suas propriedades o colono, não duvidando declarar livres, conditionalmente, até 1889, os seus escravos. (1)

(1) O glorioso chefe abolicionista Dr. Antonio Bento, de accordo com os seus camaradas de trabalho, em cujo numero me alistei, havia deliberado fazer a abolição dos escravos, ainda mesmo que fosse preciso o emprego da força e da resistencia, até o fim do anno de 1888.

E' preciso não esquecer que aquelles que só cogitam da permanencia da escravidão, approximam os destinos de seus patricios com os da instituição que defendem. O observador vê o reflexo desta verdade na morte dos partidos e na descrença que domina o espirito publico, o qual recebe da indiferença o contingente mais triste, de modo que o governo, parecendo forte pelo muito que pôde como uma força de resistencia imposta ao progresso, não vale nada perante sua propria consciencia, como elemento de força, porque o meio que o rodeia a absorve e a transforma em indiferença e em terror.

Taes são os symptomas que annunciam as situações falsas, que quando pensam haver dominado os seus amigos, abraçado e sitiado os seus adversarios, não têm feito mais do que estabelecerem os alicerces de sua propria ruina ! (1)

Manter a escravidão a todo o transe, não alterar uma virgula á lei de 28 de Setembro de 1885, pôde ser o programma do governo ; para este programma elle pôde proclamar que tem o apoio do parlamento, que é feitura sua, sendo um o creador e o outro a creatura ; entretanto, aquelles que assim se julgam com tanta força não fazem mais do que preparar um artificio em um edificio pro-

(1) Realmente a questão militar junto a desmoralisação do ministerio da regencia provaram o que previamos, mostrando-se o governo incapaz de sua alta missão.

prio, mas que desabar imediatamente quando houver uma manifestao verdadeira da opinião pública, ou quando a Serenissima Princeza Imperial Regente,  cuja bondade e sentimentos se devia render o governo, se convencer que a maioria imensa dos brasileiros quer acabar a escravidão, e a resistencia opposta pelo nobre barão de Cotegipe não faz mais do que preparar um movimento revolucionario, que deve po termo a ella, desde que a justiça e a vontade da naõ so interpretadas de modo a opprimirem estas duas forças, nas quaes são somente se po apoiar um paiz livre.

Embora representante obscuro do partido conservador e fazendeiro, nós trahiramos a nossa propria patria se mais do que as consideraoes da amizade, não dissessemos lealmente a verdade que deve faliar uma linguagem simples e sem arte.

O prazo marcado e aceito para a liberdade dos escravos pelos chefes dos dous partidos po parecer aos que acreditam muito nas forças da escravidão, digno de uma missa, mas isso não impede que o anno de 1888 seja o ultimo da escravidão no Brazil, porque a lei fatal do progresso não morre, desloca-se muitas vezes e so assim será a monarchia digna da sua grande missão. (1)

(1) Realisou-se quanto prevíamos. A alusão a uma missa  em referencia ao que disse o Sr. barão de Cotegipe ao conselheiro Prado.

O CONSELHEIRO BELISARIO

I

Os homens que sabem medir a força de suas virtudes pelo poderio de que dispõem, enganam-se muitas vezes, porque se esquecem que o verdadeiro espelho de nossa vida, é o curso da propria existencia.

Quem acompanhou a politica do ex-ministro da fazenda em relação aos conservadores abolicionistas, quem viu as preferencias, a intervenção e as instrucções, por que foi governado o Ceará, e comparou o modo de proceder do governo para com os antigos e dignos representantes do partido conservador do Ceará, poderá ser juiz na questão que se originou da contestação feita pelo Sr. conselheiro Belisario, aos conceitos que enunciei na Camara.

Antes de entrar na apreciação que farei dos actos do Sr. conselheiro Belisario devo dizer, por

lealdade, que a ninguem absolutamente ouvi, afim de proceder do modo por que o fiz, e devo tambem uma explicação ao integerrimo magistrado Sr. Dr. Macedo Soares que viu nas palavras que proferi referencia á sua pessoa.

Não foi della que eu tratei, porque eu ignorava mesmo que S. Ex. fosse substituto, e dizendo que o ex-ministro da fazenda só fizera o regulamento dos feitos da fazenda, depois da nomeação do seu parente para juiz de direito, pareceu-me claro, que a referencia a que fui forçado fazer, pelo modo insolito por que fui contestado, devia-se entender com a pessoa do verdadeiro substituto, que era o digno Sr. Dr. Soares de Souza, nomeado juiz de direito.

A confusão que fez o Sr. Belisario pôde dar prova de sua conducta, e attestar o quilate deste presumpçoso e atrevido pagador de divida bancaria.

Entretanto, a exposição que fez o preclaro magistrado prova a redução que fez o ex-ministro nos emolumentos do juiz dos feitos, não adiantando em cousa alguma a consideração de que fôra o movel do ex-ministro o interesse geral, visto como, do que se trata é de verificar:

1.º Que S. Ex. não quiz despachar a representação feita pelo thesouro, para o fim de apressar a cobrança dos impostos.

2.º Que S. Ex. fazia isso para prejudicar ao juiz.

3.º Que o regulamento feito por S. Ex. prejudicou ao juiz em quantia avultada; que eu calculei em 18 contos por anno, porque foi a informação que me deram na repartição do Juiz dos Feitos da Fazenda.

Para bem se apreciar o procedimento do ex-ministro conviria comparar as vantagens pecuniarias que o digno magistrado Dr. Macedo Soares fez, quando substituiu o juiz dos feitos, com aquellas alcançadas por este nos mezes em que serviu.

Este trabalho eu não sei se poderei fazer porque depende de informações que vou solicitar, mas, para não demorar a resposta que devo ao artigo do distincto magistrado, eu servir-me-hei dos dados que S. Ex. apresentou e que provam que antes do regulamento S. Ex., como juiz dos feitos, recebeu em 7 mezes 3:645\$000 e depois do regulamento nos mesmos 7 mezes 425\$000.

Quanto á questão da intervenção do ex-ministro em referencia aos abolicionistas cearenses, é facto provado, que desde que o Ceará libertou-se, os homens politicos escravocratas, que são os indeministas de hoje, empregaram todos os esforços para evitar e desfazer aquella salutar, nobre e grande evolução por que passou minha provincia; irrita-

vam-se com aquelle grande acontecimento, não querendo que se fallasse do Ceará, e o modo por que fomos tratados pelo gabinete 20 de Agosto e especialmente pelo ex-ministro da fazenda é a prova do meu asserto.

Não vem portanto a proposito a comparação que o digno magistrado fez de sua pessoa veneranda para todos nós abolicionistas, com a daquelles que soffriam os effeitos da má vontade do ex-ministro e viam os seus amigos politicos tratados com desdem, e os seus adversarios, que se adaptavam aos planos do ex-ministro, tratados com todas as preferencias, até mesmo nas nomeações politicas.

E' bem diverso o papel que o governo representava para com os que eram politicos militantes, deputados ou senadores, comparado com o procedimento que tinha para com os outros distinctos co-religionarios, que como o nobre Dr. Macedo Soares, apesar do seu procedimento correcto como magistrado, tinha ainda a fortuna de pertencer á familia do Sr. conselheiro Belisario, que não reparou, quando procurou fazer no senado o inventario do meu casamento e do emprego que dous irmãos meus têm nas provincias onde residem, que os empregos publicos não podem ser creados sómente para a sua familia.

Iniciando esta discussão eu sinto que no pri-

meiro artigo que escrevo eu tivesse, a par dos conceitos que faço com applicação ao enfatuado ex-ministro, de referir-me ao digno magistrado que é o ornamento da justiça em minha patria, e que verá agora que eu não tive sequer a intenção de tratar de sua pessoa.

Este incidente me priva de uma mais larga apreciação sobre a individualidade do Sr. conselheiro Belisario, que será o objecto dos meus artigos.

II

Semelhante ás moscas venenosas de que falla Virgilio, que ferem os individuos sobre os quaes repousam, mas nunca enterram o agulhão em si proprias, porque o perdem e com elle a força que têm ; assim é o Sr. conselheiro Belisario :

Vitasque in vulnere ponunt.

Deixam a vida na ferida que fazem.

Realmente descobre-se o individuo pelo modo por que enuncia o seu pensamento, e a circumstancia de haver S. Ex. se referido á minha humilde individualidade, com tanta ira e perversidade prova bem os instinctos que o dominam.

Feriu-me S. Ex. ; mas eu farei voltar o agulhão da mosca sobre o proprio corpo, para que deixe alli o veneno com que feriu-me.

Sei quanto a doçura apparente do trato encobre as faltas e erros, e o nosso grande moralista Marquez de Maricá não errou quando disse :

« A hypocrisia é uma mascara com que se occultam os defeitos. »

Esta doçura porém é o fermento com que os homens de espirito fabricam os odios e os tor-

mentos que preparam para as suas victimas, certos como vivem dessa philosophia corruptora que ensina : os fins justificam os meios, e o veneno é o nectar dos deuses.

O regimen da escravidão gerou entre muitos males o perverso instincto da malvadez e do odio, e por isso se vê que os homens que têm a mesma afinidade deste genero de crueldades moraes exercidas pelas vinganças feitas por lei, eram os intimos confidentes, os visinhos que todos os dias entretinham a conversação entre os assumptos lugubres dos carceres escuros e das cabeças a raspar, ou dos prejuizos que pudessem provir sobre os homens de bem que não se amolgassem á philosophia destes novos epicuristas, que faziam da exploração da raça negra o ideal da virtude, da fortuna, do saber e da moral !

Mas o fatuo ex-ministro esquece-se que a moral que provém do interesse sordido e mesquinho, pôde elevar os homens, emquanto não são bem conhecidos, pôde fazer com que o poder de que se rodeiam os colloque em pé de pagarem as dividas adquiridas pela voraz fome da riqueza, nestes jogos e syndicatos que destroem tantas vezes as esperanças e os capitaes ; mas esta mesma moral que eleva os homens ao poder é a que os destroe no conceito publico, porque o ministro que consente para

pagar as suas dividas, servir-se da sua posição de ministro da fazenda em uma situação que se inaugura, e consegue que a sua propriedade hypothecada passe da carteira hypothecaria de um banco para a carteira commercial, mudando assim a natureza da divida e violando-se o regulamento do Banco, em favor do devedor, que horas depois ia ser o ministro da Fazenda, além do pagamento a prazo longo com abatimento de dezenas de contos, pagando só 3 % de juros, não tem o direito de retaliar, atirando no seu discurso insinuações perversas como aquellas que me fez S. Ex., de ser o dinheiro o unico movel dos meus actos e da minha familia, a qual S. Ex. descreve, fazendo o pai—ir mendigar á sua casa os emolumentos, porque se não os recebesse iriam para o substituto; os filhos: um casando-se com filha de fazendeiro, outro procurando um tabellionato rendoso na provincia de Minas e outro um emprego de 500\$ em S. Paulo.

Um ex-ministro que para se defender de uma accusação formulada nos termos os mais cavalheiros, ousa vir para a tribuna irresponsavel fazer perversas insinuações como estas, está julgado.

Por que razão poderia eu andar agarrado ás abas da casaca do venerando Sr. barão de Cotegipe, o qual considerando-me, como S. Ex. mesmo confessa, um grande abolicionista, oppunha-se á minha eleição?

Fui eu porventura pedir esta protecção, ou limitei-me a fazer ver a S. Ex. por intermedio de amigos que eu era candidato acceito pelos meus chefes na provincia e que por conseguinte queria que S. Ex. não se oppuzesse á minha eleição, creando-me embaraços?

Bem diversa é a posição daquelle que tem o apoio da provincia e dos chefes, e pede ao venerando chefe que não o mande guerrear, para a posição daquelle que se constitue em uma alliança com um grupo de adversarios para o fim de elegerem aos que são escravocratas e guerrearem aos que não o são.

Se aquelle é o meu papel, teria sido tambem o do fatuo conselheiro?!

Não admira, portanto, que este genuino escravocrata se irrite contra os conservadores, que não julgam que se possa, depois da liberdade de 600,000 homens, reduzil-os a dinheiro, não para beneficiar os infelizes, mas para encher o bolso dos que os exploraram.

Para taes homens, as familias que viram seus chefes se levantarem por si, crearem importancia e conservarem a estima que rodeia os seus filhos, são familias condemnadas, sem importancia.

E' porque se quer destruir estes germens fecundos da democracia brasileira, que a camara e

o paiz assistem ás scenas compungentes que ainda hontem tiveram logar, vendo-se o intelligente parente do Sr. conselheiro Belisario demonstrar que o venerando Sr. conselheiro Andrade Figueira é um filhote, sem importancia, sómente eleito porque seus parentes quizeram e em vespervas do eleitorado retirar-lhe o mandato, talvez porque assim o quer o poderoso Belisario.

Para o pretencioso conselheiro eu não passo de outro filhote agarrado ás abas da casaca do Sr. barão de Cotegipe, e que estou ameaçado por igual, visto que já hontem na camara foi o *alter ego* do Sr. conselheiro Belisario incumbido de defender os direitos dos deputados provinciaes do Ceará!

E' por isso que o pretencioso ex-ministro protegeu a eleição do meu particular amigo e collega Dr. Manso, e fomenta os odios e as paixões indemnistas afim de provocar a revolução ou intimidar ao governo para que o poder venha ás suas mãos pela ameaça, ou pela revolução!!!

A physionomia moral do conselheiro está bem parecida com a natureza do corpo que a encerra.

O homem é enfeitado, delicado, affectado, grave e orgulhoso.

Epicuro considerando que os mortaes têm tudo que lhes é necessario, e que apezar das riquezas, glorias e honras, todavia, não deixam de ser preza de mil pezares interiores e que não podem deixar de gemer como escravos em ferros, concluiu por isso, provir todo mal do proprio corpo, que já por si corrompido, altera e estraga tudo que nelle se contém.

E' assim o presumpçoso ex-ministro, tendo talento e experiencia, os dois grandes mestres da vida, aprendeu e escreveu em suas *Notas de um viajante*, cousas uteis que todos nós abolicionistas praticamos e defendemos; mas quer o autor, arrastado pelo vezo máo de sua natureza, deixar de parte os conceitos que escreveu, para ser sempre o dissidente a fomentar odios máos no seio do partido, o gestor da fazenda nacional cheio de programmas e de methodos aparatosos para a cobertura do cambio, para o equi-

librio da receita com a despeza, para elevar o valor da moeda fiduciaria ao par, para crear fontes de receita nos impostos de profissão, tributando de modo compressor as provincias abolicionistas, ao ponto de os elevar no Ceará, Amazonas, Rio-Grande do Sul e S. Paulo, de modo injusto.

E' sempre o mesmo homem que, quando redigia o *Brazil*, atacava o Imperador e fomentava a republica, sendo depois o ministro submisso e idolatra do rei.

A sua conducta, indo trabalhar pela eleição dos republicanos, e querendo depois o poder, é o espelho do seu caracter.

Tudo isso quiz fazer S. Ex.^a com aquella clarividencia que as lições da sciencia lhe deram, mas os seus actos sempre tortos, sempre falhos, cada vez peioraram mais a situação de nossa patria. Os seus erros e a sua politica de odios, alterados pela natureza do corpo, isto é, do individuo que fazia a politica das vinganças e do esclavagismo, produziram os fructos necessarios, estragados pela reacção da chimica politica do Sr. Belisario, que afinal de contas só sabe lidar com as finanças do Imperio pelo processo com que geriu as suas proprias finanças e fazendas.

Parece que S. Ex. aprendeu com algum vesgo que tendo a vista clara pelo saber que possui,

todavia tem o olhar torto, e por conseguinte vê bem, mas quando anda segue o caminho errado, admirando-se de que aquelles que dirigem o governo do paiz com sabedoria, prudencia, honradez e prestigio, consigam tudo quanto o bem-estar de um povo pôde desejar, sem entretanto representarem os espectaculosos papeis do ex-ministro, que indignado com a ingrata sorte e com os fermentos de sua bilis, em constante elaboração, vê arruinados os seus planos, e exclama ironicamente em seu ultimo discurso para ferir o benemerito conselheiro João Alfredo :

« Se no fim da sua administração, os negocios publicos correrem com felicidade; se atingirmos ao idéal de todas as boas finanças; se no meio dessas vacillações, dessas incoherencias e contradicções, a fazenda publica se pudér manter prospera, teremos resolvido um grande problema; podem os economistas queimar os seus livros, os homens de estado escarnecer da experiencia, e os homens de negocio rirem-se da sua pratica, nada é necessario — *il mondo vá da sé.* »

Não admira que seja arrastado, quem não soube guiar se a si proprio, e apezar da impavidez com que julga o fanado conselheiro os outros homens, S. Ex.^a ha de notar que a imbecilidade que S. E.^a descobriu em mim, começa a invadir o seu

espírito, por que imbecil é aquelle que como S. Ex., faz tudo ao contrario do que ensina e do que escreve.

« O papel do Estado em relação á repartição das riquezas, diz Le Roy Beaulieu, não consiste em dar a uns para tomar a outros, em fazer do imposto um instrumento de equilibrio das desigualdades sociaes. »

Entretanto este foi o objectivo do ex-ministro que nos seus impostos de profissão e nos seus regulamentos, só pretendeu ferir aos abolicionistas e as provincias que se libertavam !

Um financeiro de tal quilate que concebeu o plano do sindicato e que como redactor do *Brazil*, jornal que se fundou para defender os interesses do partido conservador, mas que S. Ex.^a transformou em defensor da escravidão, bem pôde olhar para o seu passado e vêr quanto é semelhante o Chico Belisario antes do poder cair-lhe nas mãos, atacando ao Imperador, ameaçando-o com a republica, com o Belisario de hoje, a fomentar as paixões dos indemnistas, a auxiliar o movimento republicano, a fazer a dissidencia do seu partido a entrar em occultos conchavos, a fazer a intimidade, o cochicho e o amplexo com os adversarios mais desejosos do poder ; sempre possuido do mesmo pensamento do dominio sobre os

outros homens, idéa filha do espirito escravocrata que o guia e o perde ao mesmo tempo.

Tal é o poder do meio que fatalmente arrasta os individuos das mais altas posições, ás mais baixas paixões que os dominam.

Assim como a aurora annuncia o dia, a intelligencia revela o homem tal qual elle é. O Sr. Belisario ou mudará de rumo, ou ha de ficar devorado pelas suas proprias ambições.

IV

O acaso faz com que muitos homens sejam collocados em altas posições, e os espiritos fracos são levados a crêr que onde ha poder, ha merito.

O conselheiro tem, é verdade, um conhecimento exacto das fraquezas humanas e este conhecimento na opinião de Montaigne assegura um alto grão de successo na vida pratica, em que o empavonado ex-ministro é mestre.

E' por isso que elle ficou persuadido que todos aquelles que não frequentaram a sua casa, e não receberam o sorriso com que illude e trahe aos homens, eram simples imbecis, achando-me S. Ex. entre estes talvez porque S. Ex. ignora que para se chegar á perfeição moral é preciso a pratica de bem julgar dos outros e de si proprio.

Mas, a physionomia moral do conselheiro ficou bem traçada nos meios que empregou para collocar-se rico depois dos desastres, e é por isso que S. Ex. esqueceu-se que a consciencia, quando é bem guiada, é, como o character, um dos elementos de todo o successo da nossa vida.

Em nosso livrinho, que publicamos no passado anno, *Intelligencia e moral do homem*, já nós pre- viamos os conceitos que o enfatuado e atrevido conselheiro poderia emittir a nosso respeito, quando dissemos :

« Por mais doloroso que seja para a nossa consciencia o juizo que muita gente boa faz de nós, cumpre confessar que não devemos ter outro juiz senão o amor proprio que é, nessas occasiões difficeis, nosso proprio amigo, nossa consciencia. »

Acostumado a viver como um gallo de ter- reiro, a dar nos outros, a desprezar, a fazer insinua- ções e a ter sempre quem o elogie e quem o eleve, o fatuo conselheiro julga dos outros com uma im- becilidade que só é digna das moscas, com as quaes já o comparei. (1)

S. Ex. está quasi como Phocion que ligou tão pouco caso ao juizo do povo a seu respeito, que, estando certo de ser sempre muito applaudido, levava para junto de si um amigo a quem pergun- tava de vez em quando : « Terei eu dito alguma tolice ? »

Ainda no penultimo discurso que fez o fatuo conselheiro, eu presenciei isso ; mas S. Ex. usou

(1) As moscas sentão-se em todos os pratos e julgão-se grandes, por que repousão sobre nós. Ellas levão e trazem o veneno, e tal como vivem assim morrem, cheias da presumpção que as domina.

de modo mais accommodado a sua hypocrisia e apparente gravidade. S. Ex. perguntou: Terei eu sido claro?

Aproveitando se de uma authorisação legislativa para harmonisar os impostos, julgava o pretencioso ex-ministro que, á força de o chamarem estadista, podia fazer os impostos sobre profissões, tendo por causa d'elles despertado o clamor publico; e, querendo dar a feição de suas obras nessa obra prima que fez, feriu as provincias que se libertaram, porque para S. Ex. a vingança na bolsa dos que ousavam libertar a nossa patria, era o objecto de toda a sua cogitação, tendo a illustrada redacção da *Gazeta de Noticias* escripto um bellissimo artigo protestando contra a violencia que o escravocrata ex-ministro julgou-se autorisado a fazer.

O que admiro mais no procedimento insolito com que me aggredu o fanado conselheiro é a coragem com que negou os males que fez aos abolicionistas, elle que junto dos escravocratas achava, no tempo do seu dominio, grande prazer em contemplar as suas obras!

Agora porém o passado é já considerado esterquilinio, no qual S. Ex. não ousa entrar, e por isso exclamou como se fosse já um victorioso, comparando a questão travada entre nós, como se fosse entre dous jogadores que apuravam os seus

propios defeitos: « Esse deputado teve a imbecilidade de acreditar que eu me defendesse. »

A ira de S. Ex. fez esquecer que elle proprio fez o seu julgamento quando fallou, porque, se a questão era entre mim e o conselheiro, quem será o verdadeiro jogral?

O grande Seneca em sua epistola 30 diz:
Quæ fuerant vitia, mores sunt.

Os vicios dos tempos antigos passam a ser costumes de hoje.

Eis ahí a razão por que o enfatuado conselheiro quando se compara, não se enxerga, elle está—*rempli de soi même.* (1)

(1) Querendo defender-se, disse S. Ex.: « Soube da existencia deste deputado, por ter ouvido dizer que se casara com a filha de um fazendeiro rico. » Publico sem commentario no fim desse folheto o contracto de dote que foi feito a este individuo, pauperrimo antes do casamento e que hoje ousa trazer para o Parlamento taes accusações. Esta escriptura vae acompanhada da outra que se póde a ella comparar pela afinidade do jogo com que o meu perfido inimigo quiz augmentar sua fortuna.

V

Para bem se avaliar do homem é preciso que se o torne bem conhecido.

O instincto e a physionomia moral do conselheiro poem em evidencia o physico do enfesado pseudo estadista que, de uma simples autorisação, concedida pelo poder legislativo, fez o decreto de 16 de Outubro de 1887, em que feriu todas as profissões, e com a iniquidade da lei, para a qual não tinha autorisação legislativa, creou o ex-ministro os profundos desgostos que fazem explosão, principalmente nas provincias abolicionistas, feridas iniquamente pelo hypocrita conselheiro que, depois de fazer a lei tyranica e illegal, veiu aconselhar agora aos contribuintes para que não pagassem os impostos!!

Por este acto se evidencia o homem, tal qual é, isto é, o mesmo que ousou ferir o character do meu venerando pai, vendo na visita á sua casa, embora nas vespervas da abertura do senado, não o funcionario publico a cuidar dos interesses do Estado, prejudicados pelo ex-ministro, mas o pedinte.

Este facto prova quanto é pequenino o homem que, para vingar-se dos abolicionistas, fez os dois regulamentos para cobrança dos impostos. (1)

Vejamos se foi no interesse geral, ou dos contribuintes que o pequenino estadista se baseou, quando julgou-se autorizado a promulgar o decreto n.º 9,766 de 14 de Julho de 1887, que estabeleceu novas regras para o lançamento e cobrança do imposto predial e pennas d'agua, fundando-se para isso no art. 28 da lei n.º 3,313 de 16 de Outubro de 1886, conforme declara o citado decreto n.º 9,766, quando, entretanto, não houve semelhante autorização e consequentemente exorbitou elle das attribuições que lhe eram conferidas na qualidade de parte do poder executivo.

Vejamos qual é a disposição do art. 28 da lei n.º 3,313, em que, com tanto arrojo, se fundou o ex-ministro para expedir aquelle decreto.

« Lei n.º 3,313 de 16 de Outubro de 1886.

« Art. 28. Os orçamentos da receita e despesa do Imperio para o exercicio de 1886—1887 regerão tambem o primeiro semestre de 1887—1888.

(1) A imputação feita ao venerando visconde de Jaguaribe foi tão perversa e indigna, que desde este dia todos os homens de bem do Sr. Belisario o condemnarão.

Resta que S. M. o Imperador chame-o para ministro, afim de ficar provado quanto a degradação tem corrompido os homens e as cousas do Brazil.

Nas futuras propostas o anno financeiro deverá coincidir com o anno civil. »

Onde está aqui a disposição que facultasse ao governo a necessaria autorisação para alterar tão profundamente, com gravame extraordinario do contribuinte, os regulamentos anteriores sobre a cobrança dos impostos?

Na 1.^a parte, não, porque contém uma simples prorogação dos orçamentos de 1886 — 1887, por mais um semestre afim de que pudesse ser observada a disposição da 2.^a parte do artigo : — *coincidir o anno financeiro com o civil.*

Na 2.^a parte ainda menos, porquanto trata sómente do modo por que d'alli em diante deviam ser feitas as propostas de orçamento, nada dizendo absolutamente sobre a maneira de proceder-se á cobrança !

E se tal autorisação não foi dada ao governo na citada disposição (art. 28) é porque o legislador entendeu, e muito bem, que a alteração resultante da mudança dos annos financeiros em *nada absolutamente* affectava o modo de effectuar-se a cobrança dos impostos sujeitos a lançamento.

Com effeito assim é : a cobrança se continúa a fazer semestralmente dos semestres contados de Janeiro a Junho e de Julho a Dezembro, com a unica differença que o semestre que d'antes era

segundo nos antigos annos financeiros, que se contavam do 1.º de Julho a 30 de Junho, passou a a ser primeiro semestre nos annos financeiros actuaes, que se contam do 1.º de Janeiro a 31 de Dezembro.

Fica, portanto, demonstrado que não é na disposição do art. 28 da lei n. 3,313 que o Sr. Belisario encontra justificação para o decreto n. 9,766.

Mas, quando, pela mudança dos annos financeiros, houvesse motivo para justificar a da época do lançamento dos impostos, não haveria nenhum (a não ser o de méra conveniencia á politica do ex-ministro), para alterar, como se fez, a época da cobrança á bocca do cofre, antecipando-a, diminuindo o prazo para essa cobrança e elevando, sem lei que o autorisasse, a multa *pela móra*, móra que não existe, visto que, pelo *tal* regulamento *illegal*, o contribuinte é forçado a pagar antes do vencimento da divida.

Passemos a apontar quanto esse regulamento prejudicou o contribuinte, em geral tão docil e meigo que sujeita-se a tudo quanto d'elle quizer tirar o fisco.

Pelo regimen anterior ao decreto n. 9,766, a cobrança á bocca do cofre do imposto predial e pennas d'agua era feita nos dois ultimos mezes de cada semestre, de sorte que o contribuinte dispunha

de 60 dias para realizar o pagamento sem multa, findos os quaes incorria na multa de 6 %; hoje essa cobrança se faz em um só mez, 30 dias apenas de cada semestre e com tres mezes de antecipação ao *vencimento da dívida*, isto é nos mezes de Abril e Outubro, quando aliás os semestres continuam a terminar em 30 de Junho e 31 de Dezembro, de sorte que o contribuinte, dois mezes antes do vencimento de cada semestre fica sujeito, sem *appellação ou agravo* a pagar a pesadissima multa de 10 % a que foi elevada a de 6 % até então estabelecida para quem não satisfazia o pagamento até o ultimo *dia do semestre* em que se *vencia a dívida* !

Para não se dizer que esse acto em nada ou pouco prejudica aos contribuintes, conviria indagar qual a importancia das multas impostas aos que deixaram de realizar os seus pagamentos nos sobre-ditos mezes de Abril e Outubro, isto é, quando ainda não podiam de fórma alguma ser considerados em falta, pois que os semestres não estavam findos.

Calcule-se tambem a quanto montam os juros que taes quantias cobradas adiantadamente produziram e ver-se-ha quão iniquo é o tal decreto n.º 9,766.

E este é o grande monumento do pretencioso ex-ministro.

A perseguição feita aos honrados e benemeritos abolicionistas João Clapp, barão de Paranapiacaba e senador Jaguaribe desenha tão fielmente o perverso instinto do ex-ministro, de maneira a ver-se no individuo que aconselha aos contribuinte para que não paguem os impostos, que elle creou, o mesmo financeiro que quando fez o seu emprestimo, longe de guardar o segredo que o cargo e o dever impunham, o fez conhecido dos seus apaniguados.

E é um homem destes que deixou a descoberto o credito do Brazil em Londres, com o seu *plano de cambiaes*, que vem censurar o governo por ter feito o emprestimo que restabeleceu o credito do Brazil, que o financeiro das cambiaes havia pretendido levantar !

Aguardo as informações que pedi e muito sentirei se ellas não vierem antes do encerramento das camaras, que é para o paiz conhecer bem o pretencioso dissidente do partido conservador, que elle quiz escravisar como sua presa. (1)

(1) A queda do partido conservador realisada neste momento em que nos resolvemos a publicar estes artigos, é a prova do mal que a dissidencia fez e evidencia quanto está estragada e corrompida a politica dos partidos, sendo o conselheiro Belisario a aza negra que preparou o desastre.

NOTA N.º I

EXPLICAÇÃO NECESSARIA

O DR. JAGUARIBE E O PARTIDO CONSERVADOR

O eminente estadista brasileiro barão de Cotegipe, defendendo-se das accusações que diz lhe terem sido feitas, na camara temporaria, pelo illustre representante desta provincia, o nosso distinguido amigo Dr. Jaguaribe, disse no senado:

« O honrado deputado que assim me accusava de perseguir os abolicionistas, mesmo conservadores, não lhes dando quartel, tem em si uma prova do contrario. Quando o nobre deputado propoz-se candidato pela provincia do Ceará, eu observei que era elle um grande abolicionista e necessariamente viria contrariar as idéas que o ministerio 20 de Agosto sustentava. Era muito natural que eu não quizesse coadjuvar a eleição de membros que viessem votar contra o governo».

« Mas se me disse que elle era um abolicionista manso; que não havia de sahir das fileiras do partido; que, conservando as suas idéas, todavia não contribuiria para a queda do ministerio».

« Bem; mas a questão estava qual seria o grupo do Ceará que accitaria a candidatura do nobre deputado, o grupo que elle denomina «Zé»? (eu não sei o que é). Não, porque é dos liberaes». O grupo a que parece estar elle reunido hoje, representado pelo Sr. barão de Ibiapaba? Tambem não; o grupo á frente do qual acha-se o Sr. barão de Aquiraz? Tambem não».

« Como, pois, havia de ser deputado o illustre candidato que queixa-se da guerra que eu fazia aos abolicionistas? »

Das palavras do notavel parlamentar se infere que a candidatura do honrado deputado era repellido não só pela dissidencia como pelo partido conservador de que é chefe o Sr. barão de Ibiapaba.

Nisto ha por força engano da parte do illustre senador pela Bahia.

Sobre ser aceita pelo partido conservador a candidatura do preclaro deputado, não podia haver duvida ou questão de natureza alguma.

Ascendendo ao poder o partido, veiu para o Ceará, na qualidade de delegado do governo, o Sr. desembargador Calmon, trazendo da côrte a chapa para deputados geraes na qual figuravam cinco conservadores e tres liberaes do grupo Paula.

Essa chapa organizada e recommendada pelo governo, e aceita na provincia, por amor da cohesão politica e disciplina partidaria, deu logar a que não só o distincto chefe do partido conservador, o Sr. barão de Ibiapaba, como o chefe da dissidencia, dissessem ao presidente que não tinham candidatos, e a razão era que estes tinham sido apresentados pelo governo.

Isto, porém, não quer dizer que se o partido conservador tivesse a liberdade de escolher os seus representantes, não fosse contemplado no numero delles o Dr. Jaguaribe, que não sómente por ser filho do nosso venerando amigo visconde de Jaguaribe, tambem chefe conservador, mas principalmente pelo seu elevado merecimento, já tinha sido apresentado duas vezes pelo partido e apoiado pela dissidencia.

O Sr. Jaguaribe mais do que qualquer outro estava no caso de representar o Ceará.

O benemerito conselheiro Araripe, que é uma gloria do Ceará, que tem prestado á provincia os mais assinalados serviços, e que nunca deixou de ser contemplado na chapa de deputados geraes, pelo partido conservador, que o tem incluído igualmente em chapas senatoriaes, em homenagem ao seu real merecimento, estava menos amparado do que o Dr. Jaguaribe. Aquelle tinha e tem a profunda sympathia e a gratidão de todo o partido, mas este contava mais em seu favor o apoio da dissidencia.

Portanto, se o governo o não tivesse apresentado, seria elle o unico deputado suffragado pelos dous grupos conservadores.

Já duas vezes o partido conservador o tinha apresentado candidato, e em ambas o seu nome foi votado pela dissidencia.

Elle mesmo, no louvavel pensamento de chamar esta ao seio do partido, declarou sempre que não accitaria o mandato naquellas eleições se não fosse apoiado por todo o partido.

O Dr. Alvaro Caminha, o barão de Canindé e todos os candidatos apresentados não tinham os mesmos elementos.

Como pois, e por que razão o respeitavel Sr. barão de Cotegipe disse que a questão estava em saber qual o grupo que accitaria a candidatura do Dr. Jaguaribe, se ella, antes de ser do governo, já era de todo o partido conservador?

No tocante á predilecção do governo pelo grupo «Zé» e seus alliados, ella era manifesta, mas nunca articulámos por isso uma só queixa nem proferimos uma accusação.

Diversos amigos nossos, candidatos a empregos publicos remunerados, foram, em igualdade de habilitações, preteridos por candidatos amigos do Sr. conselheiro Rodrigues Junior.

Mas essa predilecção tinha a sua razão de ser. O grupo Paula tudo promettia em pról do partido conservador, e o seu concurso não era para desprezar, pois entrava, ou promettia entrar na luta armado de tres senadores eleitos com o nosso concurso, e de tres deputados incluídos na chapa pelo governo e por elle recommendados.

E' bem de ver que nós, que nunca creámos embarços á marcha regular do partido, que condemnamos as dissidencias, e por isso nunca a fizemos, preferindo cruzar os braços a engatilhar as armas contra o governo amigo, tínhamos o dever de respeitar as preferencias que S. Ex. mostrava em favor do grupo liberal, que, mais cedo do que se pensava, mostrou o que era, voltando, na primeira oportunidade, para debaixo da bandeira d'onde, havia pouco tempo, desertára.

Em vista das promessas do grupo «Zé» ao Sr. de Cotegipe, entendeu este dever incluir tres nomes dos partidarios desse grupo na chapa de deputados geraes a par de quatro conservadores e do Sr. Torres Portugal.

A estes o Exm. Sr. barão de Ibiapaba deu todo o apoio e prestou o seu valiosissimo concurso, abstando-se, por lealdade ao governo, de intervir nas eleições dos primeiros, concorrendo assim effizazmente para o bom resultado de suas eleições.

Esta é a verdade.

(Editorial da *Constituição*, órgão do partido conservador do Ceará).

NOTA N.º 2

O leitor avaliará por si os termos desse contracto, não esquecendo que desde o dia 17 o presidente do Conselho havia convidado o Sr. Belisario para ministro da Fazenda, e a demora de tres dias foi para que este arranjasse os seus negocios, servindo-se da posição de ministro!!!

Francisco Pereira Ramos, Terceiro Tabellião de Notas, nesta Cidade do Rio de Janeiro e seu Termo, durante a vida do Serventuario Vitalicio Francisco José Fialho, por S. M. o Imperador a Quem Deus Guarde, etc., etc.

Certifico em virtude do despacho do Excellentissimo Senhor Doutor Juiz de Direito da Segunda Vara Civel desta Corte exarado em uma petição e replica a elle dirigidas; que revendo o Livro Geral de Notas deste cartorio de numero trezentos e setenta e tres, nelle a folhas oitenta e cinco se acha a Escripura de que trata a mencionada petição; a qual é do theor seguinte:

Escripura publica de reconhecimento e confissão de divida com garantia, obrigação e hypotheca, que ao Banco do Brazil fazem o Doutor Francisco Belisario Soares de Souza e sua mulher. Saibam quantos este instrumento de escriptura

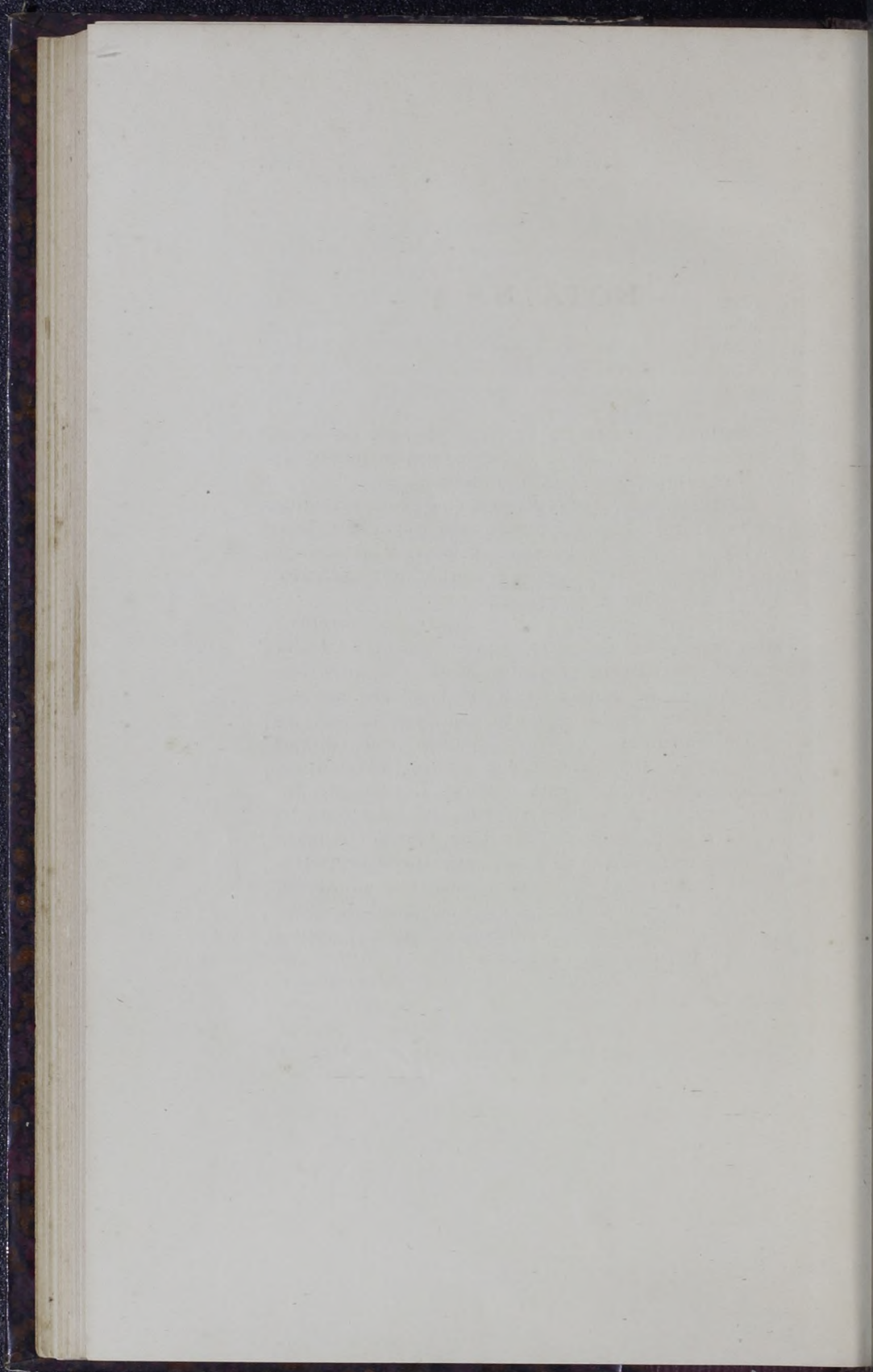
publica virem, que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e oitenta e cinco, aos dezanove dias do mez de Agosto, nesta Corte e Cidade do Rio de Janeiro, e em meu cartorio, compareceram de uma parte como outorgado o Banco do Brasil, estabelecido á rua da Alfandega, desta Corte, numero nove, representado pelo seu presidente o Excellentissimo Conselheiro José Machado Coelho de Castro, e de outra parte como outorgantes e devedores o Douto. F. B. Soares de Souza e sua Excellentissima Senhora Dona Francisca Teixeira Leite Soares de Souza, moradores á rua Dous de Dezembro numero um, desta Corte, de mim conhecidos e das testemunhas abaixo nomeadas e assignadas, de que dou fé. E diante das mesmas testemunhas e pelo Doutor Francisco Belisario Soares de Souza, foi dito, que sendo devedor ao Banco do Brazil da quantia de trezentos e sessenta contos de réis, segundo a proposta que com outros co-obrigados apresentou em vinte e quatro de Julho proximo passado, afim de solverem a caução que haviam solidariamente assignado para garantia de operações effectuadas na compra e venda de café, se reconhecem e constituem devedores ao Banco do Brazil pela referida quantia de tresentos e sessenta contos de réis; que garantem com hypotheca com as condições seguintes: Primeiro. Os outorgantes reconhecem e confessam dever ao outorgado Banco do Brazil a quantia de tresentos e sessenta contos de réis, que se obrigam a pagar lhe nesta Corte no prazo de quatorze annos por annuidades successivas, comprehendendo nellas amortisação e juros de tres por cento na fôrma seguinte: no primeiro ao quinto anno, annuidade de réis vinte e dous contos, cada uma, no sexto ao nono anno, annuidade de

réis trinta e tres contos, cada uma, e no decimo ao decimo quarto anno, annuidades de réis quarenta e tres contos setecentos e quatorze mil cento e setenta cada uma. Segunda. Obrigam-se outrosim de pleno direito, e sem necessidade de se constituirem judicialmente em mora, a pagar o juro de doze por cento pela importancia de qualquer das annuidades que deixar de ser paga no respectivo vencimento, assim como pela de qualquer despeza feita pelo Banco para segurança e regularisação de seu direito creditorio, ou para a cobrança da divida por meios conciliatorios ou judiciaes. Terceira. O pagamento da totalidade da divida será convencionado sempre que se verificar qualquer das circumstancias seguintes: primeira, falta de pagamento da annuidade estipulada na época devida; segunda, falta de denuncia da alienação total ou parcial dos bens hypothecados, das deteriorações que soffrerem e de successos que lhes diminuam o valor ou perturbem a posse dos devedores e occultação de factos por elles conhecidos que produzam a depreciação dos bens e extingam ou tornem duvidoso o seu direito de propriedade, sendo nestes casos de mais devido ao Banco uma indemnisação de cinco por cento da importancia da divida. Quarta. O pagamento poderá ser por antecipação de toda a divida ou parcial. Quinta. Para segurança e garantia quer do principal da divida, quer dos juros estipulados os outorgantes devedores obrigam e hypothecam os bens seguintes: a fazenda denominada da *Gironda* sita á freguezia de Santo Antonio do Aventureiro, municipio de Mar de Hespanha, provincia de Minas-Geraes, contém cerca de trescentos e oitenta e oito alqueires de terras, sendo duzentos e dous e meio na sesmaria da *Gironda*, vinte e dous e meio ditos havidos na fazenda da *Conceição*, por

troca de igual terreno da sesmaria da Gironda ; quatro a cinco alqueires havidos na fazenda da Conceição, no logar denominado *Matto-Dentro*, por concerto de rumos ; vinte e oito ditos na sesmaria Teixeira ; noventa e cinco ditos na sesmaria de Filgueiras, sendo um destacado nas posses do Atterrado, trinta e cinco ditos no sitio da Braúna comprehendendo cinco alqueires de sitio que foi de José Corrêa e onde depois morou Manuel Elias, actualmente em Capoeiras confronta com Simplicio José Teixeira da Fonseca, João Gomes do Nascimento, herdeiros de Ignacio Gomes da Assumpção, Manuel dos Santos Maia, João Gomes Teixeira, herdeiros de Manuel Luiz da Silva, Antonio Jacintho dos Santos, herdeiros de João Teixeira da Rocha, Bernardo Belisario Soares de Souza, Manuel Gonçalves Figueira, Rodolpho Martins do Couto, Marciano Ferreira da Fonseca e Barão de Lourical. A fazenda da *Gironda* tem entre cafezaes velhos e novos cerca de quatrocentos mil pés. Possui terreiros de cal, machinismos de preparar café, assucar, alambique, moinhos, engenhos de serra, de mandioca, machinas de tijollo e outras. Casas de morada, telhas, paioes, estrebarias, curraes, cevas, senzalas, enfermaria, botica e os seguintes escravos de serviço da mesma fazenda matriculados em diversos logares e datas sob numero de ordem na matricula os que vão indicados adiante de seus nomes declarados a saber :

Segue-se os nomes de 185 escravos todos solteiros devidamente averbados na collectoria do Mar de Hespanha. Sexta. Ficam do mesmo modo garantidas pela hypotheca estipulada no artigo antecedente todas as outras dividas e encargos accessorios, que resultarem do presente contracto como despezas feitas pelo Banco do Brazil, para segu-

rança e regularisação de seu direito creditorio e juros respectivos, indemnisações, cobrança amigavel ou judicial e juros da mora, ficando esta parte da responsabilidade estimada de *commun accordo*, na *somma* de réis trinta e seis contos, salva a redução que afinal da liquidação venha a determinar. Sétima. Os outorgantes devedores são senhores e possuidores dos bens por esta hypothecados, em virtude dos titulos seguintes: escriptura publica de compra de vinte de Julho de mil oitocentos e setenta e quatro, tabellião S. Loboto Sobrinho desta Corte, feita por João B. Soares de Souza e F. B. S. de Souza a Dona Maria Guimarães Teixeira Leite e seu filho João Henrique Teixeira Leite, que houveram no inventario de seu fallecido marido e pai o Commendador José Eugenio Teixeira Leite, e por escriptura publica de um de Abril de mil oitocentos e setenta e seis, lavrada em notas do mesmo tabellião, passou a mesma fazenda a pertencer exclusivamente ao outorgante. Oitava. Os outorgantes declaram que são casados, segundo o regimen da *communhão* de bens em todos os bens do casal menos em cem apolices da divida publica em que a outorgante se dotou no contracto ante nupcial constante da escriptura publica de vinte e dous de Novembro de mil oitocentos e sessenta e quatro, lavrada em notas do tabellião Francisco de Paula Ferreira São Thiago, desta Corte, contracto que firmou a *communhão*, com regra para os demais bens; que nunca foram tutores de menores, ou curadores de interdictos, que não existe hypotheca.



NOTA N.º 3

Mathias Teixeira da Cunha, tabellião de notas do primeiro officio desta côrte no impedimento do Dr. Marcolino Moura e Albuquerque.

Certifico que revendo o livro de notas findo deste cartorio numero dusetos e noventa e tres, e nelle a folhas noventa e seis se acha lavrada uma escriptura que ora me é pedida por certidão, a qual é do thêor e fôrma seguinte :

Escriptura ante nupcial e dote que fazem o Doutor Francisco Belisario Soares de Souza e Dona Francisca Bernardina Teixeira Leite, esta com authorisação e assistencia do tutor João Evangelista Teixeira Leite. Saibão quantos esta virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e sessenta e quatro, aos vinte e dois de Novembro, nesta cidade do Rio de Janeiro, em a rua da Bella Vista, na casa numero quarenta e sete, onde eu tabellião vim a chamado em consequencia da destribuição do thêor seguinte. A São Thiago se destribuiu uma escriptura de contracto ante-nupcial e dote que fazem o Doutor Francisco Belisario Soares de Souza e Dona Francisca Bernardina Teixeira Leite. Rio, em vinte e dois de Novembro de mil oitocentos e sessenta e quatro. Salerno. E ahi, perante mim comparecerão o Doutor Francisco Belisario Soares de Souza, filho legitimo do fallecido Conselheiro

Bernardo Belisario Soares de Souza e de Dona Marianna de Macedo Alvares Soares de Souza, e Dona Francisca Bernardina Teixeira Leite, filha legitima dos fallecidos João Evangelista Teixeira Leite e Dona Anna Bernardina Teixeira Leite, esta menor de vinte e um annos, authorisada por seu irmão e tutor João Evangelista Teixeira Leite que se acha presente e com ella assigna esta escriptura e mediante licença do Juiz dos Orphãos do Termo de Vassouras, a cuja jurisdicção pertence, a qual licença consta do respectivo Alvará que neste acto apresentárão e que vai ser registrado nesta data no actual livro de registros numero sessenta e tres de meu cartorio, conhecidos tanto os contractantes como o tutor, de mim tabellião e das testemunhas abaixo nomeadas e assignadas, do que dou fé, e pelos dois primeiros me foi dito que estando com consentimento do dito seu tutor e do dito Juiz de Orphãos, ajustados e contractados para casarem-se, attendendo ao estado de incerteza em que se achão hoje em nosso paiz todas as fortunas, sujeitas a eventualidades que a maior prudencia e sagacidade não podem em muitos casos acautellar, e reconhecendo nas circumstancias actuaes a vantagem de regular certas conveniencias de cada um, e de ambos e da familia que vão fundar, nesse sentido se haverão convencionado pela maneira seguinte: Será o casamento effectuado e viverão os conjuges no regimen de communhão de bens, que é o costume geral do Imperio, tendo a noiva desde logo inteiro direito á metade de todos os bens que possui e por qualquer fórma, titulo e direito venha a possuir o seu futuro esposo, e ficando este com igual direito á metade dos bens daquella, quer presentes, quer futuros e com inteira e completa administração e disposição delles na fórma das leis

em vigor. Reserva-se porém a noiva dentre os bens que actualmente possui, cem apolices da divida publica interna de um conto de réis cada uma e juro de seis por cento, e são as de numeros sessenta e dois mil e tresentos e cincoenta e um á sessenta e dois mil tresentos e oitenta, de sessenta e dois mil seiscentos e cincoenta e nove a sessenta e dois mil seiscentos e setenta e tres, e de sessenta e seis mil novecentos e setenta e cinco a sessenta e sete mil e vinte e nove, as ques pela presente escriptura constitue a si mesma em dote inalienavel na fórma das leis respectivas, obrigando-se tambem nesta occasião a mesma noiva a não alienar nem dispôr por qualquer modo por acto entre vivos das ditas cem apolices, depois do fallecimento de seu futuro esposo se tiver a infelicidade de sobreviver-lhe, mas a conserval-as durante toda a sua vida, recebendo tão sómente os respectivos juros, de modo que todas as mencionadas cem apolices por sua morte se distribuirão entre todos os seus filhos e outros descendentes na fórma das leis que regulão a successão. Se acontecer vir a fallecer a noiva sem que de seu contracto do matrimonio tenham provindo filhos, ou se tendo-os havido, tiverem estes fallecido sem descendencia, na falta de filhos e outros descendentes, sobrevivendo o marido, terá elle direito só neste caso, á metade das cem apolices constituídos em dote, resolvendo-se assim por esta fórma e contracto dotal no regimen de communhão puro e simples, sem reserva nem excepção das cem apolices e de cousa alguma, como se o dote de que se trata nunca fôra estipulado. Assim justos e convencionados me pedirão lavrasse nesta nota a presente escriptura. Sob numero dusesentos e nove pagarão hoje cem mil réis de sello proporcional do que dou fé, e sendo-lhes por mim lida,

aceitáram e assignão com as testemunhas Domingos Francisco da Cunha e Antonio Corrêa e Castro perante mim e declaro que diz a emenda —vivos— eu Francisco de Paula Fernandes São Thiago, tabellião interino que a escrevi. Francisco Belisario Soares de Souza. Francisca Bernardina Teixeira Leite. João Evangelista Teixeira Leite. Domingos Francisco da Cunha. Antonio Corrêa e Castro. Nada mais continha a escriptura donde bem e fielmente fiz extrahir a presente publica fórma que conferindo subscrevi e assigno em publico e raso. Rio de Janeiro, aos vinte e oito dias do mez de Maio de mil oitocentos e oitenta e nove. E eu Mathias Teixeira da Cunha que subscrevi e assigno,
Mathias Teixeira da Cunha.

CORRIGENDAS

Encontra-se a palavra Senhor com S e s, provindo o engano da revisão das provas, bem como oppinião ora com um p ou com dois pp.

A pag. 14 — Onde se lê — tem entretanto, V. M., leia-se — teve entretanto V. M.

A pag. 45 — Onde se lê — e outra quando são ministros, leia-se — e outra quando tem ministros.

A pag. 61 — Onde se lê — um grande numero de homens trabalhem, leia-se — um grande numero de homens trabalhe.

A pag. 68 (Nota) — Onde se lê — 1889, leia-se — 1888.

A pag. 84 — Onde se lê — enquanto não se fiser, leia-se — enquanto não se fiser a.

A pag. 116 — Onde se lê — egislação, leia-se — legislação.

A pag. 119 (Nota) — Onde se lê — julho, leia-se — Junho.

A pag. 129 — Onde se lê — que são os que governam; na Camara, leia-se — que são os que governam na Camara.

A pag. 191 (Nota n.º 2) — Accrescente-se no fim da 6.ª linha — Conforme se vê na publicação feita pela *Gazeta da Tarde* de Agosto de 1885.

